

www.missionariosnazarenos.pro.br

OS MOSTELLERS



SÉRIE
GRANDES
MISSIONÁRIOS
E PIONEIROS
NAZARENOS
NO BRASIL

2



VIDA E PREGAÇÃO DE

Earl e Gladys Mosteller

To English short version, please open the book by the other cover

sandro
HAYAKAWA



Rev. Earl Elwood Mosteller Jr. e
Sra. Gladys Marie Parker Mosteller
Abril de 2009

ISBN: 978-85-906714-2-8

OS MOSTELLERS:
vida e pregação de
Earl e Gladys Mosteller

série
grandes missionários e
pioneiros nazarenos
no Brasil

volume 2

Sandro José Hayakawa Cunha

Brasília
BRASIL
2 0 1 0

Copyright © Sandro José Hayakawa Cunha

Todos os direitos reservados.

Uso livre para fins acadêmicos e pessoais, mediante a citação da fonte.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em qualquer sistema de recuperação de informação para fins comerciais.

Projeto gráfico e editoração
Ctrl_Alt_Design (José Cunha)

Capa
Tales de Barros Paes

Revisão
Jaira Coelho Furquim (português)

Versão resumida em inglês (*Short version*)
Arlete Barros, Sandro Hayakawa (tradução)
Karlla Nogueira de Almeida (revisão)
Virginia York (revisão)

Coordenação editorial
Sandro José Hayakawa Cunha

Autor
Sandro José Hayakawa Cunha é
Teólogo pela Faculdade Teológica
Batista de Brasília.
Especializou-se em “Christian
Leadership” pelo
Haggai Institute nos Estados
Unidos.
Na vida secular, é economista e
pós-graduado em Gestão de
Projetos (MBA) e especialista
em Políticas Públicas e Gestão
Governamental (ENAP).
Membro da Terceira Igreja do
Nazareno da Ceilândia, Brasília,
Distrito Centro-Oeste.
É casado e pai de uma filha.

CUNHA, Sandro José Hayakawa.

Os Mostellers: vida e pregação de Earl e Gladys Mosteller / Sandro José Hayakawa Cunha. Brasília: [s.n.], 2010. — (Grandes Missionários e Pioneiros Nazarenos no Brasil; v. 2); 224 p.

Este volume é composto de duas partes. A primeira é em português e termina na p. 192. A segunda, que começa na contra capa, é a versão reduzida em inglês da primeira parte.

Título em inglês: The Mostellers: life and preaching of Earl and Gladys Mosteller.

Título da série em inglês: Great Nazarene Missionaries and Pioneers in Brazil.
ISBN: 978-85-906714-2-8

1. Biografia – teologia prática. 2. Biografia – teologia pastoral. 3. História eclesial. I. Cunha, Sandro José Hayakawa.

CDU
CDD

Dedicatória

Aos que tiveram coragem de enxergar os campos prontos para a ceifa e foram ceifar.
(Jo 4:30)

Principais colaboradores deste volume

Rev. Earl Elwood Mosteller Jr.
Sra. Gladys Marie Parker Mosteller
Sra. Kathleen Joy Mosteller Loeber
Sra. Virginia Gay Mosteller York
Sra. Elizabeth Mary Mosteller Ott

Agradecimento especial

Nossos agradecimentos especiais aos irmãos da Aurora Church of the Nazarene, em Seattle - e ao seu Mosteller Missionary Chapter - por seu amor, por seu carinho, por sua ajuda e por todo o cuidado que tem dedicado aos Mostellers.
Deus os abençoe abundantemente.

Apresentação da Série

“Ó Deus, cada geração anunciará à
seguinte as coisas que tens feito, e todos louvarão
os teus atos poderosos”
(Salmo 145:4 - NTLH)

HOJE, MILHARES DE PESSOAS confessam o Senhor Jesus Cristo como o seu Salvador e congregam nos templos da Igreja do Nazareno no Brasil. Isso é resultado do trabalho evangelístico e de discipulado iniciado pelos missionários e pioneiros nazarenos há 52 anos.

De certa forma, isso também é a resposta do Senhor Jesus Cristo à oração que o reverendo Earl Mosteller fez no início dos trabalhos no Brasil, conforme registrado no seu diário (*Brazil Diary*):

“13 de outubro de 1958. Ontem nós tivemos um culto na casa dos irmãos Stegemoller e hoje fizemos uma festa em nossa casa para comemorar o jubileu de ouro [pelos cinquenta anos] da nossa amada Igreja do Nazareno. Contando as crianças, nós éramos somente doze, mas com Deus, somos a maioria! Quando a Igreja do Nazareno no

Brasil celebrar os cinquenta anos dela, esperamos que o avanço seja comparável ao da nossa igreja geral”.

A série Grandes Missionários e Pioneiros Nazarenos no Brasil é resultado de pesquisas histórico-biográficas sobre os primeiros anos das missões nazarenas no País. Os livros desta série registram, em edições português-inglês, a obra dos missionários e dos pioneiros na ordem cronológica em que eles chegaram ao Brasil.

Esta coleção tem o propósito de glorificar ao Senhor Jesus Cristo da seguinte forma: 1º) homenagear os casais missionários e os casais pioneiros nazarenos e os seus respectivos filhos, em uma expressão de gratidão; 2º) inspirar a nova geração de evangelistas, pastores, pregadores e missionários brasileiros; e 3º) cooperar com o registro do trabalho missionário nazareno no Brasil.

Os próprios casais missionários e os casais pioneiros, e os seus respectivos filhos, foram os principais colaboradores das pesquisas. Outros missionários, pastores e irmãos que acompanharam o ministério deles também colaboraram. Também foram consultados livros e outros materiais impressos que registraram a história da Igreja do Nazareno e das suas missões, além de outras fontes¹. Para este volume, contamos com a colaboração de alguns irmãos, pastores e missionários de Açores, Brasil, Cabo Verde, Malawi e Portugal.

O *web site* complementa esta série. Por meio dele, os interessados poderão consultar ou imprimir os livros (*download*) gratuitamente, consultar as fontes da pesquisa, ler artigos dos homenageados, visitar as galerias de fotos ou ouvir o conteúdo dos livros por meio dos *audiobooks*. Visite hoje:

www.missionariosnazarenos.pro.br

¹ As fontes da pesquisa estão disponíveis em: www.missionariosnazarenos.pro.br.

Prefácio

ALGUMAS PESSOAS SÃO PRIVILEGIADAS. Eu sou uma delas. Convivi com gigantes em caráter. Convivi com os sonhos, com as lutas e com as visões. Mas melhor ainda do que conhecer, eu caminhei ao lado de dois gigantes! Um italiano, outro americano.

Um dia eu convidei o doutor Mosteller para que ele fizesse uma visita aos meus pais. Esse era um gigante também em estatuta. Com dois metros de altura, eu me sentia quase um anão ao lado dele.

Eu era jovem e observava tudo. Durante a viagem de Campinas até Itaú, Minas Gerais, eu ficava olhando o jeito dele dirigir a Kombi usando os dedos indicadores como uma bússola. Saímos da estrada, passamos pela cidade e chegamos ao sítio dos meus pais, seguindo com a “bússola”. Havia poucos anos eu saíra de casa para ganhar a vida na cidade grande, então era bom estar em casa de novo, rever o lugar onde eu cresci.

Ao chegar, eu vi dois gigantes frente a frente. Meu pai, severo imigrante italiano, e o doutor Mosteller, missionário Americano que falava o português de Portugal. Os dois criados no campo, foram agricultores como primeira profissão. Depois do delicioso almoço preparado pela minha mãe, dona Antonieta, o gigante de dois metros quis conhecer o local e conviveu o meu gigante, meu pai, para dar uma volta. Apareceram somente ao final do dia. Aonde foram, o que conversaram, não sei! Homens do campo.

Uma frase dita naquele dia pelo meu pai, senhor Geraldo, que ainda não era cristão, ecoa na minha mente sempre que eu me lembro

do doutor Mosteller: “este homem é maior por dentro do que ele é por fora!”

Muitos sabiam disso, mas saindo da boca do meu gigante, mudou completamente a história. Meu pai converteu-se com o pr. Davi Miranda, da igreja Deus é Amor, e, anos depois, o sepultei como irmão em Cristo.

Um gigante não é conhecido por seus feitos poderosos, mas por marcar a vida das pessoas. O meu gigante marcou a minha vida com padrões de caráter e de conduta muito sólidos. Isso eu encontrei também no outro gigante. Os dois marcaram a minha vida. O meu gigante me preparou para vencer na vida, o gigante americano, para vencer no ministério.

Falar de tudo sobre ele gastaria muito nosso tempo, mas eu guardo com carinho as melhores memórias, pois convivi dentro de sua própria casa. Jovem pastor em Nilópolis, 22 anos, em 1969 eu fui acometido por uma enfermidade forte. Ele foi lá me buscar e levou-me para a sua casa! Aprendizado. Dona Gladys cuidou de mim como ninguém saberia cuidar. Uma mãe de pastores. Mais parecia uma matriarca italiana do que americana. Fazia questão de deixar clara a sua opinião em todos os assuntos. Ela era sempre consultada.

Na verdade, muito antes disso convivíamos todos os dias. Foi no meu tempo de seminário, entre 1964 e 1968. Ele era pastor e missionário de tempo integral e também ministrava aulas no SIBIN, que funcionava no prédio da própria igreja. Eu trabalhava numa firma a 300 metros da igreja, por isso a gente sempre se via todos os dias na hora do almoço. Uma vez por semana havia reunião de jejum e oração, praticamente obrigatória para todos os missionários, pastores e seminaristas. Aprendizado.

Ele era um homem de oração. Sempre de joelhos no chão. Olhos molhados, emocionava se com os problemas dos outros e lutava em oração. Uma hora ou mais! Aprendizado.

Eu percebia que o doutor Mosteller criava duas reações nas pessoas que o conheciam: admiração ou rejeição. A admiração era fácil: conduta e caráter, dar prioridade à família, não violentar princípios, etc. Mas ele era exigente e pegava pesado. Era o preço da função de um líder: admitir, demitir, corrigir, disciplinar, ensinar o certo pra não fazerem errado. O zelo pela obra!

A Igreja do Nazareno ganhou, mas também perdeu muitas coisas nesses cinquenta anos. A maior perda foi a da liderança e da visão do doutor Mosteller. Uma geração de líderes formados ao seu estilo, ainda hoje conserva marcas imutáveis deixadas por ele. Os seus discípulos, seus mourões, que não se apodreciam e nem anuíam com coisas vãs. Os terrenos melhor localizados foram comprados por ele. A localização bem no centro de Campinas, em frente ao ponto de ônibus, que visão! No início de setenta já havíamos avançado cerca de dez anos no amadurecimento da primeira igreja. Mas a ida deles para Portugal causou um grande impacto.

Ele não é só uma lenda viva. Os outros missionários também são. O Gates é; o Collins é; o Kratz é; o Denton é; o Lima é; o José Zito é. (O Denton, o Kratz e o Lima, já falecidos.) Mas ele, além de lendário, é um mito, um gigante: Earl Mosteller.

Ao comparar a minha careca com a do Sandro Hayakawa, eu me lembrei de uma frase do doutor Mosteller: “grama não cresce onde tem muito movimento”. Espero que este livro faça isto, que ajude a manter o movimento no caminho da santidade que os missionários nos ensinaram com tamanha dedicação; e que este livro também ajude a preservar as marcas que eles deixaram nos nazarenos brasileiros.

Dr. Lázaro Aguiar Valvassoura
Pastor titular da Igreja do Nazareno Central de Campinas
Diretor da Subregião Brasil da Igreja do Nazareno

Sumário

Dedicatória e principais colaboradores	v
Apresentação da coleção	vi
Prefácio	viii
Sumário da vida ministerial	xii
Homenagem poética	xiv
1. Do Oregon para as ilhas de Cabo Verde	15
2. O ministério em Cabo Verde	25
3. A chegada ao Brasil e o primeiro templo em Campinas, SP	45
4. A família Stegemoller	59
5. O Brasil das décadas de 1950 e 1960	67
6. O ministério no Brasil	81
7. A família missionária	111
8. O investimento missionário nazareno no Brasil	117
9. O ministério em Portugal	127
10. O ministério nos Açores	165
11. Aposentadoria, sim; inatividade, não!	181
12. Carta a um jovem missionário e Breves reflexões e conselhos aos líderes	187
Principais referências bibliográficas	191
2ª Parte – versão resumida em inglês (outra capa)	193

Sumário da vida ministerial

Nome: Earl Elwood Mosteller Jr.
Data de nascimento: 25 de junho de 1918.
Naturalidade: Pierre, South Dakota. Estados Unidos.

Esposa: Gladys Marie Parker Mosteller.
Data de nascimento: 1º de abril de 1917.
Naturalidade: Oregon City, Oregon. Estados Unidos.

Filhas: Kathleen Joy Mosteller Loeber e
genros: Lawrence Ervin Loeber
e netos: Lincoln E. Loeber
Krystal Joy Loeber

Virginia Gay Mosteller York e
James Arthur York

Elizabeth Mary Mosteller Ott
Dwight Stephen Ott
Peter E. Ott
Stephanie Jo Ott
Seth Ethan Ott

Igreja de origem: Hemlock Church of the Nazarene, Oregon.

Chegada ao Brasil: 31 de julho de 1958.

Principais funções ministeriais:	Pastor, Superintendente de Distritos, Diretor de Missões.
Principais ministérios nos Estados Unidos:	Hemlock Church of the Nazarene, OR, de dezembro de 1941 a 1944. Wareham Church of the Nazarene, MA, de 1945 a abril de 1946.
Missões internacionais:	Igreja do Nazareno em Cabo Verde, de maio de 1946 a julho de 1958. Igreja do Nazareno no Brasil, de agosto de 1958 a agosto de 1973. Igreja do Nazareno em Portugal, de setembro 1973 a 1982. Igreja do Nazareno nos Açores, de 1983 a 1989.
Aposentadoria:	maio de 1990.
Igreja atual: (membresia)	Aurora Church of the Nazarene, Seattle, WA. Estados Unidos.
Função atual:	Pastor de visitação.

Homenagem poética

O DESTEMIDO FAZER DA ALMA, VIDA
Som estratégico, Boa Nova de amor
Foram as marcas do veleiro e lida
Que proveitosa, viu-se branca flor

A não quimérica visão de fé
Forte pilar da dupla flecha e seu arco
Despiram águas para além maré
E em firmes terras aprumaram marco

Assim, os anos vividos incansáveis
Provam a gratidão do fruto leigo
Tempo antes, desolados, decartáveis

Agora, fortes vidas, vento meigo
Reflexo do casal, motivo, canto
Graça e sorte no olhar de tal encanto

Alessandro Piantino

“POR LONGOS MINUTOS, o meu pensamento vagueou por aquele imenso horizonte. Tudo era tão claro e luminoso! A paz inundou o meu coração de uma forma tão surpreendente que ainda hoje, sempre que sinto a terna presença de Deus, lembro-me daquele dia. Aos poucos um ruído grave e constante me trouxe de volta. Não era um ruído qualquer. Seu barulho parecia uma sinfonia de contrabaixos e violoncelos. Pela janela, vi o reflexo do sol no brilho prateado. Olhei para o motor, que parecia girar em câmera lenta. Earl também estava olhando pela janela. O que será que ele pensava enquanto apreciava aquelas nuvens? Beije a pequena Kathy, que dormia em meus braços, e fiz a minha primeira oração nas nuvens: SENHOR, obrigado por nos chamar para o campo das missões!”

Essa paz e serenidade das nuvens contrastavam com o que acontecera nos dias anteriores. Sem mencionar o que ocorria naquele exato momento dentro da cabine dos pilotos.

Na véspera da viagem, a família Mosteller foi surpreendida com o aviso de que o voo que os levaria para a Europa fora autorizado. Seria o primeiro voo comercial para a Europa depois da II Guerra Mundial. Eles deveriam estar pontualmente no aeroporto em New York, distante cerca de 370 km da Igreja em Waheram, Massachusetts, sob pena de perder o voo.

Começou então a correria para arrumar as malas e empacotar todo o material que seria levado para a igreja em Cabo Verde: Bíblias, livros e material de evangelismo e de divulgação. Naquela época, sempre havia uma série de “encomendas” para os viajantes.

A preparação para aquela viagem, na verdade, havia começado há quase dois anos, quando a Junta de Missões aprovou o pedido do rev. Mosteller e da sua esposa, sra. Gladys, para o campo missionário. Primeiramente, o casal Mosteller recebeu todo o apoio da congregação da igreja de Hemlock, da qual eles eram os pastores. Com uma calorosa despedida que envolveu toda a congregação, eles tomaram o trem que os levaria até a costa leste dos Estados Unidos. Hemlock, um pequenino vilarejo próximo à cidade de Tillamook, fica em uma das regiões mais chuvosas do estado do Oregon, que, por sua vez, fica na costa noroeste dos Estados Unidos, onde suas longas praias são banhadas pelas águas geladas do oceano Pacífico norte. Nos Estados Unidos, os estados têm sempre um apelido. O estado do Oregon, por exemplo, também é conhecido como o estado do castor, animal típico das suas florestas, notório por sua habilidade em construir diques e as suas tocas em riachos.

No entanto, a travessia dos Estados Unidos, de oeste para leste, seria o princípio da jornada que também os faria cruzar o Atlântico. Para a época, sair do Oregon com destino a uma pequena ilha na costa da África seria um roteiro perfeito apenas para quem gostava de grandes aventuras! Na verdade, devo dizer, era o início de uma longa estrada cujo nome é missões.

O rev. Earl Elwood Mosteller Jr. nasceu em 25 de junho de 1918 em Pierre, capital do estado de Dakota do Sul. Essa cidade fica situada às margens do grande rio Missouri. Dakota do Sul também é conhecido como o estado do Monte Rushmore, aquele das enormes esculturas dos rostos de quatro presidentes americanos (Washington, Jefferson, Roosevelt e Lincoln) que foram esculpidas com explosões de dinamite nas rochas da montanha. Apesar de o nome sugerir uma localização diferente, Dakota do Sul fica bem ao norte dos Estados Unidos, próximo ao Canadá. Quando se observa o mapa, Pierre fica quase a meio caminho entre as costas leste e oeste.

Criado na fazenda da sua família, ele tinha ao seu encargo várias tarefas rurais. Isso, no entanto, não o afastou da escola, pois seus pais sempre foram muito exigentes quanto aos estudos regulares. Na escola, durante as sexta, sétima e oitava séries, teve o privilégio de ser aluno da sra. Hannah Groseth. Ela era mais do que uma simples professora, pois ela era uma verdadeira serva do Senhor Jesus Cristo. Educadora, desde cedo ensinou seus jovens alunos a temer ao SENHOR. Evangelizadora, sempre os desafiou a entregar as suas vidas ao Salvador. Pregadora, explicava sobre as verdades da Bíblia e sobre o privilégio de uma vida aliançada com Deus e submissa à Sua vontade. Durante meses, a sra. Hannah convidou os seus alunos e as respectivas famílias para participar de sua congregação, uma pequena igreja na área rural de Canning, Dakota do Sul. Todo esforço, porém, tinha sido infrutífero quanto ao jovem Earl e à sua família, que nunca compareceram às reuniões e pareciam ignorar os gentis convites, muitas vezes feitos por carta.

Porém, Deus tinha um forte propósito para a vida do rev. Mosteller e usou o seu próprio pai, que também ainda não conhecia a mensagem da salvação, como instrumento de bênção. Certo dia, o seu pai disse: “É melhor aceitarmos o convite e irmos até a igreja da professora antes que ela gaste todo o salário dela com as cartas e os

selos!” Num certo domingo pela manhã, em maio de 1932, a família Mosteller se aprontou e foi à igreja. No final da reunião, depois que quase todos já tinham saído do templo, a sra. Hannah perguntou: “E então, jovem Mosteller, não gostaria de aceitar a Jesus e entregar-lhe a sua vida hoje mesmo?”

Ajoelharam-se e oraram. Conforme aquela oração de arrependimento e entrega foi feita com fé e com toda a sinceridade do seu coração, o seu nome foi escrito no Livro da Vida. Do lado de fora da congregação, todos ouviram um alto e entusiasmado “amém!”. Era a professora, que concordou jubilosa com a breve oração do novo discípulo de Jesus: “SENHOR, faça de mim um pregador.” Ele foi batizado na Igreja da Comunidade de Canning, que depois veio a ser uma das Igrejas do Nazareno.

Convicto do seu chamado, ele foi orientado a se matricular na *Northwest Nazarene College* (atualmente, *University*) em Nampa, Idaho, estado vizinho a Dakota do Sul. Submisso à autoridade de seu pai, mas sobretudo à vontade do SENHOR, contou-lhe os seus planos. Naquela época, as famílias não tinham empregados para o trabalho no campo. Elas contavam apenas com as pessoas da própria família. Não seria fácil para o sr. Mosteller deixar o seu filho mais velho ir para a universidade justamente na fase em que ele mais poderia ajudar na fazenda. Além disso, havia a questão do custo dos estudos. Seu pai, reconhecendo que Deus tinha algo especial para o jovem Earl, depois de concluídos os seus estudos do ensino médio (*High School*), deixou-o seguir para a universidade e se preparar para o ministério. Uma condição: ele deveria trabalhar para se sustentar.

A sra. Hannah casou-se com o rev. Nic Aerchuk naquele ano de 1932 e foram pastorear uma igreja na Califórnia. Ela teve grande êxito no seu trabalho evangelístico, pois deixou um campo bem fértil para os seu sucessores, o jovem casal pastoral rev. Harry e sra. Viva Taplin. Esse casal trabalhou pela conversão de mais da metade dos

alunos e colegas professores da irmã Hannah. Ao comentar sobre essa professora, a sra. Kathleen disse que o profundo senso de evangelismo do rev. Mosteller, seu pai, deve ter sido influenciado pelo exemplo de compromisso e perseverança da sra. Hannah.

No período de 1936 a 1941, o rev. Mosteller se graduou em Teologia, Filosofia e Literatura Bíblica, recebendo dois bacharelados pela *Northwest Nazarene College*. Além dos estudos acadêmicos, ele também se destacava nos esportes. Seu porte atlético e sua atitude sempre enérgica dentro da quadra de esportes faziam dele um destaque nos jogos de basquete, seu esporte preferido. Uma das alunas novatas começou a observá-lo de longe e, por fim, confidenciou para as suas amigas: “Eu gosto de ver aquele Earl Mosteller jogar!”

No decorrer dos semestres, soube-se que aquela colega, Gladys Marie, passou a observá-lo também em outras atividades. Tendo em vista que o rev. Mosteller fez dois cursos, os dois terminaram os seus estudos no ano letivo de 1941. A sra. Gladys graduou-se no curso de Sociologia (1938-1941). Uma breve conversa concluiu o que os anos de namoro e convívio na universidade já haviam consolidado no coração deles. Decidiram se casar imediatamente após a formatura.

Não se tratava apenas de matrimônio, mas de uma questão ministerial. A sra. Gladys já tinha bem definida em seu coração a sua área ministerial. Porém, o rev. Mosteller expressava sua inquietude pelo fato de que, àquela altura, Deus ainda não tinha lhe dado uma visão clara sobre o seu ministério. Era preciso orar mais. Fosse na capela da universidade, fosse às sombras das árvores dos jardins, ele podia ser visto frequentemente de joelhos, buscando a pureza de coração e a vocação que o Senhor Jesus teria reservado para ele. Mulher sábia, a sra. Gladys contribuiu com sua campanha pessoal de jejum e orações a favor do seu amado e do ministério dele.

A sra. Gladys Marie Parker Mosteller, a caçula de nove irmãos, nasceu em 1º de abril de 1917 em Oregon City, estado do Oregon.

Na sua adolescência, aos dezoito anos, ela assistiu a uma campanha de reavivamento de santidade conduzida pelo dr. C. W. Ruth, notório evangelista norte-americano que é considerado um dos dez principais organizadores da Igreja do Nazareno².

Naquela campanha de 1935 em Oregon City, a jovem Gladys Marie, que havia sido criada em um lar metodista, finalmente recebeu a salvação pessoal e a inteira santificação, e sentiu o chamado para o ministério missionário. Passados três anos, ela ingressou no curso de Sociologia da *Northwest Nazarene College*. Seu pai teve de vender o seu carro para ajudar a pagar os estudos dela. A exemplo de vários outros alunos, ela também fazia pequenos trabalhos administrativos na universidade para reduzir as mensalidades.

Tempos depois o casal Mosteller teve reconhecido seu ministério por meio de justas homenagens que a *Northwest Nazarene University* prestou ao rev. Mosteller. Em 1964, essa universidade concedeu-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*. Em 1969, ele foi agraciado com o título de *Alumnus of the Year* (aluno do ano, turma de 1941) em reconhecimento por seu trabalho de criar parcerias e estabelecer bons relacionamentos entre a igreja, os governos e as autoridades, tanto em Cabo Verde quanto no Brasil.

Após a formatura, no intuito de liquidar totalmente as despesas com a universidade, os Mostellers estabeleceram residência em Cascade, cerca de 150 km ao norte de Nampa, onde havia uma oportunidade de trabalho. Porém, a seleção dos funcionários era criteriosa. Só podiam ser admitidos rapazes com certa altura e peso. Empilhar tábuas de madeira para secagem era um trabalho duro, mas ele deu graças a Deus pelo trabalho na fazenda de seu pai, pois foi ali que, sem saber, preparou-se para realmente “viver do suor do seu rosto”.

² O dr. C. W. Ruth teve atuação marcante quanto às decisões de 13 de outubro de 1908 (2ª Assembleia Geral), data oficial do início da denominação nazarena, tal qual a conhecemos hoje.

Sempre ativos no ministério, em Cascade eles trabalharam em uma Igreja Metodista como ministros de jovens. Alguns meses depois, em Tillamook, no estado do Oregon, a boa mão do SENHOR lhes trouxe uma princesinha para abençoar e alegrar o lar, a graciosa Kathleen.

Quitadas as despesas da universidade, eles escreveram para três Distritos oferecendo-se para trabalhar na obra. O superintendente do Distrito Pacífico Norte imediatamente lhes ofereceu o pastorado da igreja em Hemlock, Oregon. O rev. Mosteller assumiu o pastorado em 7 de dezembro de 1941. Posteriormente, foi ordenado reverendo na Assembleia Distrital de 1943.

Era época da II Guerra Mundial. Por questões de segurança, todas as casas, empresas e igrejas deveriam lacrar as janelas à noite, de tal forma que nenhum raio de luz pudesse ser visto pelos aviões inimigos. Ainda que a luz do templo não pudesse ser vista, uma luz mais forte – a do amor de Cristo – brilhava sem cessar em Hemlock.

Sempre atentos ao chamado de Deus, e sensíveis à obra de missões em terras estrangeiras, eles foram impactados pelo artigo *Precisamos de missionários!*, da revista *The Other Sheep / World Mission* (A Outra Ovelha / Missões Mundiais), que era o veículo oficial nazareno para a área missionária. Ao término do seu devocional (hábito cultivado até hoje em dia), eles, ainda com lágrimas nos olhos, preparavam-se para concluir as suas anotações quando o rev. Mosteller perguntou: “Devo escrever mais alguma coisa no diário missionário?” De pronto, a sra. Gladys respondeu: “Se você quer escrever alguma coisa, é melhor escrever para o escritório central da Igreja em Kansas City³ e dizer a eles que queremos ser missionários”.

Por intermédio daquela carta, eles se colocaram à disposição pa-

³ A partir de 2008, a sede da Igreja do Nazareno foi transferida para o *Global Ministry Center*, na cidade de Lenexa, Kansas, Estados Unidos. As menções a Kansas City, Missouri, local da antiga sede, devem ser entendidas sob o ponto de vista histórico.

ra servir ao Senhor Jesus por meio das missões mundiais. Foi quando tiveram a certeza de que estavam fazendo a coisa certa. Essa experiência deu ao casal Mosteller mais confiança quanto ao rumo ministerial que o SENHOR estava lhes mostrando. Resolutos e certos de que não haveria volta, eles concluíram a carta da seguinte forma: “A sra. Gladys e eu estamos dispostos a trabalhar no serviço missionário em qualquer lugar e a qualquer tempo”.

Poucos meses depois, na Assembleia Geral de 1944, que ocorreu na cidade de Minneapolis, os Mostellers apresentaram-se como voluntários e foram indicados para as ilhas de Cabo Verde. Eles pediram para ser nomeados para Cabo Verde porque, naquela Assembleia, ninguém mais se interessou por aquele campo missionário.

A chegada a Cabo Verde, porém, seria feita em etapas. A primeira etapa seria o aprendizado do idioma português. Para isso, eles tiveram de atravessar o país de uma costa para a outra, pois esse aprendizado deveria ser feito em New Bedford, estado de Massachusetts, que fica na costa leste dos Estados Unidos. Nessa cidade, residia uma grande comunidade de imigrantes cabo-verdianos e a igreja tinha algumas congregações entre eles.

A propósito, foi ali onde converteu-se, ainda em 1896, o jovem João José Dias. Em 1901 ele voltou a Cabo Verde como missionário da Associação das Igrejas Pentecostais da América, que, por sua vez, foi uma das denominações que se uniram com a Igreja do Nazareno em 1907. Portanto, Cabo Verde foi um dos primeiros campos missionários nazarenos.

Durante esse período de aprendizado do novo idioma, que durou mais de um ano, os Mostellers também pastorearam a Igreja do Nazareno em Wareham, não muito distante de New Bedford. Além de obrigatório, esse aprendizado foi muito oportuno, tendo em vista que todas as viagens entre os Estados Unidos e a Europa estavam suspensas devido aos ferrenhos combates da II Guerra Mundial na Europa

Corria já o ano de 1946. Terminada a guerra, aos poucos a vida voltava ao normal e era grande a expectativa quanto à reativação dos voos comerciais entre o continente americano e o europeu. Essa mesma expectativa era vivida pelos Mostellers. O escritório central há meses já havia providenciado as passagens e aproximava-se o dia da partida. Na verdade, porém, pairava uma incerteza no ar, pois nem todas as atividades civis haviam retomado o seu curso normal. Os voos comerciais, por exemplo, eram motivo de preocupações. Porém seriam menos perigosos do que as viagens de navio, por causa do remanescente da guerra, especialmente dos submarinos nazistas.

Apesar de a pequena Kathy se apresentar em estado febril sério, sem vacilar e confiando no poder do SENHOR que os havia chamado para o campo missionário, os pais oraram por ela e testemunharam a cura de sua filhinha na véspera da viagem.

New York, 9 de março de 1946. Chegaram a tempo para o embarque, depois de uma viagem desde Wareham. Acomodaram-se. O piloto decolou confiante. Era a etapa final com destino ao campo missionário.

Finalmente aquelas nuvens. Assim que o avião nivelou acima das nuvens, uma gostosa sensação de relaxamento tomou conta de todos os passageiros. Kathy, após toda a agitação do embarque e da novidade que era o avião para ela, adormeceu no colo da sua mãe, embalada pelo ronco grave dos potentes motores. A sra. Gladys segurava a mão do seu marido enquanto ambos olhavam pela pequenina janela. Lá fora, uma paisagem única: nuvens vistas de cima! Tão fofinhas, pareciam uma brincadeira de Deus.

Havia certo contraste entre o clima de bem-estar dos passageiros e o clima dentro da cabine dos pilotos. Com muito cuidado, de mapas em mãos, o piloto, o copiloto e o engenheiro de voo, com temor e dúvidas, discutiam acaloradamente sobre a melhor rota a ser seguida.

De súbito, o piloto realizou uma manobra estranha. Ele fez o avião romper pelas nuvens para voar mais baixo. Foi possível, então, avistar um horizonte diferente, onde se encontravam as praias e o oceano Atlântico. Pouco tempo depois, o piloto fez o avião voltar para cima das nuvens. Era muito bom estar acima ou abaixo das nuvens, mas passar pelo meio delas era aterrorizante. O avião tremia bastante, ouviam-se os motores se esforçando mais, as coisas balançavam e as bagagens teimavam em fazer barulho dentro dos maleiros. Nem mesmo a pequena Kathleen, com todo o cansaço, conseguia dormir. Isso ocorreu várias vezes, até pousarem para a última escala rumo à Europa. Evidentemente, alguns passageiros mostravam-se muito apreensivos, chegando a pensar que as manobras do piloto seriam uma tentativa (nesse caso, bem-sucedida) de despistar de algum avião inimigo, que ainda não soubesse que a guerra havia acabado.

Somente na escala em Gander, Newfoundland, no aeroporto do Canadá mais próximo da Europa, os passageiros ficaram sabendo o porquê das manobras por entre as nuvens. Ocorreu que, logo depois da decolagem em New York, o rádio do avião parou de funcionar, o que obrigou o piloto a fazer o voo de forma visual. Por isso, de vez em quando, ele tinha de voar abaixo das nuvens para se certificar que estava indo na direção correta, conforme a rota traçada no mapa.

Depois de uma merecida caminhada, um gostoso lanche, com o avião novamente abastecido e o rádio consertado, seguiram viagem. Com os céus abertos, sem nuvens, sobrevoaram o Atlântico Norte, a bela Islândia e fizeram uma escala em Londres, em um voo muito tranquilo. Por fim, chegaram a Lisboa, de onde embarcariam em um navio com destino final a Cabo Verde.

Resolução. Essa é a principal qualidade que podemos identificar nos primeiros anos do ministério dos Mostellers, pois ouviram o chamado de Deus e cumpriram pacientemente as etapas preparatórias.

DESTEMOR. Essa é a principal qualidade que podemos relacionar aos Mostellers quanto aos anos de ministério em Cabo Verde. Essa é também a atitude que alguém precisava ter para se oferecer para trabalhar em missões. O arquipélago de Cabo Verde, que fica no meio da rota dos navios que partiam da Europa para a América do Sul ou para a África subtropical, era tanto local de abastecimento de embarcações quanto de descanso de aventureiros marítimos. Ponto de encontro de viajantes, permitiu que os Mostellers tivessem contato com pessoas de vários países, inclusive alguns brasileiros que lhes falavam das maravilhas deste imenso país.

Formada por dez ilhas e cinco ilhotas, Cabo Verde foi descoberto pelos intrépidos navegadores portugueses em 1460. Os primeiros donatários, com jurisdição concedida pela Coroa Portuguesa, exploraram as ilhas no sistema de capitânicas hereditárias (tal qual foi feito no Brasil após o seu descobrimento). O arquipélago vulcânico, que, visto de um avião, lembra a forma de uma ferradura, possui poucos recursos

naturais exploráveis economicamente. Apenas nove das quinze ilhas são habitadas, pois uma ilha e as cinco ilhotas são inviáveis para a ocupação humana. Diante disso, desde seus primeiros anos de colonização, Cabo Verde contribuiu com Portugal apenas com a sua produção pesqueira e com a sua produção agrícola extraída dos poucos vales e altiplanos férteis. A maior parte das ilhas, porém, é sempre muito afetada pelo clima seco. Algumas dessas ilhas são conhecidas como as mais áridas dos trópicos, pois a estação chuvosa concentra-se apenas de agosto a novembro. O ponto mais alto do arquipélago é um vulcão que ainda está ativo. Ele tem 2.800 m de altitude e fica na ilha do Fogo. Porém, a posição geográfica estratégica de Cabo Verde revelou a sua verdadeira vocação: um entreposto comercial.

Alguns se perguntavam em crioulo⁴: “Por que estes americanos deixaram a promissora América para morar nestas ilhas tão desoladas?” Esse questionamento refletia o sonho comum entre os cabo-verdianos de emigrar para os Estados Unidos. Eles não sabiam, porém, que “Acima de tudo, não importa onde você vive, se você sabe que está no centro da vontade de Deus para você”, respondiam os Mostellers aos que lhes perguntavam diretamente.

De fato, Cabo Verde realmente é bem conhecido por seu enorme contingente de cidadãos que emigraram. A grande maioria concentrou-se em Boston e New Bedford, na costa leste dos Estados Unidos, outros escolheram a Europa, principalmente Portugal e Holanda. Nas últimas décadas, muitos emigraram para o Brasil, principalmente estudantes. Os que ficam em Cabo Verde, por sua vez, recebem certa influência cultural de seus parentes de outros países.

⁴ O idioma oficial de Cabo Verde é o português, mas a população usa frequentemente o crioulo, que é uma língua mista nascida da interação entre os portugueses e os habitantes de origem africana continental. Esse dialeto é caracterizado por uma musicalidade que lhe dá uma vívida expressão.

O ambiente religioso predominantemente católico encontrado pelos Mostellers em 1946 nas ilhas havia sido mais intolerante com os protestantes nas décadas anteriores. O pioneiro rev. João José Dias enfrentou vários desafios e hostilidades durante os primeiros anos de seu ministério. Logo depois de retornar à ilha Brava, conseguiu evangelizar um bom grupo e começou os cultos regulares em sua casa, mas todos foram severamente perseguidos. Porém, firmes na Rocha, que é Cristo, os primeiros nazarenos cabo-verdianos perseveraram, principalmente por causa do trabalho de discipulado individual e das ministrações nos lares. Em 1920, inaugurou-se uma escola secular, o que serviu para conquistar a boa vontade das autoridades naquela ilha e também serviu para quebrar a resistência da população. Em 1932, ele recebeu a incumbência de pastorear uma pequena congregação na ilha São Vicente. Esses irmãos haviam sido evangelizados por outro pastor português, que não pôde permanecer na ilha. O rev. João José Dias mudou-se e alugou uma casa da família do sr. Leite. Anos depois, um dos filhos do sr. Leite se converteu e pastoreou igrejas nazarenas em Cabo Verde, no Brasil e nos Estados Unidos.

Em 1934, o rev. Jenkins e sua esposa, casal missionário baseado em Moçambique, em viagem à América, passou dois meses evangelizando em Cabo Verde. Como resultado, muitos novos convertidos foram recebidos na igreja do rev. João José Dias. Esse trabalho deixou claro que eram necessários missionários permanentes, pois os esforços progrediam lentamente. Já nos Estados Unidos, Deus usou esse casal para despertar o chamado do casal rev. Everette e mrs. Garnet Howard, que iniciou o seu serviço missionário em Cabo Verde em 1936.

Nos primeiros anos das missões, quando ainda era muito forte a oposição religiosa, até mesmo o aluguel de animais de carga era negado aos missionários. “Protestantes não entram aqui. Vá embora!”. Essa saudação de “boas-vindas” não intimidava os nazarenos cabo-

verdianos. Antes, essas palavras eram repreendidas e o “leão virava cordeiro”. Porém, quando alguém se convertia, não raro era expulso de casa. Até mesmo os filhos dos missionários e dos primeiros protestantes eram discriminados, pois os pais das outras crianças as proibiam de brincar com as crianças crentes. Em certa ilha, um nazareno convertido nos Estados Unidos, ao voltar para sua terra natal, não encontrando outro evangélico, orou por dezessete anos pedindo ao SENHOR que lhe enviasse missionários para evangelizar a sua ilha. Ao chegar à ilha do Fogo, o rev. Howard, a “resposta das orações”, recebeu daquele “pequeno homem de fé” um afetuoso mas forte abraço, que quase quebrou as suas costelas.

Felizmente, nos anos 40 e 50 essa rejeição já havia esmaecido ao ponto de alguns pais dizerem: “Seja um bom nazareno, e você será um bom cristão”. Nos casos em que os sacerdotes procuravam os pais, maridos e amigos pedindo que impedissem os seus filhos de ir às igrejas evangélicas, eles ouviam respostas tais quais: “Deixe ela, pois agora ela crê em Deus”, “Por que vou falar para ele voltar atrás se o meu outro filho também é crente?” Aos poucos, os nazarenos começaram a ser bem-vindos nas ilhas.

Outra estratégia foi o trabalho de uma enfermeira missionária, irmã Lydia Wilke, que ajudou muito a população cabo-verdiana e contribuiu para aproximar a igreja dos habitantes da Ilha do Fogo, onde ela tinha uma espécie de clínica móvel.

Os Mostellers, com a pequena Kathleen, chegaram a Cabo Verde em maio de 1946. Logo depois do desembarque, eles participaram de uma festa de recepção na qual dezenas de irmãos foram cumprimentá-los, conforme o caloroso estilo cabo-verdiano de fazer amizades. Nas ilhas, durante o primeiro período missionário, a família foi abençoada com mais duas meninas, Virginia e Elizabeth.

Em Cabo Verde esses missionários americanos conheceram novos alimentos, tais quais a mandioca, o cuscuz e a banana frita. Tam-

bém desenvolveram o gosto pela culinária local, especialmente pela cachupa, prato típico da culinária daquele país, feito com milho, feijão, temperos e peixe ou carne de porco. Para as meninas, porém, o melhor prato era o arroz com atum.

Também se acostumaram com a típica arquitetura local, que procura usar os tons pastéis para pintar suas casas e amenizar as cores escuras das pedras de origem vulcânica usadas nas construções. Vistas do mar, as cidades de Cabo Verde são um interessante contraste à frente das montanhas e acima das águas de um azul muito denso (devido à profundidade do mar). Uma alma poética disse que as cidades pareciam um pequeno jardim florido no meio de dois tons muito densos.

Uma das primeiras tarefas dos Mostellers foi pastorear a igreja na cidade de Praia, ilha de Santiago. Desenvolveram o trabalho nessa congregação desde 1946 até 1949. A partir desse ano, começaram um trabalho pioneiro em Mindelo, ilha de São Vicente, auxiliados pelo pr. Ferreira. Em 1950, organizaram a igreja de Mindelo oficialmente. Com isso, os Mostellers se mudaram para essa cidade.

Em 1951, os Mostellers tiveram o seu primeiro *furlough*⁵, período de férias do campo missionário, mas de intenso trabalho em sua terra natal. Enquanto a família se readaptava à vida cotidiana (especialmente quanto aos estudos das crianças), os missionários tinham de testemunhar sobre as missões em diversas igrejas nos Estados Unidos e também divulgar as campanhas para arrecadação de ofertas missionárias. Esse trabalho também produziu outro resultado importante, pois alguns irmãos que ouviram os testemunhos do rev. Mosteller mais tarde se tornaram seus companheiros de ministério no Brasil.

O tempo passou rapidamente. Em 1952 os Mostellers estavam de volta a Cabo Verde. Nessa viagem, eles foram abençoados com

⁵ Furlough (inglês): termo geralmente usado por militares no sentido de um período de férias, conforme o regimento das forças armadas; período de descanso do trabalho.

um *upgrade* na cabine do navio. Como não havia mais vagas nas cabines comuns, os Mostellers foram alojados na cabine destinada ao cardeal português e aos passageiros VIPs. Isso lhes trouxe inesperada notoriedade, que foi prontamente usada para apresentar o evangelho e distribuir folhetos e literatura evangelizadora.

Neste segundo período missionário, o rev. Mosteller assumiu a função de diretor da missão, uma vez que a sra. Garnet, esposa do superintendente rev. Everette Howard, precisou de cuidados médicos especializados e eles retornaram para os Estados Unidos. Depois de um longo tratamento, em 1956 ela submeteu-se a uma delicada cirurgia no coração que, em resposta às incontáveis e amorosas orações, foi plenamente bem-sucedida. O rev. Howard e a sua família foram os primeiros missionários oficiais nazarenos a chegar a Cabo Verde, depois da unificação da denominação. Trabalhadores diligentes, além da base da missão na cidade de Praia, ilha de Santiago, os Howards visitaram as outras ilhas metodicamente para evangelizar e estabelecer novas congregações e templos ao longo dos dezesseis anos de ministério (1935-1951).

Em tudo, porém, havia um contínuo desafio missionário para os Howards e os demais pastores. Uma das ações das turbas visando a atrapalhar o evangelismo era lançar “pelos de carissa” nos evangelistas. Os pelos da carissa (arbusto espinhoso) causavam coceiras intermináveis que, em algumas pessoas, viravam feridas de tanto coçar.

Uma professora assistiu a um ataque de vândalos e bêbados contra um evangelista que pregava em São Domingos, ilha Santiago. Deus o livrou e ele conseguiu fugir em seu carro sob uma chuva de pedras e pedaços de madeira lançados por aquela turba. Consternada com tamanha barbaridade, ela buscou respostas nas imagens que tinha em sua casa, mas só encontrou o silêncio. Em sua busca pelo Deus verdadeiro, ela orou, pedindo que Ele confirmasse se realmente o Deus que os nazarenos pregavam era o verdadeiro SENHOR. Uma

profunda paz lhe trouxe a resposta. Tornou-se uma fiel cristã nazarena, apesar de perder o seu emprego justamente por ter se convertido.

Alguns dias depois, o padre de São Domingos fez uma viagem no mesmo barco onde estava o rev. Howard. Conversaram e iniciou-se uma forte amizade, que permitiu que aquele religioso ouvisse o evangelho em sua plenitude. Anos depois, por intermédio do rev. Mosteller, esse padre se converteu. Seu testemunho: “Eu era cego, agora vejo! Eu proibia a leitura da Bíblia, mas agora eu a recomendo”.

Durante a II Guerra Mundial, o governo português instalou um presídio político em Cabo Verde. Um dos discípulos nazarenos era o fotógrafo oficial e tinha por incumbência registrar os presos. Por diversas vezes, ele pediu que o rev. Howard o acompanhasse no seu trabalho. Ambos entravam na prisão com uma caixa lacrada com os dizeres: “Não abra, exceto em quarto escuro”. Na verdade, entre o material fotográfico eles levavam Bíblias para evangelizar os presos.

Depois de várias dessas “missões secretas”, o rev. Howard e o seu discípulo foram convocados para comparecer diante do diretor do presídio. Temendo o pior, com os guardas esperando impacientes na porta de suas casas, eles se despediram dos seus familiares sem esperança de os ver novamente em liberdade. Apreensivos, ao ver os portões sendo lacrados após passarem por várias alas, e atemorizados pelo som seco e cortante das fechaduras de ferro, finalmente chegaram à sala de interrogatório. O diretor e algumas outras pessoas os aguardavam. Ouviram o som gelado da última porta. O silêncio foi rompido quando uma Bíblia foi jogada sobre a mesa. “Descobriram tudo. Estamos mortos!”, pensaram, olhando um para o outro. As autoridades disseram: “Sabemos que é o senhor quem tem distribuído este livro entre os prisioneiros. Nós temos lido este livro... Queremos que o senhor nos ensine sobre ele. Sentem-se, por favor”. Aliviados e reconfortados por Deus, eles apresentaram o evangelho que liberta todos os cativos, prisioneiros ou não.

Dentre outras inúmeras e significativas conquistas do ministério do rev. Howard, destaca-se a do irmão Humberto Pires Ferreira, que converteu-se em 1943. A salvação dele foi muito significativa para o ministério nazareno em Cabo Verde e, ainda hoje, o seu ministério rende frutos nos países de língua oficial portuguesa.

Algo curioso acontecia em Cabo Verde. A capital administrativa do arquipélago, Praia, ficava na ilha Santiago, enquanto que Mindelo, na ilha São Vicente, era o centro comercial das ilhas e dispunha de melhores meios de comunicação e transporte em relação à Europa. Por esses motivos, a sede do Distrito foi transferida pelo rev. Mosteller para Mindelo em 1952, onde residia. (Ele foi o superintendente do Distrito Cabo Verde no período de 1952 a 1958).

Durante os doze anos do período missionário em Cabo Verde (1946 a 1958), os Mostellers tentaram várias estratégias evangelísticas. Uma delas foi a aquisição de dois veleiros rebatizados de “Boas Novas” (1950, um mastro) e “Novas de Alegria” (1952, dois mastros e um motor). Esse foi um dos primeiros barcos motorizados com registro permanente em Cabo Verde. A ideia inicial era facilitar o transporte dos missionários e dos pastores nacionais entre as diversas ilhas do arquipélago, de tal forma que o trabalho pastoral não dependeria mais dos horários dos barcos comerciais. Porém, havia o elevado custo de manutenção das embarcações. Analisados os benefícios alcançados, optou-se outra estratégia e os barcos foram vendidos.

Todos os navios que faziam a rota norte-sul pelo Atlântico paravam em Cabo Verde. Era um lugar onde se podia encontrar pessoas das mais diversas nações e religiões. Era comum, também, que missionários e outros irmãos parassem em Cabo Verde durante as escalas dos seus navios. Muitos ficavam impressionados com o avivamento nas ilhas e, em especial, pelo trabalho dos nazarenos, que lotavam os seus templos com os fiéis, mesmo a despeito da franca oposição religiosa. Entre os destaques do trabalho nas diversas igre-

jas do nazareno, estavam as correntes de oração e o revezamento de “duas horas de oração” implantados pelos Mostellers.

Na visão do rev. Mosteller, duas prioridades deveriam ser atendidas assim que assumiu a direção da missão em Cabo Verde: a implantação de um seminário e de uma editora nazarena.

Visão acertada, pois a estratégia que realmente consolidou o trabalho nazareno foi a instalação do Seminário, fundado em 1953. Muito embora as igrejas já tivessem suas respectivas lideranças de pastores nacionais, faltava-lhes o preparo formal para a função. Após assumir a direção da missão, o rev. Mosteller convidou o rev. Elton Wood e a sua esposa, sra. Margaret, para dirigirem o então incipiente seminário, cuja primeira turma iniciou-se em 1954. Além de ser um salva-vidas ministerial para todos os missionários (pois todos estavam muito ocupados com as suas congregações nas respectivas ilhas), essa ação estratégica gerou frutos mais tarde também para a missão no Brasil. Na década de 1970, alguns pastores caboverdianos foram enviados para cuidar de igrejas no Brasil.

O rev. Wood e a sra. Margaret assumiram e concluíram com bravura a tarefa de implementar o seminário nazareno em Cabo Verde. Além da administração, cabia-lhes a tarefa de ministrar a maioria das disciplinas, sem deixar de participar das ações evangelísticas nas demais ilhas. Ao lado do seminário foi erguido um alojamento para os alunos internos, a Casa do Estudante, que era usada prioritariamente pelos jovens casais chamados para o ministério. Já em 1956 graduou-se a primeira turma de pastores e suas respectivas esposas. Havia grande expectativa quanto a essa primeira turma, mas os desafios para eles seriam maiores ainda. Logo de início, diante da necessidade premente de a igreja estabelecer cinco novas congregações, eles receberam a notícia de que o escritório central havia liberado apenas cinco dólares para esse empreendimento. Resolutos e cheios do Espírito Santo, os recém-formados disseram que “a cha-

mada é de Deus. Ele proverá!” Aceitaram o desafio e contribuíram decisivamente para o avanço do Reino de Deus.

Ao mesmo tempo que dignificaram o trabalho dos outros missionários pioneiros, os Mostellers também incentivaram os jovens promissores para o ministério. Algumas decisões, porém, trouxeram dissabor. Em certa ocasião, sob restrição orçamentária, o rev. Mosteller teve de escolher entre dois candidatos. Um era carismático, extrovertido e falava muito bem; o outro, de caráter reservado, era mais observador do que comunicador. Foi escolhido o candidato com atributos aparentemente mais úteis para o ministério. A missão investiu em sua formação secular (para concluir o equivalente ao nosso ensino médio) e também no seminário. Ocorreu, porém, que esse irmão não levou adiante os seus estudos teológicos e abandonou o ministério sem ter produzido muitos frutos. O outro candidato, por sua vez, contou com o seu próprio esforço e com a ajuda de familiares para se qualificar para o ministério. Há décadas, ele continua produzindo frutos verdadeiros para o Reino de Deus.

Depois de observar inúmeros discípulos, seminaristas e pastores ao longo de sua carreira, instado a dar um conselho à nova geração, o rev. Mosteller disse que entre um indivíduo confiante e extremamente talentoso e alguém menos dotado de habilidades, mas que ama, e ama, e ama a Deus e ao próximo de todo o coração, ele escolheria o menos talentoso, tendo em mente quem seria o melhor colaborador na construção do Reino de Deus.

O desprendimento em sair da América para exercer o ministério em Cabo Verde e as pequenas ações da vida diária influenciaram muitas vidas. Um jovem, filho de um oficial aduaneiro, já estava bem empregado em um escritório. Tudo parecia definido quando Deus usou o rev. Mosteller para mudar a vida desse jovem de uma forma inesperada. “Deus está a estreitar o teu caminho. É hora de tomar uma decisão!”, disse ele ao jovem. Formado em 1955, o rev. António

Nobre Leite começou o seu ministério em Cabo Verde, sob a liderança do rev. Mosteller, e depois foi transferido em 1972 para o Brasil.

O lazer dos seminaristas cabo-verdianos era jogar voleibol ou futebol. Nesse último, destacava-se o jovem Eudo Tavares de Almeida, que viria a ser pastor no Brasil. “Em Cabo Verde, os meninos nascem com o futebol nas pontas dos pés”, lembra o rev. Mosteller. Isso era ótimo, pois a equipe da igreja saía-se muito bem nos torneios e chegou a ser campeã. Os jogos de futebol eram também excelente ocasião para testemunhar e pregar para o público. Desde que o rev. Eades organizou os primeiros times, durante os intervalos, os missionários costumavam apresentar os atletas nazarenos, que falavam sobre as suas conversões. Esses testemunhos serviam de base para uma breve pregação evangelística e para o apelo.

Essa estratégia foi bem-sucedida e aproveitada ao máximo pelo rev. Mosteller em várias ilhas. Apesar do ambiente de competição e brincadeiras, muitos que estavam sedentos foram tocados por Deus e se converteram. Hoje em dia, diríamos que o rev. Eades e o rev. Mosteller seriam verdadeiros patronos dos Atletas de Cristo, um ministério que promove a evangelização por meio de atividades esportivas⁶. Um jogo de futebol marcou o início de uma das assembleias distritais daquele tempo! Outra iniciativa do rev. Eades foi a criação da Brigada de Evangelização da ilha Santiago (BEST). Credita-se a essa Brigada a implantação de várias igrejas.

Por sua vez, deve-se ressaltar que Cabo Verde contribuiu muito para a produção de literatura nazarena, reconhecida pela qualidade do seu conteúdo em todos os países de língua oficial portuguesa. Em 1937 criou-se um comitê editorial (em Kansas City) para viabilizar a produção de material de santidade em português. Havia grande expectativa, que sempre era frustrada pelas dificuldades. No tempo

⁶ Atletas de Cristo. Consultar: www.atletasdecristo.org.

oportuno, em 1953, o rev. Mosteller deu início à empreitada em Cabo Verde e batizou-a de Editora Nazarena, ainda que de forma muito amadora e com precários recursos, basicamente com o uso de um mimeógrafo (a tecnologia disponível à época em Cabo Verde). Porém, a editora ganhou novo e decisivo impulso após a conversão do irmão Humberto Pires Ferreira. Gradativamente a editora foi contemplada com investimentos em equipamentos e pessoal, o que lhe deu condições de ampliar e melhorar a qualidade de seus produtos. Em uma de suas viagens aos Estados Unidos, o rev. Mosteller providenciou uma máquina de impressão profissional para a editora.

Capaz de delegar tarefas mais complexas, o rev. Mosteller enxergou o grande potencial desse discípulo. Homem culto e hábil na tradução de vários idiomas, de fé inabalável e otimismo contagiante, o irmão Humberto tinha um talento nato para escrever poesias e músicas, que acompanhava tocando piano ou violino. No início dos anos 1950, ele renunciou ao proeminente cargo de administrador da ilha Brava para dedicar-se ao ministério de traduzir e publicar literatura nazarena. Sua mais notória e expressiva contribuição foi a tradução de quase todo hinário nazareno *Graça e Devoção*, com 424 hinos.

No portfólio da editora estavam algumas publicações mensais: o jornal *Alvorada*, destinado aos jovens, a revista *Maná*, destinada aos pastores e pregadores, o boletim distrital *Epístola*, as lições da escola dominical *Lâmpada* e as lições missionárias da *Seara Nazarena*. Também eram produzidos o *Manual* e alguns pequenos livretos sobre santidade, além de materiais evangelísticos.

Porém, havia um drama no coração desse servo valoroso. Após a sua conversão, o irmão Humberto orou por treze anos até que a sua ex-esposa se convertesse, o que veio a ocorrer por intermédio do ministério dos Mostellers. Depois disso, casaram-se novamente e a família foi restaurada. Os irmãos Ferreira também foram usados por Deus para levar a Igreja do Nazareno para Lisboa (ler no Capítulo 9).

Líder envolvente, além de cuidar dos vocacionados para o ministério, o rev. Mosteller sempre procurou facilitar o ingresso dos novos discípulos nas atividades da igreja. Ao retornar de uma de suas viagens, reuniu vários adolescentes. Depois de uma breve ministração, ele distribuiu vários instrumentos musicais. Um ganhou um trompete, outro, um saxofone, outro, um acordeão, etc. Logo havia uma banda musical! Notas e acordes, ritmos e melodias logo se ouviram em santa algazarra. No meio de todo aquele entusiasmo e ruído juvenil, o rev. Mosteller fez força para disfarçar o sorriso e, em tom solene, advertiu os jovens discípulos lembrando-os de Mt 13:12: “treinem bastante, e se tornem peritos na sua arte, ‘pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem’... dom para tocar o instrumento... ‘até o que tem lhe será tirado’, seja bumbo ou clarineta, acordeão ou trompete!”

As meninas Mostellers, além de ser crianças missionárias, tiveram uma infância normal e se envolveram em todas as atividades educacionais e recreativas com as demais crianças da vizinhança. Por outro lado, isso também incluiu as típicas doenças infantis e as doenças tropicais. Eventualmente havia a necessidade de um tratamento médico mais complexo. Nesses casos, as coisas poderiam ficar bem difíceis. Para se ter ideia da precariedade dos serviços de saúde, havia apenas um único cirurgião para atender a todas as ilhas habitadas. Diziam que, se alguém tivesse de ficar doente, seria melhor orar para que isso acontecesse quando o médico visitasse a sua ilha.

Deus dava provas do seu constante cuidado para o desenvolvimento sadio das crianças. Uma das meninas, ainda bebê, por recomendação médica precisou de suplemento alimentar quando tinha cerca de cinco meses. Era uma época de dificuldades nas ilhas e não havia leite em pó no comércio, mas o SENHOR havia providenciado um estoque com antecedência. Deus conduziu os Mostellers até certo senhor que recebera seis latas de leite em pó dos Estados Unidos,

mas não as utilizou, pois, quando esse alimento chegou a Cabo Verde, o seu filho caçula já havia passado da fase de amamentação.

Os adultos também sofriam. Uma das dificuldades era a malária, típica doença tropical que é transmitida por mosquitos infectados. Seus sintomas mais comuns, dor de cabeça, febre, náuseas, calafrios, podem evoluir para quadros clínicos mais sérios. Apesar de erradicada em muitos países, inclusive em Cabo Verde, ainda hoje em dia, mais de um milhão de pessoas (na maioria crianças) morrem por causa da malária todos os anos nos países tropicais.

Como consequência da malária, as pessoas precisavam de repouso e tratamento antes de voltar à vida produtiva. O próprio rev. Mosteller enfrentou problemas com a malária diversas vezes, o que o impedia de desenvolver o seu ministério plenamente durante alguns dias. Subitamente acabaram-se as crises febris. Alguns meses depois, em viagem aos Estados Unidos, um conhecido lhe perguntou como estavam as coisas no campo missionário, pois algumas vezes – citando a época –, disse, levantou-se durante a madrugada para interceder pela família. Como é bom saber que a boa e poderosa mão do SENHOR nos guarda e levanta os nossos intercessores!

As visitas às igrejas, parte do trabalho do diretor da missão, eram verdadeiras aventuras. Primeiramente por ter de enfrentar o mar bravio em pequenas embarcações. Depois, porque, a despeito de a maioria das igrejas ser construídas nas cidades à beira-mar, havia também as congregações que ficavam no interior das ilhas e nos altiplanos. Em alguns lugares, as estradas eram trilhas que bordejavam as íngremes encostas das montanhas, que mais pareciam paredes, de tão perpendiculares.

Em uma das viagens missionárias pelo interior das ilhas, um homem rude se converteu e imediatamente ficou sensibilizado com a perdição dos seus conterrâneos. Muito enérgico, logo propôs uma forma de acelerar o trabalho evangelístico. Disse que, por um peque-

no salário, ele passaria o dia conduzindo as pessoas do vilarejo para a igreja. “Todos virão”, dizia ele mostrando um pedaço de madeira, “nem que seja na base da paulada!” Não demorou e ele recebeu a sua primeira lição de discipulado: “não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos”.

Tais quais as demais famílias missionárias, todos os Mostellers estavam envolvidos na obra. As crianças evangelizando as demais crianças, o rev. Mosteller pastoreando e coordenando o trabalho no arquipélago e a sra. Gladys, além de todas as atividades de suporte ao ministério do marido, dirigindo os estudos bíblicos na congregação em Vila Nova.

Em certa ocasião, acompanhada por uma fiel discípula, no meio do caminho foram alcançadas por uma menina que, na esperança de um milagre, pediu-lhes para ir até onde morava. A casa de um único cômodo, teto de palha, escura e abafada, ficava numa viela, atrás de várias outras. Há anos mãe da menina vivia entevada na sua cama e agora parecia apenas um amontoado de ossos, totalmente exaurida pela doença. Ouvindo falar daquilo que Deus operava no meio da igreja, desejava ir ao templo, mas não podia, pois não conseguia andar ou levantar-se sozinha. A partir de então, a sra. Gladys e a sua discípula, juntamente com a congregação em Vila Nova, passaram a cuidar e a orar por aquela mulher. Aquela discípula foi além e, durante semanas, cuidou daquela mulher e a ungiu diariamente. Depois de algum tempo, tiveram uma surpresa. Com um largo sorriso nos lábios, aquela mulher as recebeu em sua casa que, arrumada, transpirava felicidade. Ela estava recuperada e andando por conta própria. Em meio às trevas, brilhou a luz de Cristo, que a curou e libertou.

Entre o final de 1956 e o início de 1957, os Mostellers tiveram outro período de *furlough*. Durante uma campanha no Oregon, eles souberam que o Brasil havia sido apontado como um dos principais alvos para a ação missionária comemorativa do Jubileu, aniversário

de ouro da denominação, a ser celebrado em 1958. Na viagem de volta, embarcaram em Lisboa em um navio que, depois de Cabo Verde, seguiria com destino ao Brasil. A bordo, conheceram um brasileiro muito entusiasmado com os planos do novo presidente da República, que se propôs a construir uma nova capital federal, bem no centro desabitado do país. “Interessante!”, pensaram os missionários.

O restante do ano de 1957 foi embalado por uma inesperada reforma na casa pastoral, devido aos danos causados pela construção do porto de Mindelo (provavelmente as vibrações decorrentes das explosões das rochas danificaram as estruturas da casa). Na época, o principal meio de comunicação entre as ilhas eram os barcos. Porém as condições de atracação eram precárias, o que tornava esse tipo de transporte muito perigoso. Até então, os navios grandes tinham de ancorar na baía e desembarcar os passageiros e as cargas em pequenos barcos a remo para que chegassem até a praia.

No início de 1958, em uma reunião com os pastores cabo-verdianos, um deles apresentou uma mensagem intitulada *Surpresas*. De fato, era isso mesmo que o SENHOR havia reservado para os Mostellers. No dia seguinte, eles receberam um telegrama do escritório central nos seguintes termos: “a Junta Geral requisita vocês para abrir o trabalho missionário no Brasil. Envie sua resposta”.

Também foi uma surpresa o modo como as suas filhas reagiram. Depois do silêncio, seguiu-se a tristeza. Nem mesmo um minuto havia passado e uma delas deixou cair a primeira lágrima. Contagiadas pelo mesmo aperto no coração, as meninas Katlheen, Virginia e Elizabeth choraram copiosamente, até ao ponto de soluçarem. Doía na alma pensar em ter de deixar Cabo Verde, sua amada casa. A ideia de ter de se transferir para um novo país lhes partia o coração. Suas melhores amizades estavam ali, por que mudar para outro lugar? De imediato, vieram à memória da família inúmeras cenas das ilhas, irmãos nazarenos, pastores, demais missionários, amigos, enfim, a

vida ali. Para os Mostellers, Cabo Verde seria “a” sua missão de vida, não apenas uma delas. No fundo do coração, porém, as meninas sabiam que seus pais não recusariam a nova missão.

Depois da comoção familiar, o rev. Mosteller respondeu positivamente: “a requisição para o Brasil foi surpreendente e incrível. Não obstante, nós esperamos a decisão final da Junta como sendo a voz de Deus. Aguardaremos futuras instruções”.

Nos meses seguintes, os Mostellers se dedicaram a concluir algumas tarefas nas ilhas. Houve tempo apenas para concluir a construção de um novo templo e dedicá-lo ao SENHOR. No total, foram cerca de 25 construções nos doze anos de ministério: igrejas, capelas, casas pastorais e o seminário com a casa do estudante.

Convém destacar que o trabalho dos missionários e dos irmãos cabo-verdianos resultou em notório reconhecimento por parte das autoridades. De certa forma, o trabalho dos nazarenos em Cabo Verde está registrado na história secular, inclusive com a estampa de dois dos nossos templos em selos oficiais.

Ao aceitar o desafio missionário em Cabo Verde, o casal Mosteller revelou seu caráter destemido, resolveu enfrentar o desconhecido e viver para Cristo em uma comunidade muito diferente daquela da qual vieram. No serviço ao Senhor Jesus, a sra. Galdys se tornou a mais forte colaboradora do rev. Mosteller. Mas não foi apenas o caráter destemido do casal que se tornou notório. Durante sua visita a Cabo Verde em 1954, o superintendente-geral, rev. Hugh C. Benner, ficou surpreso com a facilidade com que o rev. Mosteller interagiu com as autoridades locais e lhes conseguia a boa vontade para com a igreja. Em 1958, ao indicar a família Mosteller para a missão pioneira no Brasil, o dr. Benner lembrou-se da grande capacidade dele em se relacionar com os representantes governamentais e fazer as vezes de relações públicas da igreja, o que seria, na sua opinião, muito importante para o sucesso da missão no Brasil.

Por meio de programas de rádios brasileiras, os habitantes de Cabo Verde tinham algum contato com a cultura do Brasil. Na verdade, eles até se divertiam com o sotaque dos radialistas e dos repórteres cariocas. Essas brincadeiras produziram um inesperado efeito entre as meninas, pois, ao chegar ao Brasil, elas fizeram a transição do sotaque lusitano para o brasileiro facilmente. Ainda hoje, depois de décadas morando somente nos Estados Unidos, elas falam fluentemente com sotaque brasileiro.

Simplicidade também era outra característica marcante na pregação e no ensino do rev. Mosteller. Um discípulo recém-convertido pediu uma explicação sobre a santificação. Para ilustrar, o rev. Mosteller pôs um prato de sopa sobre outro, de tal forma que formassem quase uma circunferência. Assim, o discípulo entendeu que a salvação e a santificação fazem parte de uma união perfeita.

Decerto, o ministério deles impactou inúmeras pessoas em Cabo Verde, como foi demonstrado nos vários eventos da despedida, que começou na 9ª Assembleia Distrital de Cabo Verde (maio de 1958). Os reverendos, pastores, seminaristas, delegados fizeram uma homenagem de despedida para a família e os colocaram num pequeno barco sobre a plataforma da igreja. A cerimônia terminou com uma chuva de confetes e uma torrente de lágrimas.

Vieram à memória flashes com algumas das principais realizações em Cabo Verde, tais quais a organização e a construção da igreja na cidade de Maio, a reabertura dos trabalhos e a construção do templo em Mosteiros, a conclusão de capelas em Ribeira da Barca, Chã, Monte, Monte Sossego e Ribeira da Bota, a construção e compra das casas pastorais em Praia, Maio, Ribeira Grande e São Filipe. A missão também comprou vários terrenos para expansões futuras. Também foram marcantes a implantação e construção do seminário e da gráfica nazarena. Ao longo do seu período missionário, o rev. Mosteller testemunhou como Deus transformou o relacio-

namento entre a igreja e a comunidade cabo-verdiana. Ficaram famosos os selos oficiais com as ilustrações relativas aos templos da Igreja do Nazareno em Cabo Verde.

Antes de partir, juntamente com o novo superintendente, o rev. Samuel Clifford Gay, fizeram o lançamento do livro *Álbum Bodas de Ouro da Igreja do Nazareno em Cabo Verde*, que comemorou o jubileu das missões da Igreja do Nazareno naquele país. Nesse livro, foram registrados os templos, as congregações, o Seminário, a Editora Nazarena (e exemplos de suas publicações) e os demais trabalhos da igreja em Cabo Verde, além das famílias missionárias e dos pastores locais responsáveis pelas igrejas e congregações. Nesse livro, lançado logo após a assembleia distrital de maio 1958, registraram-se também as calorosas homenagens à família Mosteller.

Outro livro muito importante dessa época, porém lançado pela *Nazarene Publishing House* (Casa Nazarena de Publicações) de Kansas City, foi o *Cape Verde Travelogue* (Registro de viagens de Cabo Verde). Nesse livro, o rev. Mosteller narra algumas viagens que ele e a sua família fizeram pelas ilhas de Cabo Verde em companhia de um casal de norte-americanos. Além dos aspectos culturais e turísticos, o livro fala sobre o trabalho nazareno nas ilhas.

O dia da viagem para o Brasil foi intenso em todos os sentidos. Afora os preparativos da viagem, ininterruptamente os discípulos nazarenos e os amigos cabo-verdianos passavam pela casa pastoral para se despedir. Foi uma tarde longa e muito sentimental. Havia uma grande comoção entre todos os irmãos.

Finalmente embarcaram, mas alguns jovens pastores vieram a bordo para um último abraço antes de o navio zarpar. Eles fizeram questão de apontar para o alto de uma colina, onde ficava o presídio. Em todas as janelas havia toalhas e camisas brancas. Eram os presos, muitos convertidos, que também faziam a sua homenagem aos amados missionários.

Da praia, os irmãos acendiam velas e cantavam “Oh! Que gozo e alegria, quando o povo ali chegar em Jerusalém...” À medida que o navio se afastava do cais, ainda se ouvia o belo hino e se via o brilho cândido das velas. Abraçados, os Mostellers foram reconfortados por saber que eles não eram a luz, mas vieram a Cabo Verde para testificar da verdadeira luz, a saber, Jesus, que, vindo ao mundo, ilumina a todo homem; foram apedrejados (sem ser atingidos), mas estavam firmados na Rocha eterna; souberam de naufrágios (físicos e espirituais), mas o SENHOR os livrou de todas as tormentas, no mar e na terra.

Nessa hora, veio à memória dos missionários uma questão que o rev. Elton Wood apresentou aos seus alunos no seminário de Cabo Verde: “O que aconteceria com a igreja em Cabo Verde se houvesse nova perseguição ou se os missionários fossem chamados de volta ao seu país, ou, ainda, se vocês não pudessem mais receber dinheiro dos Estados Unidos para pagar os salários dos pastores e fazer investimentos em construções?” Um dos alunos resumiu o sentimento dos nazarenos cabo-verdianos: “A igreja nacional iria sofrer, mas continuaria viva e atuante. Ela não poderia – e não pode – morrer!”

A equipe missionária nazarena passou a ser coordenada pelo rev. Samuel Clifford Gay (superintendente) e sra. Charlotte. Os demais missionários eram o rev. Ernest Eades e sra. Jessie, o rev. J. Elton Wood e sra. Margaret, e a missionária sra. Lydia Wilke. O rev. Roy Henck e sra. Glória chegaram ainda em 1958 para assumir o lugar dos Mostellers na equipe ministerial.

Destemidos, os Mostellers navegaram para a terra de Vera Cruz, o primeiro nome dado por Pedro Álvares Cabral ao Brasil logo após o seu descobrimento, para pregar o significado da verdadeira cruz e iniciar um grande empreendimento para o Reino de Deus.

A chegada ao Brasil e o primeiro templo em Campinas, SP

De julho de 1958 a agosto de 1959

EMPREENDEDORA. Essa é a principal qualidade pela qual podemos descrever o trabalho da família Mosteller no que diz respeito à implantação da denominação nazarena no Brasil. Essa característica também precisa ser assumida por alguém comissionado a iniciar ou organizar uma nova congregação, por exemplo.

Desde que o comandante anunciara a proximidade da costa brasileira, uma mistura de expectativa com curiosidade tomou conta de todos a bordo. Kathy, Ginny e Liz (como as garotas chamavam umas às outras) passaram horas sem fim no deque superior do navio, tentando avistar a terra o quanto antes. A imaginação delas funcionava a todo vapor, embalada pelas histórias ouvidas de outros passageiros. Como seriam as pessoas, altas ou baixas, morenas ou brancas, mais parecidos com os americanos ou com os cabo-verdianos? E a comida desta terra, que tempero eles usariam para prepará-la? E por aí vai... Quanto ao dinheiro, por sua vez, elas já sabiam que se chamava Cruzeiro. Na verdade, a caçula Elizabeth, ainda em Cabo Verde, relutan

do em mudar-se para o Brasil, disse para os seus pais em tom conclusivo, e com toda a autoridade de uma menina de sete anos: “Não podemos ir para o Brasil, pois não temos o dinheiro que eles usam lá. É melhor ficarmos aqui!”.

Enquanto elas imaginavam coisas sobre o Brasil, ainda no navio, os Mostellers, com atitudes sinceras, amáveis e envolventes, já haviam feito amizade com vários passageiros. Com total interesse pela nova terra, logo fizeram inúmeras perguntas sobre o Brasil, suas cidades, seu povo, sua religiosidade, seu clima, sua economia, sua cultura, etc. Foi a primeira pesquisa de campo deles visando ao estabelecimento da missão no Brasil, o que demonstra a visão empreendedora dessa família missionária.

Uma das surpresas foi descobrir que, apesar da sua imensidão, a maioria da população residia nos estados litorâneos. O interior do país (Regiões Norte e Centro-Oeste) era pouquíssimo ocupado.

Sem perder o foco da missão, cada nova amizade era registrada (nome, endereço, telefone e fatos interessantes) em sua inseparável caderneta estilo *moleskine* (aquela lendária caderneta de anotações, parecida com uma agenda de bolso presa por um elástico, usada por gerações de viajantes), hábito que ele nutriu durante todo o seu ministério.

Mais próximo da costa do Nordeste brasileiro, foi possível apreciar o perfil da cidade do Recife. Extensas praias de areia muito clara, paisagem incomum em Cabo Verde, muitas casas com fachadas coloridas, alguns edifícios mais altos e um porto muito movimentado. Durante a escala do navio, ao fazer um pequeno passeio pela cidade, conheceram os famosos canais que conferem um charme todo especial à “Veneza brasileira”, que, desde séculos, é a maior e mais verdejante metrópole do Nordeste brasileiro. Cidade que, por ocasião da ocupação holandesa, entre 1630 e 1654, recebeu salutar influência protestante, ainda que por poucos anos.

Os Mostellers ficaram logo maravilhados com a cidade, apesar do forte contraste social. Uma grande onda migratória, vinda do campo e de outras cidades menores, de súbito havia inundado a cidade de pessoas desempregadas e sem teto. Sempre atentos, os olhos missionários enxergaram várias oportunidades evangelísticas.

Outro fato que chamou a atenção, principalmente para quem vinha de uma colônia portuguesa que vivia sob ditadura, foi ouvir que em breve haveria eleições no País. Isso os fez saber que o Brasil era um país democrático, com eleições livres e garantia constitucional de liberdade de culto⁷. Esse fato permitia que o evangelho fosse pregado livremente. Um privilégio sem preço!

Navegaram mais um dia até chegar a Salvador. Novamente os contrastes capturaram a atenção dos Mostellers. Riqueza e pobreza; igreja e mundanismo. Justamente ao lado de templos ricamente adornados, inclusive com detalhes do teto folheados a ouro, havia inúmeros barracos onde as pessoas moravam de forma indigna. Outro atrativo foram as frutas vendidas nas feiras livres nas ruas de Salvador. Tamanho, cor, cheiro, sabor, muito nas frutas era diferente, sem contar que havia algumas que eles ainda nem sabiam que existiam.

Dois dias depois, chegaram à “cidade maravilhosa”. Ao longe puderam avistar a estátua do Cristo Redentor, que, por causa da neblina que encobria o Corcovado, parecia flutuar sobre as nuvens (uma imagem semelhante àquela que os discípulos tiveram ao ver o SENHOR ser levado aos céus, At 1:9). Para crentes fervorosos, tais qual a família Mosteller, a visão daquela obra de arte, em uma inesquecível cena de tirar o fôlego, de imediato provocou momentos de

⁷ O Brasil se tornou um país laico, onde a Igreja não interferia nos assuntos de Estado, em termos institucionais, desde a Constituição de 1891:

“Art 72 - A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: [...]

§ 7º - Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados”.

profunda meditação. O Espírito Santo ministrou ao coração deles, mostrando que Cristo deve estar acima de tudo. Sempre!

O comandante havia permitido que se realizasse um culto a bordo. Algumas pessoas, reconhecendo a sua cegueira espiritual e sendo tocadas pela pregação e pelo testemunho da família Mosteller, se dispuseram a visitar a igreja, assim que os missionários se instalassem no Rio de Janeiro.

A entrada na baía da Guanabara foi um brinde aos olhos, tamanha a beleza das praias de Copacabana e Ipanema, emolduradas pelos arranha-céus do Rio de Janeiro. Esses, por sua vez, eram cercados pelos belos morros (ainda com a vegetação nativa). A alegria e a simpatia dos cariocas a bordo eram contagiantes. O clima ameno do inverno brasileiro permitiu que o passeio pela cidade confirmasse tudo aquilo que era notícia sobre o Rio mundo afora.

Por fim, em 31 de julho de 1958, após dez dias de viagem, o navio chegou a Santos, principal cidade portuária que servia à metropolitana e cosmopolita São Paulo, que distava cerca de 90 km em direção ao interior do estado. A família Mosteller, cuja volumosa bagagem foi trazida como cortesia pelo comandante sem cobrança pelo excesso de peso, finalmente havia chegado ao Brasil. Vencidas as tarefas da alfândega e da vigilância sanitária, prepararam-se para o desembarque. Do alto do convés, procuraram pelo casal de nazarenos americanos que os estaria aguardando. Não foi difícil a identificação recíproca, apesar da multidão que se aglomerava no cais. Conheciam-se apenas por cartas e fotos, mas, de imediato, houve uma empatia entre as duas famílias, de tal forma que os Mostellers se sentiram como se estivessem apenas revendo os Stegemollers, velhos amigos. Foi maravilhoso ter irmãos em Cristo esperando para recebê-los naquela nova terra.

Como se não bastasse essa emoção, eis que surge em toda a sua elegância o sorridente discípulo cabo-verdiano, José Zito Oliveira,

que, em 1956, não conseguindo entrar na Argentina, fora recebido no Brasil por um meio-irmão seu. Foi surpreendente vê-lo depois de dois anos justamente no Brasil. Nem bem se cumprimentaram e ele logo perguntou: “Rev. Mosteller, quais as possibilidades para me preparar para o ministério?” O que dizer de um discípulo com esse nível de determinação, que aguardou fiel e pacientemente a chegada dos missionários nazarenos para se juntar a eles na missão de evangelizar o Brasil? O desejo genuíno dele, que se concretizou, era ser um pastor. Para o rev. Mosteller foi uma bênção chegar ao Brasil e já ter de imediato um candidato ao ministério.

Após essas quatro primeiras experiências (Recife, Salvador, Rio e Santos), os Mostellers entenderam que o Brasil oferecia uma grande oportunidade missionária. Primeiramente, a simpatia do povo ganhou a atenção deles, pois os brasileiros recebiam os estrangeiros com muito carinho. Em segundo, observaram que até mesmo seguidores de seitas, no caso os testemunhas de Jeová, tinham total liberdade para anunciar a sua crença, oferecer literatura e convidar abertamente as pessoas para as suas reuniões. “Este lugar deve ser o paraíso para o evangelismo!”, pensaram. Em terceiro lugar, ficou marcada a visão da enorme fila para entrar na matinê do cinema, numa tarde de domingo. De acordo com um guia turístico, isso era comum, pois as pessoas tinham poucas opções de lazer e os brasileiros eram loucos por cinema. Um professor universitário lhes disse que as pessoas no Brasil gostavam de novidades.

A família Stegemoller hospedou os Mostellers em sua casa na cidade de Campinas, no interior do estado, distante 100 km da capital São Paulo. No final de semana, o rev. Mosteller já estava no púlpito pregando na *Community Church* de Campinas, uma igreja de língua inglesa. Poucos dias depois, outro casal de missionários, os Coolidge, que estavam indo para a Argentina, lhes fizeram uma visita em Campinas, durante a escala do seu navio.

Nas semanas seguintes, a prioridade foi alugar uma residência. Não foi fácil achar uma casa que acomodasse bem a família com aluguel barato. Sem deixar de pensar no trabalho evangelístico e de implantação da igreja no Brasil, o rev. Mosteller aproveitava os contatos com os proprietários e com os corretores de imóveis para listar os possíveis alvos evangelísticos. Também foi necessário encontrar uma casa para outro casal missionário que se juntaria em breve à equipe, os Gates, que conheceram durante uma das campanhas para divulgação das missões nas igrejas do estado de Ohio, Estados Unidos, durante um dos períodos de *furlough*, há alguns anos. Outra preocupação era encontrar o local para instalar a igreja.

Nesse meio tempo, as famílias Mosteller e Stegemoller visitaram algumas igrejas bem estabelecidas em Campinas. Observaram o ambiente, o estilo do culto, as pessoas que frequentavam as igrejas, a localização dos templos, etc. Também observaram a dinâmica da cidade, os bairros mais movimentados, os mais valorizados, as linhas de transporte coletivo, etc. Enfim, mais pesquisas de campo.

À medida que as coisas iam se acomodando, Deus mandava novas surpresas. Foi o caso de uma generosa oferta do Distrito Oregon Pacífico destinada à aquisição de um veículo. Comprou-se uma Kombi por sua insubstituível versatilidade. Além do veículo, Deus encaminhou um grande colaborador definitivamente para Campinas. O rev. José Zito, que após a chegada dos missionários viajava todos os finais de semana de Santo André para Campinas a fim de participar dos cultos na casa dos Stegemollers, conseguiu ser transferido por sua companhia para trabalhar na filial em Campinas.

Havia vantagens em morar na pacata Campinas, mas isso, às vezes, causava algum transtorno para os estrangeiros. Algumas questões eram providenciadas na própria cidade, tais quais as licenças para dirigir carros e os exames médicos. Outras, porém, tinham de ser resolvidas na capital. Foi o caso da carteira de identidade de es-

trangeiros, que teve de ser feita em São Paulo. Ao visitar a capital do estado, foi impossível não se admirar com tamanho progresso. Já naquela época, São Paulo era um forte polo industrial e consumidor que atraía as principais empresas nacionais e algumas multinacionais americanas, europeias e japonesas. Muita gente de várias cidades do Brasil se mudava para lá em busca de uma vida melhor. Também havia imigrantes da Europa e da Ásia, além dos conterrâneos norteamericanos. Porém, apesar de tamanho atrativo para quem ama o evangelismo, aquela gigantesca cidade teria de esperar outra oportunidade para ser incluída no roteiro nazareno.

A despeito de a presença e o envolvimento da família Stegemoller ter sido (humanamente) decisiva e indispensável, a escolha de Campinas foi justificada pelos seguintes aspectos: a cidade era limpa e bem iluminada e, também, dispunha de algumas instituições de ensino superior. Além disso, era uma cidade em franco desenvolvimento econômico, fato comprovado pela escolha de Campinas para a instalação da fábrica de tratores na qual o Sr. Ervin trabalhava.

A limpeza e a iluminação da cidade transmitiram um senso de organização e de segurança para os missionários. Por sua vez, a questão da educação superior era imprescindível, pois, para os Mostellers, seria prioritária a formação dos pastores nacionais para expansão do Reino de Deus, a exemplo do que aconteceu em Cabo Verde. A presença das faculdades e universidades indicaram o bom nível acadêmico e cultural da população de Campinas (aproximadamente 200.000 habitantes em 1960), de onde surgiriam os primeiros nazarenos e também os primeiros pastores nacionais.

Na condição de diretor da missão no Brasil, uma das preocupações do rev. Mosteller era implantar com sucesso a primeira igreja. Por isso ele teve de escolher uma estratégia com resultados de curto, médio e longo prazos. Essa estratégia considerava justamente os jovens bem formados academicamente como um dos seus principais

alvos por dois motivos. Há cinquenta anos, o rev. Mosteller já acreditava que evangelizar em cidades com boas universidades aumentaria a chance de encontrar jovens bem instruídos e com chamado pelo SENHOR para o ministério. É justamente o princípio de 2 Tm 2:2: “transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros”. Por sua vez, tendo em vista que as universidades geralmente ficam em regiões em desenvolvimento, em que há muitos empregos e oportunidades de empreendimentos para jovens bem formados, haveria chance maior de evangelizar profissionais com bons salários. Com isso, a membresia das igrejas poderia levá-las ao autossustento e, com isso, também poderia patrocinar novas congregações nas cidades vizinhas até que estas também se tornassem autossustentadas, e assim sucessivamente.

Na fase de implantação, outras cidades também foram visitadas nos estados do Sudeste e do Sul do País em busca do local de instalação da sede ou de oportunidades de expansão futura. O rev. Mosteller fez várias viagens por essas regiões para ter um panorama geral do campo missionário no Brasil, seguindo a orientação do superintendente-geral. Sempre foi notável a variedade de contrastes socio-culturais e econômicos. De imediato ele também verificou a imensa necessidade de missionários e obreiros locais. Cinquenta casais missionários ou pastorais não seriam suficientes somente para atender as médias e grandes cidades visitadas.

Numa dessas viagens, na companhia da família Stegemoller ocorreu algo que terminou em uma enorme gargalhada. No grupo, alguém avisou que precisaria usar o toalete. Perguntaram a um policial onde poderiam encontrar um toalete. Ele indicou um posto de gasolina próximo dali. Porém, o drama foi fazê-lo compreender do que se tratava. Ainda com o vocabulário e o sotaque portugueses, o rev. Mosteller tentou fazer-se entender usando todas as palavras conhecidas. Já à beira do desespero, teve de usar as suas habilidades

teatrais para fazer o policial entender o tipo de necessidade. Ufa! Conseguiu. Evidentemente, esse fato rendeu piadas por toda a viagem. Além das piadas, o irmão Ervin cantarolava uma canção americana que dizia mais ou menos o seguinte: “Estou dançando com lágrimas nos olhos!”

Havia uma certa resistência quando se falava em viajar de carro por algumas estradas, pois o folclore popular alimentava lendas (ou notícias) de motoristas mal-humorados que costumavam viajar armados e fazer disparos nas rodovias quando se sentiam em perigo (ainda que imaginário). O Brasil era uma terra de aventuras e perigos.

O perigo também se fazia real nos ares. Em certa ocasião, durante um voo entre São Paulo e Rio de Janeiro, o avião bimotor teve uma pane e um dos motores deixou de funcionar. Enquanto os demais passageiros ensaiavam uma situação de pânico, o dr. Updike, do Departamento de Missões Mundiais, perguntou serenamente ao rev. Mosteller: “os pilotos conseguem controlar o avião com apenas um motor?” Resposta positiva, pois há dias outra pane semelhante ocorrera e o piloto pousou o avião; ninguém se feriu. Ele só não falou que, antes de pousar, aquele avião havia destelhado algumas casas.

Após mapear os possíveis locais para a implantação inicial da igreja, optaram por fazê-lo justamente em Campinas, SP. Além da família Stegemoller, da questão de iluminação pública e das universidades, um dos argumentos que justificaram essa escolha foi o fato de que seria mais fácil a Igreja do Nazareno se tornar notória em uma cidade média do que em uma metrópole. Essa percepção estratégica foi plenamente confirmada, pois, ao longo desses cinquenta anos, Campinas cresceu juntamente com as demais cidades que fazem parte do “Quadrilátero Paulista”. Essa região, que gravita em torno da capital São Paulo, representa o mais próspero polo econômico e acadêmico do Brasil. Ali vivem cerca de trinta milhões de pessoas que produzem 26% de toda a riqueza nacional.

De volta a 1958. Os Gates haviam chegado em setembro e já estavam instalados em sua casa. Depois de dois meses envolvidos com a busca por um salão a ser alugado, decidiram iniciar oficialmente o trabalho da Igreja do Nazareno no Brasil, ainda que não dispusessem de um salão ou endereço comercial. Escolheram uma data muito significativa, que coincidiu justamente com o quinquagésimo aniversário da denominação. Transcrevemos a seguir o registro da histórica reunião, anotada pela sra. Marjorie Stegemoller:

“Campinas, domingo, 12 de outubro de 1958.

O culto de aniversário das Bodas de Ouro da Igreja do Nazareno foi realizado no Brasil em casa do sr. e da sra. Ervin Stegemoller. Estiveram presentes 12 pessoas, sendo duas famílias missionárias, rev. e sra. Earl Mosteller com suas três filhas, Kathleen, Virginia e Elizabeth, e rev. e sra. Charles Gates, além de uma família leiga, sr. e sra. Ervin Stegemoller, com seus três filhos, Ronald, Janis e Carol.

O rev. Charles Gates dirigiu-nos no canto ‘Ele habita’ e o irmão Ervin Stegemoller leu o segundo capítulo de Atos. Todos sentimos a presença de Deus durante esse primeiro culto no Brasil, especialmente quando a sra. Mosteller nos dirigiu em oração pelo Brasil e pelo poder em realizar a tarefa que está à nossa frente. O irmão e a irmã Gates cantaram o hino de aniversário das Bodas de Ouro, *The Sun Never Sets in the Morning* (O Sol não se põe na alvorada) em inglês e, depois, as sras. Mosteller, Kathleen, Virginia e Elizabeth cantaram em português. O rev. Mosteller deu oportunidade a cada pessoa presente para testificar e, depois, falou desafiando-nos sobre as possibilidades e seus planos para evangelizar o Brasil. Revendo o passado, apontou para a grande herança que temos tido na nossa igreja com os 16 superintendentes-gerais e superintendentes distritais que têm sido homens de Deus. A seguir, olhando para o futuro, mostrou-nos a possibilidade de termos mil Igrejas do Nazareno no Brasil em 30 anos. Tivemos um bom tempo de oração depois de o irmão Gates

mostrar o filme intitulado *50 anos de Ouro*. A sra. Mosteller convidou-nos a todos para sua casa na segunda-feira, 13 de outubro, para uma reunião de anos festejando os 50 anos de idade da nossa igreja. Foram passados envelopes pintados com ‘50’, a letras de ouro, e cartões de oferta para ser entregues na reunião da próxima noite. Todos saímos desse culto desafiados pela tarefa de ganhar para Cristo muitos brasileiros perdidos. O irmão Gates fez uma gravação do culto com fita registradora”.

Além desse registro histórico, convém transcrever (em tradução livre) as anotações do rev. Mosteller em seu diário missionário a respeito daquela ocasião. Destaque-se que se cumpriu esta oração:

“13 de outubro [1958] – Ontem tivemos um culto na casa da família Stegemoller e hoje, a festa na nossa casa para celebrar o aniversário do jubileu da nossa amada igreja. Contando as crianças, éramos apenas doze, mas com Deus, isso é maioria! Quando a igreja no Brasil vier a celebrar seus cinquenta anos, esperamos que o progresso que ela tiver feito seja comparável ao de nossa igreja geral”.

A partir desses dois documentos, verificamos que o rev. Mosteller foi (e continua sendo) um homem de grandes visões e que sempre esteve cercado de missionários e colaboradores que também eram visionários. Nos primeiros anos, ele acumulou as tarefas de pastor da igreja local e de diretor da missão, tendo em mente o objetivo de fazer a implantação da denominação no Brasil ser bem sucedida.

A busca por um bom imóvel, em que coubessem pelo menos 200 pessoas, havia sido longa e cansativa. Sem poder esperar mais, os cultos da igreja começaram na sala da casa da família Stegemoller, conforme lemos. As reuniões de domingo iam muito bem, tendo alcançado trinta ou quarenta pessoas, o que tornava, a cada semana, mais premente a necessidade de um templo para aquela congregação. Era um “rebanho” multicultural, por assim dizer, pois, além dos irmãos americanos, havia sempre a presença de uma irmã cabo-verdi-

ana que residia há anos no Brasil, uma irmã inglesa e seu marido brasileiro, e um ex-padre italiano convertido em Cabo Verde.

Em outra frente de ação, eram tomadas as providências para o registro civil da igreja (pessoa jurídica), condição indispensável para a regularidade no Brasil.

Em abril de 1959, chegaram ao Brasil os missionários Dentons: rev. Ronald, sua esposa, sra. Sarah, e os filhos, Ronald, Marsha, Daniel e Joyce. A caçula, Valerie, nasceria em Belo Horizonte, por onde eles começaram seu ministério no Brasil. Eles já acumulavam muitos anos de ministério, tendo, inclusive, iniciado com pleno sucesso os trabalhos da Igreja do Nazareno no Uruguai, de 1949 a 1959. Antes disso, eles também haviam trabalhado por um breve período na Bolívia e na Argentina, de 1947 a 1948. Sempre demonstrando bom humor e grande entusiasmo, o rev. Denton iniciou os trabalhos diretamente no campo pioneiro de Belo Horizonte sem passar pela escola de idiomas em Campinas. O domínio do idioma espanhol facilitou a imediata imersão no campo missionário.

Finalmente, numa decisão extrema, iniciaram as negociações para alugar um lote em Campinas e fazer um tabernáculo provisório de lonas. Porém, mal tinham iniciado esses trabalhos quando um amigo ofereceu um imóvel que tinha localização excepcional, mas que ainda estava em fase final de construção. Negócio fechado na hora. Iniciaram de pronto os preparativos para a inauguração.

Três semanas era um prazo muito apertado, mas foram em frente. Os bancos há muito tinham sido encomendados e estavam prontos, mas os acabamentos do templo somente foram concluídos uma hora antes da inauguração. Inicialmente, o proprietário tinha o propósito de alugar as duas lojas do térreo. Porém o rev. Mosteller convenceu-o a derrubar a parede que dividia as duas lojas e alugar todo o prédio para a igreja. Além de dispor de um excelente salão, a igreja estaria localizada em uma das principais avenidas da cidade.

Em 11 de agosto de 1959, inaugurou-se o primeiro templo da Igreja do Nazareno no Brasil, que contava com uma membresia inicial de quatorze irmãos. Estavam presentes o prefeito, que cortou a fita, e várias outras autoridades civis e militares, cuja maioria nunca havia entrado em uma igreja evangélica. No total, havia uma multidão de cerca de duzentas pessoas que participaram do culto e acompanharam a apresentação da banda da Polícia Militar. Na ocasião, pregou o evangelista nazareno rev. C. T. Corbett. Ao final da campanha de inauguração, mais de oitenta pessoas foram ao altar com os corações quebrantados. Nesse mesmo dia, um dos jornais da cidade começou a publicar os artigos nazarenos traduzidos pela sra. Gladys.

Essa inauguração foi precedida por várias ações de marketing com ênfase na estratégia de saturação: propaganda nas primeiras páginas dos maiores jornais, anúncios nas principais rádios, convites especiais para as autoridades, mala-direta para as pessoas contatadas nos meses anteriores, milhares de folhetos distribuídos nas residências, faixas na avenida, convites pessoais para amigos e também para desconhecidos abordados nas ruas. Em grande estilo, houve a panfletagem aérea, que na época era permitida. No pequeno avião, que também puxava uma grande faixa pelos ares de Campinas, estava o irmão Henrique Allásia. O padre Pedro, como ele era mais conhecido, havia se convertido em Cabo Verde, mas, temendo retaliações religiosas, mudou-se para o Brasil. Campinas parou para conhecer a Igreja do Nazareno e ouvir a mensagem do evangelho.

O bombardeio de divulgação da igreja causou reclamação de ministros de outras denominações, pois nossa igreja nem tinha chegado ainda e já era mais conhecida do que as deles. Um líder de outra denominação, impressionado com a repercussão daquela campanha, ficou perplexo ao saber que, na verdade, tudo aquilo era feito por apenas duas famílias missionárias, uma família missionária leiga e alguns colaboradores locais.

Esses fatos demonstram a enorme capacidade do rev. Mosteller em aproveitar todos os contatos com as pessoas e as autoridades e aproximá-las da igreja. Ao longo dos anos, essa habilidade natural mostrou-se extremamente útil em diversas ocasiões. Causava certa admiração entre os brasileiros que um americano falasse o português com tal fluência, apesar do sotaque lusitano.

Dois meses depois da inauguração do primeiro templo nazareno em Campinas, iniciaram-se oficialmente os trabalhos em Belo Horizonte com os Dentons. Desta vez, além das famílias missionárias e de convidados locais, o culto inaugural, em 30 de outubro de 1959, contou com a presença do rev. G. B. Williamson, um dos superintendentes-gerais (de 1946 a 1968). Ele foi a primeira autoridade nazarena do alto escalão a visitar o Brasil (em 1957) visando a implantar a denominação por aqui.

COLABORADORES FIÉIS. Essa é a principal qualidade pela qual podemos descrever a família Stegemoller. O exemplo deles deve servir de inspiração para aqueles que querem trabalhar de forma voluntária para a implantação de um empreendimento do Reino de Deus.

Muito embora sejam citados os revs. e as sras. Mostellers, Gates e Dentons como os primeiros missionários (anos 1958 e 1959), além do pioneiro rev. José Zito Oliveira, temos de incluir nesse rol, a bem da justiça e para a glória de Deus, a família Stegemoller, verdadeiros missionários leigos que muito contribuíram para a implantação da denominação no Brasil.

Oriundos de Indianápolis, conhecida como o entroncamento da América por ficar centralizada na principal região industrial do meio-oeste dos Estados Unidos, eles vieram para o Brasil em 1956, aparentemente por causa de uma oportunidade profissional.

Na verdade, algo já estava em andamento no coração de Deus em relação ao Brasil. Para isso, Ele se valeria desse casal, que sempre foi

muito ativo em sua igreja local (*Indianapolis West Side Church of the Nazarene*), na qual desde cedo eles foram encorajados a trabalhar ativamente em vários de partamentos.

A sra. Marjorie, por exemplo, era presidente da Sociedade Nazarena de Missões Mundiais da sua igreja local. Nessa condição, totalmente alinhada à sua paixão ministerial, trabalhava divulgando o trabalho missionário, levantando as ofertas mundiais e motivando aqueles irmãos que tinham este chamado encorajando-os a prosseguir. Não raro, ela sonhou em ser uma missionária também. Porém, não era esse o chamado de Ervin, seu marido, que era um executivo industrial e identificava-se mais com o ministério de ensino da escola dominical. Com três crianças, para ela, seria quase impossível ir para o campo missionário. Além do quê, não havia missionários leigos na Igreja do Nazareno.

Ao receber a notícia de que a companhia em que Ervin trabalhava lhe oferecera a possibilidade de mudar para o Brasil com a tarefa de dirigir o departamento de produção, logo lhe ardeu no coração a chama missionária novamente. Mas seria possível ser missionária e esposa de um executivo ao mesmo tempo? Por que não?

A sra. Marjorie conta que os testemunhos dos irmãos que retornavam da África desde cedo alimentaram o seu coração missionário. As histórias pareciam verdadeiras aventuras, em que o SENHOR protegia e livrava os missionários dos perigos de um continente repleto de vida selvagem e de desafios para os homens e mulheres de Deus. Ao amadurecer, concluiu que havia outros tipos de ameaças e problemas reais que os missionários enfrentavam.

Ao orar em certa ocasião entregando a sua vida em inteira consagração, a sua mãe passou por um momento de provação até que aceitou a ideia de que a sra. Marjorie, então uma criança, poderia ser uma missionária. Isso foi um mistério até que, anos depois, surgisse o trabalho no Brasil e essa historia se tornasse conhecida.

O processo de mudança começou quando a companhia requisitou voluntários para a filial no Brasil em troca de um generoso pacote de incentivos. (A empresa LeTourneau-Westinghouse usou o nome Tratores do Brasil quando se instalou em Campinas.) Enquanto voltavam da entrevista, eles fizeram brincadeiras, dizendo que os outros candidatos não teriam chances porque o SENHOR estava nisso. Quanto mais oravam a respeito, mais convicção eles tinham de que aquilo era dirigido pelo SENHOR, pois sabiam que poderiam ser úteis para ajudar missionários ou igrejas já estabelecidas.

Souberam que as outras esposas haviam criado algumas dificuldades. Na verdade, só havia uma esposa com coração missionário! Em seis dias tiveram de partir. (O prazo curto indica que os chefes da companhia tinham medo de que ela mudasse de ideia e inviabilizasse o trabalho do sr. Ervin.) Portanto, não tiveram tempo para pesquisar sobre o País, sua cultura e seus costumes. Algumas pessoas, tentando convencê-los a não viajar para tão longe, diziam que o Brasil era um país cheio de cobras e crocodilos soltos pelas ruas e que as casas eram cercadas pela selva. Porém, o casal Stegemoller, certo de que essa missão era propósito de Deus, ignorou tamanho devaneio.

Do ponto de vista familiar, o casal achava que a transferência para o Brasil seria boa para os três filhos, Ron (na época tinha sete anos), Janice (quatro) e Carol (três). O filho mais novo do casal, Randy, nasceu no Brasil. O casal Ervin e Marjorie tinham 30 e 28 anos, respectivamente. Os pais se preocupavam com o desenvolvimento espiritual das crianças, pois, já naquela época, os programas televisivos e filmes americanos apresentavam conteúdo inadequado para um lar cristão. Somava-se a isso, o crescente materialismo alimentado pelas revistas e jornais e até mesmo nas escolas. Portanto, uma das estratégias do casal foi envolver as crianças desde cedo em todas as atividades da igreja no Brasil, da mesma forma que fariam em sua igreja de origem.

Ao chegar, ficaram impactados com as dimensões continentais do Brasil. A percepção anterior que eles tinham do País obviamente não correspondia com a realidade (pairava sobre eles a dúvida se haveria qualquer igreja protestante no Brasil, por exemplo). Era tudo novo para eles, pois a cultura latina diferia bastante dos costumes característicos da região central dos Estados Unidos. Sem dominar o idioma português, tiveram dificuldades para encontrar uma igreja evangélica. Então consultaram o escritório central (julho ou agosto de 1956) para saber se já havia uma igreja ou mesmo missionários nazarenos trabalhando no Brasil. Na ocasião, também ofereceram o próprio lar para receber eventuais missionários. A propósito, somente entenderam o porquê de terem alugado uma casa tão ampla e com tantos quartos depois da chegada dos Mostellers e início dos cultos em sua casa. Além disso, achavam que poderiam colaborar de qualquer forma possível, tal qual envolvendo os vizinhos, os colegas de fábrica e até mesmos os pais dos colegas de escola dos filhos.

Souberam que o escritório central, em Kansas City (Estados Unidos), gostaria de enviar missionários para o Brasil, mas não tinham planos ou uma ideia de como fazê-lo naquela ocasião. Além de não ter planos, também não tinham dinheiro. Portanto, deram glórias a Deus quando souberam que uma família nazarena poderia ajudar os missionários. Os irmãos do escritório central também ficaram entusiasmados com a confirmação deles de que o Brasil era, de fato, um amplo campo missionário totalmente aberto ao evangelho.

Como consequência dessa carta, em 1957, um dos superintendentes-gerais, o dr. G. B. Williamson, e seu intérprete, dr. H. T. Reza, vieram ao Brasil para uma primeira prospecção do campo missionário. A primeira tarefa para os Stegemollers foi mostrar a eles Campinas e algumas outras cidades próximas à capital do estado, São Paulo. Com sua visão empresarial, o irmão Ervin ressaltava as potencialidades de cada cidade. O superintendente-geral fez várias pergun-

tas, ouviu sugestões e concluiu que o ideal era ter dois ou três casais missionários capazes de trabalhar com todas as classes sociais, não apenas com os pobres. Essa era uma estratégia ousada, fora do padrão das missões tradicionais, que visavam primeiro às pessoas menos favorecidas, mas ele tinha uma visão grande para o Brasil. Ele chegou a confidenciar que, na América, todos achavam que o Brasil iria “acontecer”, ou seja, que o nosso país logo estaria em destaque no cenário mundial.

Dentro dessa visão, seria mais fácil alcançar todas as camadas sociais em Campinas. Por ser uma cidade de tamanho médio, parecia ser o local ideal para os primeiros missionários se estabelecerem. Por sua vez, o superintendente-geral já tinha em mente o nome do rev. Mosteller que, de fato, conseguia transitar entre as autoridades, os meios de comunicação de massa e o povo em geral sem se intimidar ou criar distinções. Prova disso foi a interessante forma pela qual o rev. Mosteller decidiu iniciar a implantação da igreja. Ele optou por conhecer as autoridades locais. Com isso, buscou um meio de criar amizade e respeito entre eles. Hoje, depois de analisar os feitos do rev. Mosteller, podemos dizer que ele era excelente na capacidade de criar vínculos saudáveis com as autoridades civis. Por outro lado, ter um executivo na “equipe missionária” também foi fundamental para o bom êxito da missão. Ao tratar dos negócios da empresa, o sr. Ervin conheceria outros executivos, empresários, autoridades e várias outras pessoas. Também teria acesso a dados geográficos, estatísticos e econômicos que poderiam ser usados no planejamento estratégico da missão. Foi o que, de fato, aconteceu.

Sempre muito engajados no trabalho missionário, o casal Stegemoller assumiu várias funções na igreja nascente. Apesar de não escapar das tarefas da cozinha, tal quais as esposas dos missionários, a sra. Marjorie foi professora da escola dominical e pianista da igreja, enquanto que o sr. Ervin foi tesoureiro. No começo do trabalho, o

casal Stegemoller esperava apenas ser de alguma ajuda, mas eles não imaginavam a dimensão que essa ajuda tomou ao prover o suporte necessário para o estabelecimento da missão: desembaraço de providências legais, orientação de usos e costumes locais, apresentação de colegas brasileiros, empresários e autoridades, o uso da sala de sua casa para os primeiros cultos, o trabalho voluntário na igreja, para o qual eles foram preparados por anos em sua igreja de origem, e, é claro, provendo parte do suporte financeiro com o seu dízimo fiel. A sra. Marjorie costuma dizer que “a vida cristã é trabalho o tempo todo”. O que se dirá no campo missionário!

Por falar em trabalho, durante um bom tempo, a sra. Marjorie também ensinou inglês para os brasileiros. Usava para isso uma sala no prédio da igreja, no intuito de fazer as pessoas irem até o local do templo e, com isso, tornar a nova denominação mais conhecida na cidade. Além disso, ela convidou algumas de suas amigas, esposas de executivos americanos de outras multinacionais que se instalavam em Campinas, para lecionar. O curso fez um notável sucesso, pois os seus professores eram americanos de nascimento.

Um casal em especial, muito amigo dos Stegemollers, também ajudou a igreja. Crentes fiéis e generosos, além de doar um órgão, enquanto estiveram longe da sua igreja de origem (Igreja de Deus), colaboraram com o seu dízimo e as ofertas, e o seu dedicado trabalho, chegando a conduzir e pregar em cultos em inglês, que ocorriam antes do culto principal. A família Moffett (Wallace, Caroline, Sharon e Carol) deixou grandes saudades e frutos em Campinas.

Em 1960, mais precisamente em setembro desse ano, os irmãos Stegemollers lançaram-se em uma inusitada campanha. Lembraram aos seus amigos nazarenos que àquela altura, (como diriam os irmãos portugueses,) já havia sessenta anos que as missões nazarenas estavam envolvidas com povos de língua oficial portuguesa, ou seja, desde 1901 com as missões em Cabo Verde. Apesar disso, ainda não

havia no Brasil, o maior país de língua portuguesa no mundo, o A-rauto da Santidade, o programa Chuva de Bênçãos (A Hora Nazarena) e livros-textos com a ênfase na santidade. De outro lado, surgia a imediata necessidade de prover literatura adequada aos candidatos brasileiros ao ministério. Esse assunto foi alçado à condição de questão número um da agenda de oração missionária, tendo em vista a urgência em preparar os obreiros nacionais.

Certos de que milhares de irmãos desconheciam o problema e o potencial desse tipo de literatura para o mundo nazareno de língua portuguesa, eles acreditavam que divulgar o programa Livros para o Brasil criaria uma reação em cadeia quanto ao levantamento de fundos. Plenos de entusiasmo, eles enviaram cartas a todos os seus amigos nazarenos, falando sobre a oportunidade de suprir essa necessidade e solicitando que enviassem suas ofertas para esse projeto, por meio do escritório central. Ao fazer isso, nem sequer consideraram a vergonha de ser vistos por seus amigos como mais um “pedinte do terceiro mundo”. Não! Eles estavam apaixonados pela missão que também era deles. Assim como não era vergonha trabalhar na obra missionária, também não era vergonha levantar ofertas e oferecer a chance de investimento no Reino de Deus. De fato, além dos Stegemollers, os irmãos de Indianápolis sempre foram muito generosos com a obra no Brasil. Eles também fizeram boas doações para a construção de templos nazarenos.

Uma das tarefas delegadas à irmã Marjorie foi o registro dos cultos da igreja em seus primeiros meses. Por quase dois anos, de 12 de outubro de 1958 a 31 de agosto de 1960, ela anotou todas as reuniões da igreja. Data, culto matutino ou evangelístico (noturno), hinos cantados, pregador, tema da mensagem, textos bíblicos, campanhas especiais, irmãos presentes. Esse foi um trabalho extremamente minucioso e que, hoje, reveste-se de enorme valor histórico para a Igreja do Nazareno no Brasil. Posteriormente, com a regularização da

igreja, ela registrou todas as Atas enquanto exerceu o cargo de secretária da Junta.

Enquanto esse detalhe do ministério deles passou quase despercebido pela, outro era sempre muito comentado. Durante o período em que os cultos eram realizados na residência dos Stegemollers, a sra. Marjorie sempre oferecia aos irmãos uma deliciosa sobremesa, acompanhada de um brasileiríssimo café. Sucesso absoluto!

De súbito, os Stegemollers foram surpreendidos por uma decisão da sua empresa que mudaria os seus planos. Cortaram o subsídio para a escola dos filhos dos diretores. Além disso, por causa da idade, os filhos do casal teriam de ser transferidos para uma escola do tipo internato no Rio ou em São Paulo, o que sairia muito caro e deixaria a família dividida entre duas cidades. Esse problema forçou-os a voltar para casa antes do tempo previsto. Eles continuam firmes e ativos na sua igreja de origem, *West Side Church of the Nazarene*, em Indianápolis. Durante os nove anos em que esteve no Brasil, a família Stegemoller foi o braço direito dos missionários. Porém, mais do que companheiros e colaboradores de missão, eles se tornaram grandes amigos, cuja amizade perdura até hoje.

Eles voltaram ao Brasil em 1998 para a comemoração dos quarenta anos da Igreja no Brasil. Ficaram maravilhados com as igrejas nazarenas, os cultos vibrantes e o povo caloroso. Foi reconfortante ver o fruto do trabalho no qual eles se empenharam arduamente há décadas. A sra. Marjorie resumiu assim o sentimento da família Stegemoller: “Eu dei graças a Deus por essa oportunidade de ver o que Deus tem feito!” Eles deram graças a Deus pela obra, ao mesmo tempo que nós damos graças a Deus pela vida deles.

Os amáveis Stegemollers são dignos de nossa admiração e gratidão por seu trabalho missionário leigo. Enquanto alguns sem saber acolheram anjos (Hb 13:2), outros – os nossos missionários – sem saber, foram recebidos por anjos.

AO CHEGAR AO BRASIL EM 1958, o casal Mosteller tinha quarenta anos de idade e dezessete de ministério, dos quais doze como missionários em Cabo Verde. Por assim dizer, já era um casal de veteranos. Estavam entrando nos “produtivos quarenta”, faixa etária caracterizada por estabilidade emocional, familiar, acadêmica e financeira (bem, essa última parte não se aplica normalmente a quem vive do ministério integral no Brasil), além da indispensável boa condição de saúde e vitalidade. Some-se a isso, a incomparável estabilidade espiritual de pessoas que se entregaram completamente ao SENHOR e o serviam há 25 anos.

Hoje em dia, diríamos que eles são o típico casal de profissionais globalizados, pois tinham vivência tanto na maior potência econômica da época, os Estados Unidos, quanto em Cabo Verde, uma simples colônia de Portugal, que ainda vivia sob o regime da ditadura. Eles tinham o perfil e a experiência ideais para liderar uma obra de enorme porte no Brasil, que despontava como uma promissora nação.

Para o Brasil, as décadas de 1950 e de 1960, conhecidas como “os anos dourados”, marcaram significativa mudança em termos demográficos, sociais, econômicos, políticos e culturais, principalmente, pois dois fenômenos de grandes proporções estavam acontecendo ao mesmo tempo: a urbanização e a industrialização.

Os Stegemollers descrevem da seguinte forma a percepção que eles tiveram sobre as mudanças de hábito e de desenvolvimento do Brasil. Ao chegar, logo foram informados de que todo o vestuário deveria ser encomendado a uma costureira. Ou seja, tudo era feito sob medida e artesanalmente. Nove anos depois, ao voltarem para os Estados Unidos, a maioria das roupas era comprada pronta em lojas.

Naquela época, quase dois terços dos brasileiros estavam na faixa etária até quarenta anos, o que equivale dizer que o Brasil era um país muito jovem, com alta taxa de fecundidade, mas com baixa expectativa de vida, que não chegava aos sessenta anos.

Até a década de 1950, a população brasileira estava concentrada na faixa litorânea, espelhando ainda o estilo de ocupação portuguesa, apegada ao litoral⁸. As poucas manchas populacionais no interior eram verificadas principalmente nas Regiões Sul e Sudeste. Alguns observadores compararam a distribuição demográfica da década de 1950 a uma espécie de arquipélago. As grandes capitais seriam as ilhas populacionais e o grande território nacional pouco habitado seria o mar. A taxa de urbanização era de apenas 36,2% em 1950. Surpreendentemente, passou para 44,7% em 1960 e acelerou o seu ritmo de urbanização nos anos seguintes.

Os números atuais mostram um panorama muito diferente. Conforme o estudo mais recente do IBGE disponível, em 2000 o Brasil urbano já correspondia a 81,2% da sua população, porém a taxa de

⁸ Na análise dos historiadores, essa estratégia portuguesa refletia a segurança que os primeiros colonizadores sentiam ao estar perto do mar, meio de contato e ponto de retorno rápido à Europa, o mundo civilizado de então.

fecundidade ficou abaixo de 2%. Comparados com os indicadores de cinco décadas atrás, podemos dizer que, além de ter-se tornado urbano, o País viu o tamanho das suas famílias diminuir.

As dificuldades naturais da atividade agropecuária, aliadas aos irresistíveis atrativos dos empregos nas cidades (no setor industrial e no de serviços), provocaram uma aceleração do processo de êxodo rural, o que resultou no crescimento desordenado dos centros urbanos. Outro efeito negativo foi o fato de que as pessoas que migravam para as cidades eram justamente as mais capazes, talentosas e empreendedoras. Portanto, aquelas pessoas com maior potencial para mudar e desenvolver as suas próprias comunidades rurais.

Essa época também testemunhou o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o que alterou as funções tradicionais nas famílias (mulher cuidadora do lar e homem provedor econômico) e ampliou significativamente o mercado consumidor. Gradativamente as brasileiras passaram a exercer profissões tipicamente masculinas nas indústrias e no setor de serviços, mas recebendo salários menores.

Além do movimento das pessoas do campo em direção às cidades, havia também o movimento unidirecional entre regiões. O mais dramático foi o que levou milhões de trabalhadores brasileiros para o Sudeste. Estima-se que, na década de 1960, a capital paulista chegou a receber dez mil novas pessoas por mês.

São Paulo também atraiu significativo contingente de imigrantes internacionais, especialmente europeus, antes e após a II Guerra Mundial. Ao contrário das áreas duramente assoladas por esse conflito (Europa, China, Japão e norte da África), a América do Sul escapou intocada. Antes da Guerra, vieram muitos fugitivos das perseguições nazistas e outras pessoas com ímpeto empreendedor. Depois, vieram milhares de sobreviventes na esperança de encontrar um lugar seguro para recomeçar as suas vidas longe dos traumas da sua terra arrasada e dos exércitos saqueadores.

Nos primeiros anos da República (a partir de 1889), o principal polo econômico era o Rio de Janeiro (na época, estado da Guanabara). A arrancada de São Paulo, porém, começou por volta de 1940, época em que a produção industrial paulista representava apenas 26% do total da produção brasileira. Num processo contínuo, a produção paulista alcançou 47% em 1950, e, já em 1960, assumiu a liderança registrando 54% de toda a produção industrial do Brasil. O estabelecimento de um novo parque industrial no interior do estado de São Paulo, ao redor de sua capital, deveu-se em parte ao bom aproveitamento dos benefícios econômicos do ciclo do café.

Aquela imigração eliminou os laços de vida comunitária que as pessoas tinham em suas pequenas cidades (ou países) de origem, onde não havia antagonismo sadio para o domínio ideológico e o controle religioso. Os imigrantes somaram-se à nova sociedade nas médias e grandes cidades onde eles secularizaram-se aceleradamente, buscando educação, cultura e prosperidade material. (Quando isso ocorre, as cidades atuam como fator de mudança de costumes, valores e crenças). Porém, de certa forma, o fenômeno da urbanização favoreceu a evangelização, uma vez que o adensamento urbano de grandes proporções permitiu ações evangelísticas concentradas em áreas menores e com alcance de mais pessoas.

O governo do presidente Juscelino Kubitschek iniciou um grande ciclo desenvolvimentista no Brasil. Além dos investimentos em infraestrutura, conforme seu tema de governo – cinquenta anos de progresso em cinco de governo –, ele também decidiu construir Brasília no meio do Planalto Central, cumprindo sua promessa de campanha relativa ao atendimento da Constituição, que determinava a interiorização da capital federal⁹. Na verdade, essa era uma questão

⁹ Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de setembro de 1946, Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: “Art. 4º – A Capital da União será transferida para o planalto central do País”.

bem mais antiga, que remontava à Constituição de 1891¹⁰. As campanhas para a interiorização da capital foram acompanhadas de diferentes justificativas: razões de segurança (durante o período colonial); função civilizadora de uma capital no centro do País (no período do Império); e a função de integração nacional (na década de 1950).

A urbanização e a industrialização (com interiorização) mudaram o panorama brasileiro. No final dos anos 1960, o Rio de Janeiro havia perdido tanto a supremacia econômica para São Paulo quanto o *status* de principal fórum político para Brasília. Manteve, porém, o título irrevogável de cidade mais carismática do Brasil.

A localização da nova capital era estrategicamente correta, mas, no meio do cerrado vazio, exigia uma logística própria. Longe de tudo, não havia estradas até o local escolhido, que só era alcançado por trilhas. No período da construção, tratores ficavam estacionados nos trechos mais críticos das estradas para rebocar os caminhões com materiais e os ônibus com os trabalhadores que se dirigiam para o maior canteiro de obras das Américas: Brasília.

A construção de Brasília seguiu a “toque de caixa”, pois o presidente Juscelino queria inaugurá-la ainda em seu mandato. Atribui-se a essa pressa a escalada da inflação no início da década de 1960 (crescimento rápido sem fonte produtiva de geração de riqueza. A inflação foi um “imposto social” que penalizou a classe assalariada). Isso, porém, era ignorado pela elite brasileira, que estava interessada apenas no “milagre econômico”, fase em que o Brasil cresceu a taxas de 5% a 12% ao ano e que perdurou até ser abatido por dois choques sucessivos do preço do petróleo (nos anos 1970) e pela dívida externa.

¹⁰ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891: “Art 3º – Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal”.

Convém destacar algo que impulsionou o desenvolvimento da Igreja do Nazareno no início das suas atividades aqui no Brasil.

Essa inflação também foi acompanhada por desvalorizações cambiais sistemáticas. Esses dois fatores geraram um repentino aumento das verbas missionárias (em cruzeiros, não em dólares). Por um lado, os compromissos assumidos a longo prazo perderam valor à medida que a inflação deteriorava o seu preço real. Era o caso típico de um imóvel comprado por meio de prestações com valor fixo em dez anos. Com o efeito da inflação, após o primeiro ano, o preço relativo da prestação tornava-se menor se comparado aos outros preços, que eram atualizados periodicamente (isso ocorreu para os contratos imobiliários que ainda não previam a correção monetária). Por outro lado, a desvalorização cambial permitia que a missão recebesse a mesma verba em dólares e, ao fazer a troca para a moeda nacional, conseguisse mais cruzeiros a cada semana. Quanto a isso, o irmão Ervin Stegemoller prestou valiosa colaboração, pois ele sempre indicava os momentos mais favoráveis para essa operação.

Com a sua visão empreendedora, o rev. Mosteller, aproveitando aquela janela de oportunidade, conduziu a missão no Brasil a uma série de aquisições e construções, notadamente em Campinas, sede da igreja no Brasil. Em menor escala, também foram contempladas as igrejas de Belo Horizonte e de Sobradinho, onde fica o primeiro templo construído pela Igreja do Nazareno no Brasil.

No entanto, a situação econômica da década de 1960 dificultou sobremodo o alcance do propósito do autossustento. Para se ter uma ideia das dificuldades, em 1970, apenas uma igreja, dentre igrejas, congregações e pontos de pregação, havia alcançado a sua independência financeira. Para as demais, a missão arcava com o sustento dos missionários e também com os subsídios para manter as igrejas (aluguéis, salários, impostos, despesas diversas, etc.) e os salários dos pastores nacionais.

Ainda os anos 1960 foram palco de outras transformações. No campo político, depois de ter saído da ditadura getulista em 1954 e ter experimentado um breve período democrático (que chamou a atenção dos missionários vindos da África), em 1964 experimentou-se no Brasil a ditadura militar (que perdurou até a Constituição Federal de 1988). O golpe de Estado impetrado pela elite militar, que se disse decorrente das dificuldades econômicas dos anos anteriores, foi legitimado internacionalmente pelo governo norte-americano, que reconheceu o novo governo brasileiro em poucos dias, o que deu certa estabilidade social ao Brasil, ainda que pela força. Logo em seguida, os militares que governavam o Brasil receberam um grande empréstimo financeiro para “recolocar as coisas nos trilhos”.

Muito embora a revolução militar de 1964 não tenha afetado os trabalhos da igreja, alguns irmãos em Campinas chegaram a ser consultados sobre o real propósito dos missionários, uma vez que havia a falsa suspeita de que todo americano seria agente da CIA (agência de espionagem americana).

Havia, porém, o antiamericanismo político. Em meados da década de 1960, a exemplo do que ocorria nos Estados Unidos e na França (por outros motivos), o movimento estudantil brasileiro também se lançou às ruas das grandes capitais para, com forte entonação esquerdista, protestar contra a ditadura militar.

Tal assanhamento político-estudantil chegou ao ponto de causar apreensão na comunidade norte-americana no Brasil, pois grupos políticos de esquerda tinham por verdadeiro que a política externa do governo dos Estados Unidos, na sua obstinada luta contra o comunismo, considerava a América Latina apenas “um rebanho submisso, sem vontade e autonomia”. Essa percepção sobre o governo dos Estados Unidos era reforçada por declarações tais qual a do então secretário de estado, sr. J. F. Dulles: “Os Estados Unidos não têm amigos, têm interesses”. Anos antes, o presidente Juscelino havia declarado

que “não desejamos constituir o seu proletariado [da América]”, pois o subdesenvolvimento (ligado à ideia de proletariado) era tido como o principal gerador de miséria e instabilidade política no Brasil. Na mesma década, grupos econômicos europeus receberam incentivos para se instalar no Brasil.

Dentro desse quadro, destacaram-se duas iniciativas americanas. O presidente John Kennedy constituiu a Aliança para o Progresso, que se propunha a promover o desenvolvimento econômico baseado na cooperação técnica e financeira entre os Estados Unidos e os países da América Latina. (Evidentemente, esse programa, que durou de 1961 a 1969, tinha por objetivo impedir que os ideais da revolução cubana se espalhassem pelos demais países latinos¹¹.) Na prática, porém, ao invés da esperada transferência de capitais produtivos para o Brasil, o que ocorreu foi o fluxo de recursos para a América do Norte, notadamente por meio da remessa dos lucros das empresas estadunidenses e do pagamento de dividendos e royalties¹².

A outra iniciativa americana gerou protestos de lideranças estudantis e acadêmicas, por considerarem inapropriada a ingerência de um governo estrangeiro na política educacional brasileira. O Ministério da Educação (MEC) havia celebrado acordo com a *United States Agency for International Development* (USAID), com o objetivo de aperfeiçoar o modelo educacional brasileiro (e receber verbas da Aliança para o Progresso). Em decorrência dos protestos nacionais, esse acordo foi revisto em 1968.

Ocorreu, porém, que, em setembro de 1969, coincidindo com o ápice de uma série de dificuldades e divergências entre os governos brasileiro e norte-americano, um grupo de estudantes sequestrou o

¹¹ O senador Robert Kennedy, afirmava que a Aliança para o Progresso teria por objetivos o progresso econômico, a justiça social, a liberdade política e a democracia.

¹² Royalties são pagamentos por direitos sobre a patente de produtos e marcas ou sobre o domínio de determinado processo de produção.

então embaixador dos Estados Unidos, sr. Charles B. Elbrick, no Rio de Janeiro. Em três dias, foram libertados vários presos políticos em troca do embaixador norte-americano. Da mesma forma, foram sequestrados os embaixadores da Alemanha e da Suíça, além do cônsul do Japão, com os mesmos propósitos.

No campo militar, os acordos resultavam apenas no recebimento de armamentos de segunda mão, não na transferência tecnológica. Na verdade, o material bélico transferido ao Brasil consistia de equipamentos já utilizados pelos países da OTAN¹³ ou, em alguns casos, de remanescentes da II Guerra Mundial. Não alcançavam valor comercial algum, mas as autoridades norte-americanas, a seu modo, os contabilizavam com valores de materiais novos na cota de “ajuda militar” ao Brasil, para fins de prestação de contas ao seu Congresso.

Ainda que de forma pontual, esse ambiente político e diplomático também gerou reflexos na vida eclesiástica. Havia certo jovem, crente firme de outra denominação tradicional, que, no seu seminário, demonstrava abertamente sua simpatia pelas ideias comunistas. Aliás, convicto que estava, filiou-se a um partido de esquerda e adotou uma postura de antipatia por estrangeiros, notadamente os norte-americanos, a quem os seus correligionários chamavam de “imperialistas”. Isso tudo resultou em sua expulsão do seminário. Desiludido com aquela atitude, resolveu estudar direito. Por ocasião de sua formatura, o rev. Mosteller tomou conhecimento de sua história e enviou-lhe um cartão parabenizando-o pela sua conquista acadêmica.

Esse pequeno gesto produziu grandes transformações. Surpreso por ter sido parabenizado por um desconhecido, ainda mais em se tratando de um norte-americano, e indignado pela falta de consideração por parte dos seus ex-colegas de seminário e de igreja, o jovem imediatamente retribuiu a cortesia. Esse foi o início de uma longa

¹³ OTAN é a sigla da Organização do Tratado do Atlântico Norte, entidade político-militar criada depois da II Guerra Mundial. Portugal foi um dos fundadores da OTAN.

amizade e da restauração do ministério desse jovem. Ele tornou-se um dos professores do Seminário e Instituto Bíblico Nazareno (SIBIN) e também assumiu várias responsabilidades quanto ao ministério editorial da Igreja do Nazareno em Campinas.

Os fatos diplomáticos e as manifestações pró-comunismo, no entanto, não afetaram a crescente americanização da cultura brasileira. A presença maciça de músicas em inglês nas rádios e de filmes de Hollywood nos cinemas contaminou o Brasil com o estilo de vida norte-americano (*american way of life*). Foi o caso, por exemplo, do surgimento dos primeiros supermercados e do uso intensivo do automóvel. Nascida na década de 1950, a indústria automotiva nacional ganhou impulso com a individualização do transporte, tido como símbolo de status social, em detrimento do coletivo, que estava sempre abarrotado de trabalhadores. Os carros, por sua vez, eram usados para momentos de lazer pelos ricos e pela classe média em ascensão. O mercado de bens de consumo se desenvolveu nas grandes cidades.

Na verdade, a despeito das questões estudantis, de forma geral o brasileiro amava tudo o que vinha dos Estados Unidos, inclusive os missionários nazarenos, que jamais encontraram rejeição ou preconceito no Brasil. Sempre houve muita amizade e identificação entre os brasileiros e os norte-americanos. Os missionários ficaram muito impressionados, por exemplo, com a calorosa recepção dos brasileiros ao presidente Eisenhower quando ele visitou Brasília em 1959. Os próprios missionários nazarenos (rev. Mosteller, rev. Gates e rev. Denton) tiveram a oportunidade de cumprimentá-lo por ocasião do lançamento da pedra fundamental da embaixada estadunidense.

O nosso povo também passou a interagir com a cultura norte-americana por meio do turismo e do intercâmbio estudantil, em que alunos secundaristas e universitários da classe média eram enviados para estudar nos Estados Unidos. Ao regressar, esses jovens tornavam-se “evangelistas” involuntários da cultura norte-americana.

Além disso, pesa que – naquela época – a cultura norte-americana apresentava certa aura de vanguarda, em detrimento dos valores nacionais mais tradicionais, para não dizer rurais. A classe média tornou-se ávida consumidora e assimiladora dos costumes norte-americanos. Na década de 1960, o Brasil saía do tempo do rádio e ingressava na era da TV, a batida do *rock and roll* abafava a melodia do samba e as calças jeans se tornavam o uniforme da juventude.

Nesse período, a Igreja do Nazareno alcançava alguma notoriedade apenas no interior do estado de São Paulo, em Campinas, longe dos grandes centros urbanos e políticos do Brasil. Isso a preservou de ser envolvida pelos sentimentos antiamericanos que se faziam presentes em algumas cidades grandes. Em Campinas, as pessoas, encantadas pelo estilo de vida norte-americano, expressavam mais carinho e admiração do que rejeição aos missionários. Além disso, as mensagens dos nossos missionários, fortemente arraigadas na base bíblica, com ênfase na santidade e salvação individual, por conseguinte, sem conotação política, mantiveram o foco da igreja na vida espiritual, afastando-a dos embates políticos da sociedade. Os irmãos eram encorajados a se engajar em manifestações práticas de amor e serviço ao próximo, não em causas ideológicas.

No panorama religioso, o Brasil vinha de uma absoluta hegemonia do romanismo. Em 1940, o catolicismo representava 95% da nossa população, enquanto que os evangélicos eram apenas 2,6%.

Muito embora presente no Brasil desde 1555, por meio de crenças franceses no Rio de Janeiro¹⁴, e de 1630, por meio de cristãos evangélicos holandeses no Recife, o protestantismo no Brasil somente alcançou algum significado dois séculos depois, a partir de 1810, com a famosa “abertura dos portos” ao comércio inglês e o início de ondas migratórias vindas da Europa.

¹⁴ Considera-se que o primeiro culto evangélico no Brasil foi celebrado publicamente no Rio de Janeiro (então Guanabara) em 10 de março de 1557.

Por vários motivos, porém, os missionários europeus ficaram restritos aos seus próprios grupos étnicos. No caso dos ingleses, por exemplo, como estavam mais interessados nos lucros do comércio do que em se fixar no Brasil, eles praticavam seus cultos sem publicidade, apenas como parte da sua cultura. Era esse também o caso dos alemães, que formaram as suas comunidades quase que fechadas, com pouca interação cultural com os brasileiros. Esse fenômeno é conhecido como o “protestantismo de imigração”, muito ligado à cultura religiosa e à cultura secular dos imigrantes europeus.

Porém, a partir de 1824, foi assegurada a tolerância a cultos não-católicos pela Constituição¹⁵. Se por um lado isso facilitou a expressão religiosa dos imigrantes evangélicos, por outro interpôs uma pequena barreira, pois esses irmãos não poderiam edificar suas casas de culto com a aparência exterior semelhante à dos templos católicos.

Somente a partir de 1850 começou o que os teólogos e historiadores chamam de “protestantismo de missão”, notadamente oriundo dos Estados Unidos, de onde trouxe não apenas a sua expressão religiosa, mas também a sua identidade cultural secular, como fizeram os missionários europeus. Com isso, o final do século XIX marcou, em relação ao Brasil, o deslocamento do eixo missionário da Europa para os Estados Unidos. Essa “era missionária”, que durou de 1850 a 1914 (início da I Guerra Mundial), também coincidiu com a expansão da democracia e do capitalismo pelo mundo.

O primeiro núcleo protestante puramente brasileiro surgiu em Brotas, SP, em novembro de 1864, em reunião dirigida pelo rev. Blackford, missionário presbiteriano. Nessa ocasião o ex-padre Manoel da Conceição, que se converteu lendo a Bíblia e posteriormente

¹⁵ Constituição Política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824: “Art. 5º – A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do templo”.

fora evangelizado pelo próprio rev. Blackford, pregou e várias pessoas de converteram. Esse ex-padre tornou-se o primeiro pastor itinerante brasileiro.

O protestantismo missionário chegou em um momento histórico em que o Brasil encontrava-se em um estágio de desenvolvimento aquém do da sociedade norte-americana. Por isso, os missionários eram recebidos também como “evangelizadores sociais”, pois traziam ideais de vanguarda, progresso e modernidade, o sonho e o estilo de vida americanos. O modo de vestir dos missionários era semelhante ao dos executivos (terno e gravata), o que os distinguiu dos trabalhadores. O próprio rev. Mosteller usava gravatas diariamente.

As escolas ligadas às igrejas batistas, presbiterianas e metodistas fizeram grande sucesso entre a elite e a classe média brasileiras. Porém, não por causa da religião (haja vista os baixos índices de conversão motivada apenas pelas escolas), mas por causa do que queriam para os seus filhos: qualidade, seriedade e identificação com os princípios da sociedade norte-americana, de tradição protestante, mas de tolerância religiosa, filosófica e política.

O protestantismo missionário norte-americano era muito pragmático, conforme o exemplo das escolas vinculadas às igrejas. Muitos missionários acreditavam que a sociedade brasileira poderia ser transformada a partir da salvação dos seus indivíduos. Esse desejo era reforçado pela disparidade social entre o seu país de origem e o seu campo missionário. Era natural desejar que os novos convertidos e as igrejas se aproximassem daquilo que os missionários viviam na América do Norte. Porém, alguns foram censurados por confundir “evangelizar” com “colonizar”.

Nascida em meio ao avivamento norte-americano do final do século XIX e início do XX, a Igreja do Nazareno herdou seu fervor missionário desse avivamento, tendo enviado e sustentado, diretamente ou por meio das igrejas que se uniram para formar a nossa

denominação, missionários para a China, Índia, Cabo Verde, Japão, Guatemala, Suazilândia. O próprio rev. Phineas F. Bresee, organizador da Igreja do Nazareno em Los Angeles (outubro de 1895), foi o presidente da primeira Junta Geral Missionária. Outro líder nazareno que influenciou decisivamente o empreendimento missionário com sua visão, entusiasmo e zelo por essa causa foi o rev. Hiram F. Reynolds, que era um dos superintendentes-gerais em 1908, juntamente com o rev. Phineas F. Bresee, ano que marca o estabelecimento da denominação nazarena, tal qual a temos hoje em dia.

O ano do jubileu da Igreja do Nazareno, 1958, foi definido como o da abertura oficial do novo campo missionário no Brasil, fator que lhe garantiu mais generosidade no suporte do escritório central, tanto financeiro quanto de recursos humanos. Outros países sul-americanos já haviam sido contemplados pelos esforços missionários anteriores: Argentina, Bolívia, Peru e Uruguai. Restava o maior país da América do Sul, o único de língua oficial portuguesa. Porém, ao chegar tardiamente, a Igreja do Nazareno encontrou, já totalmente adaptados ao cenário nacional e com forte presença evangelística e missionária, os luteranos, os congregacionalistas, os presbiterianos, os metodistas, os batistas, os episcopais, os assembleanos, os quadrangulares, os da Brasil para Cristo, principalmente.

Ao chegar, os missionários nazarenos também encontraram o desenrolar do movimento do multidenominacionalismo brasileiro. Iniciado na década de 1950 sob forte sentimento nacionalista, esse movimento gerou muitas segmentações e divisões das denominações históricas.

A conjunção de todos esses fatores sociais, econômicos, políticos e religiosos das décadas de 1950 e de 1960, além de uma mentalidade social muito favorável às igrejas protestantes, gerou um ambiente totalmente propício para a instalação com pleno êxito da Igreja do Nazareno no Brasil, notadamente em Campinas, SP.

De julho de 1958 a agosto de 1973

VISÃO DE FUTURO. Essa é a principal característica pela qual podemos descrever um casal que se dirigiu para o Brasil no final da década de 1950 e início da década de 1960, aos quarenta anos de idade e com três filhas adolescentes com a missão de implantar uma denominação protestante no Brasil, país de formação católica. Essa é também a atitude que um obreiro precisa ter para começar uma grande obra.

Colaborou para o sucesso da implantação da denominação o fato de que o primeiro núcleo missionário detinha ótima experiência pastoral e muita prática missionária transcultural, além de elevado nível acadêmico. Isso pode explicar o fato de os primeiros convertidos nazarenos terem a percepção de que o evangelho pregado pelos casais missionários e o estilo nazareno de vida eclesial eram modernos, participativos e envolventes. As esposas missionárias complementavam o trabalho pastoral dirigindo a parte musical, organizando os eventos sociais, ensinando, etc., sempre com muita dedicação e competência.

Após a inauguração do primeiro templo, sempre apareceram notícias favoráveis à Igreja do Nazareno nos jornais de Campinas. Isso decorreu de alguns jornalistas convertidos. Por sua vez, os artigos foram impressos também em jornais de outras cidades do interior do estado de São Paulo.

Ainda quanto aos jornais, o rev. Mosteller contratava a publicação de pequenos anúncios em formato de caixas da largura de uma coluna em três jornais de Campinas. Detalhista e com uma apurada noção (intuitiva) de marketing, ele fez questão de encomendar vários clichês¹⁶ para esses anúncios. Isso garantiu que todas as vezes que fosse veiculada, a propaganda tivesse o mesmo tamanho, os mesmos dizeres e fosse facilmente identificada, pois o tipo da letra tinha um formato idêntico ao usado na placa da igreja. Ao entregar esses clichês sem custos para os jornais, vencia também uma barreira importante. Essa estratégia de baixo custo, que perdurou por bom tempo mesmo depois da inauguração, permitiu que os leitores tivessem sempre à mão o endereço da igreja e os horários dos cultos e da escola dominical. Na verdade, eles costumavam encontrar muitos desses pequenos anúncios, pois os diagramadores dos jornais, para preencher eventuais espaços vazios, costumavam usar esses anúncios da igreja sem cobrar.

Registre-se que, depois que saíram dos Estados Unidos em 1946, Campinas foi a única cidade em que eles moraram e que dispunha de pelo menos um jornal de circulação diária! O rev. Mosteller explica a origem dessa estratégia: “Essa ideia veio de Deus”.

Analisando a partir do ponto de vista atual, constata-se que essa estratégia dos jornais contribuiu decisivamente com a grande capacidade empreendedora dos Mostellers para instalação e expansão da igreja em Campinas e nas cidades circunvizinhas.

¹⁶ Clichê: placa de metal gravada em relevo, fixada em base de madeira, destinada à impressão de imagens e textos nas prensas gráficas, conforme a tecnologia da época.

Também logo depois da inauguração, iniciaram-se as reuniões de oração no templo. Diariamente, os irmãos buscavam a presença de Deus em suas vidas e a confirmação da salvação dos novos discípulos. Ao longo das semanas, dos meses e dos anos, aquela reunião agregou mais discípulos e tornou-se uma das fortes colunas sobre as quais a igreja conquistou milhares de vidas para o SENHOR.

Porém, tendo em vista os grandes desafios do campo missionário, especialmente quanto à coordenação de todos os casais missionários em cidades tão distantes, logo ele repassou o pastorado da primeira igreja para o rev. Gates, fiel companheiro, que preparou a igreja de Campinas para o autossustento. Uma das limitações dos missionários era justamente não poder pastorear igrejas autossustentadas, pois essa tarefa deveria ser confiada aos pastores nacionais, assim que eles se formassem no seminário e fossem consagrados.

Além da família Mosteller, a equipe ministerial em 1959 era composta por mais dois casais missionários oficiais (os Gates, disponíveis para fazer a obra em qualquer lugar, e os Dentons, voluntários para assumir postos pioneiros; ele, pregador interessante e com grande senso de humor), um casal missionário leigo e seus filhos (os Stegemollers, valorosos cooperadores), e um pastor em potencial (José Zito Oliveira, genuíno e com firme determinação).

Logo nos primeiros dias de ministério do rev. Mosteller no Brasil, o seu amigo e superintendente do Distrito da Argentina, rev. John Cochran, lhe ofereceu ajuda por meio de um obreiro de enorme potencial, o rev. Joaquim Lima, natural de Cabo Verde, mas formado pelo Seminário Bíblico Nazareno de Buenos Aires em 1956. Portanto, alguém que dominava o idioma português, com formação teológica e com experiência pastoral. Porém, naqueles primeiros dias, sem ter ainda conhecido suficientemente bem o ambiente para ter definida uma estratégia, seria contraproducente trazê-lo para o Brasil. A resposta a essa ajuda só foi dada um ano depois.

Nesse meio tempo, o casal Lima tinha sido enviado para as longínquas e geladas terras de Chubut, região inóspita localizada bem ao sul da Argentina. Com a união do SENHOR, os Limas fizeram a obra prosperar nas cidades de Rawson e de Trelew mais até do que algumas das demais congregações nazarenas daquele país. Foi difícil para o rev. Cochran manter a sua palavra e liberar esses valorosos obreiros depois do ministério bem-sucedido deles no sul da Argentina.

Nem haviam completado um ano em Belo Horizonte, os Dentons foram para o Distrito Federal e se estabeleceram em Sobradinho, uma das primeiras cidades-satélites de Brasília¹⁷. Era 1960, às vésperas da inauguração da novíssima capital do Brasil. Inúmeras oportunidades estavam se abrindo, inclusive no campo missionário. Sucederam-lhes os Gates em Belo Horizonte.

Com seu ímpeto empreendedor e visionário, o rev. Mosteller, concluídas as primeiras tarefas de implantação da denominação nazarena no Brasil, definiu os três objetivos estratégicos imediatos, conforme as diretrizes do Departamento de Missões Mundiais: organizar o autogoverno, garantir o autossustento e criar os meios para a auto-propagação da igreja.

O autogoverno seria alcançado à medida que as igrejas fossem organizadas formalmente. Isso, porém, dependeria mais da maturidade e do engajamento dos irmãos leigos do que da ação missionária. O autogoverno também estaria relacionado com o autossustento. Tendo em vista que uma igreja autossustentada não poderia ser pastoreada por missionários, isso desafiava a membresia das igrejas no sentido de assumir as suas responsabilidades quanto à organização legal, às finanças e ao trabalho evangelístico, dentre outras tarefas. O autogoverno permitiria, também, que os missionários fossem liberados para começar novas congregações em outras cidades.

¹⁷ Cidade-satélite é como são conhecidas as cidades que compõem as regiões administrativas do Distrito Federal. A Constituição proíbe a divisão do DF em municípios.

Da mesma forma, o autossustento estaria ligado à capacidade de os irmãos leigos assumirem sua parte no trabalho de implantação da denominação no Brasil. Isso dependeria exclusivamente da fidelidade deles quanto aos dízimos e às ofertas, que, inclusive, também deveriam sustentar o seminário da denominação. (Ah, se hoje em dia todos fossem tão fiéis, desprendidos e generosos tais quais os Stegemollers, os Mellos, os Peruchs, os DeMários, os Pupos, os Alves e os demais irmãos nazarenos de primeira hora!) Que grande alegria quando uma igreja alcançava o autossustento. Isso permitia que a missão redirecionasse os seus recursos para organizar novas igrejas.

Por fim, restava uma área em que o rev. Mosteller poderia agir de forma determinante: a autopropagação. Para isso, assim que foram definidas as cidades de atuação dos missionários, foi criado o Seminário e Instituto Bíblico da Igreja do Nazareno (SIBIN). Sua prioridade seria a educação teológica de pastores e leigos com chamado para o ministério. Logo depois de organizado o SIBIN, a sua Direção foi confiada ao rev. Joaquim Lima que teve a honra de graduar a primeira turma de pastores nazarenos brasileiros.

Em 6 de dezembro de 1965, quatro formandos, pr. Anselmo Corrêa Duarte, pr. Felício Onofre DeMário, pr. José Antônio Jacóe (orador) e pr. José Rodrigues, inauguraram o cerimonial nazareno do SIBIN, cujas aulas iniciaram-se havia quatro anos. Precedidos por seminaristas do terceiro ano, ao som do coro que louvava a Deus em sua majestade, em meio aos flashes das câmeras fotográficas, fizeram o cortejo acadêmico. Depois das providências, discursos e orações de praxe, eles receberam do então reitor, rev. Joaquim Lima, e do então superintendente do Distrito Brasil, rev. Earl Mosteller, que também lecionavam, os diplomas e a colação de grau. Da mesma forma, prestigiaram a formatura da primeira turma os demais professores: sra. Gladys Mosteller, rev. Charles Gates, sra. Joanne Gates, rev. Robert Collins, sra. Frances Collins, rev. Roger Maze, dr. Amphilóphio de

Mello Filho, dr. José Ulisses Peruch, dr. Ernesto Alves Filho (Paraninfo). Como não podia deixar de ser, toda a comunidade missionária se envolveu na cerimônia, cantando, orando, tocando, ajudando de todas as formas para tornar o acontecimento realmente memorável. Essa formatura marcou o início da autopropagação, que seria comandada por pastores brasileiros.

Tendo em vista que de imediato foram estabelecidos três núcleos da igreja (Campinas, Belo Horizonte e Sobradinho), e considerando que as grandes distâncias inviabilizariam o deslocamento dos possíveis pastores para o SIBIN, e visando a facilitar o preparo dos candidatos ao ministério, foi elaborado um plano para instalação gradual de até cinquenta extensões do Seminário. (A ideia era que seria melhor levar o seminário aos alunos, do que trazê-los.) Enquanto isso não se tornava viável, o SIBIN utilizou-se de cursos por correspondência (que hoje chamaríamos de educação a distância – EAD). Esse programa atendia, inclusive, alunos de outras denominações. Era preciso prover o amadurecimento e o desenvolvimento acadêmico dos pastores nacionais o quanto antes. Ao mesmo tempo eles providenciariam o cuidado pastoral para o crescimento sadio das respectivas congregações. A responsabilidade pela evangelização e discipulado dos brasileiros deveria ser delegada aos pastores e leigos nacionais, assim como o trabalho da igreja como um todo.

Numa de suas muitas viagens evangelísticas com um grupo de seminaristas, o rev. Mosteller lhes propôs uma charada. Se algum dos alunos acertasse, o próprio rev. Mosteller pagaria o almoço de todos. Caso contrário, eles pagariam o almoço dele. Parecia um negócio favorável aos seminaristas. Eis a charada proposta: “O que voa, tem seis pernas e pausa de barriga?” Silêncio. Testas franzidas (como quem está esforçando a memória). Atônitos, os seminaristas olhavam uns para os outros. De súbito, um deles se lembrou de uma passagem bíblica e, cheio de confiança de que superaria a charada do seu mes-

tre, disse: “A resposta é ‘não sabemos’, pois se dissermos uma coisa, o senhor poderá dizer que é outra, e vice-versa. Portanto, não sabemos!” De pronto, receberam a resposta: “Eu também não sei... Cada um paga o seu almoço. Bom apetite!”

Há alguns anos, o SIBIN homenageou o casal Mosteller ao batizar o edifício principal com o seu nome. (Ele foi o primeiro reitor, no tempo em que o SIBIN funcionou nas dependências do templo na Av. Francisco Glicério). Os demais edifícios foram batizados em homenagem a outros missionários da primeira hora.

Não é para menos, pois nos primeiros anos os missionários acumulavam várias funções, inclusive a de professores do Seminário. À medida que as igrejas foram sendo organizadas em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, alguns missionários e missionárias (as esposas) eram escalados para ministrar algumas disciplinas longe de Campinas, sem contudo abandonar o curso por correspondência. Essas aulas ocorriam de forma intensiva, ou seja, aulas todos os dias, durante duas semanas, para cada disciplina. Essa estratégia permitiu que os seminaristas continuassem envolvidos com os trabalhos das suas respectivas congregações, ao mesmo tempo que eles alcançavam o seu grau acadêmico com o mesmo conteúdo e a mesma didática do SIBIN no regime de internato em Campinas.

No afã de ver cumprida a sua missão, desde os primeiros dias no Brasil os Mostellers se esforçaram de todas as formas para aproveitar todas as oportunidades de expansão da Igreja do Nazareno no Brasil. Ninguém poderia imaginar que a entrada na maior metrópole da América do Sul se daria justamente em uma reunião para evangelizar japoneses e seus descendentes que moravam em São Paulo.

Tudo havia começado há alguns anos ainda em Tóquio, Japão. A sra. Matsumoto, viúva de um piloto da força aérea japonesa, conseguiu um emprego como tradutora para um escritório de representação governamental norte-americana no Japão. Porém, passados alguns

anos, os norte-americanos começaram a desmobilização para reduzir o seu contingente de soldados e colaboradores no Japão. Com isso, a sra. Matsumoto perdeu o seu emprego e a sua fonte de sustento.

Alguém recomendou que ela procurasse um padre no intuito de migrar para os Estados Unidos. Chegando ao endereço indicado, viu-se diante de dois portões vizinhos. Ela optou pelo maior e conseguiu falar do seu problema com o sacerdote; na verdade, um pastor. Em um dos cultos, se converteu. Por fim, depois de meses, aproveitando o incentivo do próprio governo japonês, resolveu imigrar com a sua pequena filha para o Brasil¹⁸. Por intermédio de outras pessoas da Igreja do Nazareno, ela conseguiu contato com os Mostellers. Logo em seguida, em setembro de 1959, começaram as reuniões em Osasco. Isso exigiu viagens semanais de trem. A monotonia e o cansaço dos cerca de 100 km de distância eram vencidos com a certeza de estarem cumprindo o mandamento do SENHOR: ir por todo o mundo e pregar o evangelho para todo mundo, brasileiros ou estrangeiros que vivessem no País. Na primeira reunião, estavam presentes quatorze pessoas. Pregação em japonês? Não. Na verdade o rev. Mosteller pregava em inglês e a irmã Matsumoto traduzia para o japonês. Em outras ocasiões a pregação era em português. Dependia de quem seria o tradutor da noite. Esse trabalho perdurou por meses, até que o rev. Joaquim Lima, acompanhando uma família nazarena que se mudara de Campinas, assumiu a igreja de Osasco.

Depois de alguns anos de iniciado o campo missionário no Brasil, por volta do início da década de 1970, com o trabalho missionário entrando em sua fase de amadurecimento, o rev. Mosteller listou alguns princípios que deveriam ser seguidos quando da organização de novas congregações.

¹⁸ A imigração oficial ocorreu entre 1908 e 1973. Em 1959, quando a irmã Matsumoto chegou ao Brasil, já havia outros 404 mil japoneses e descendentes vivendo aqui.

Primeiramente deveria ser reconhecida a supremacia e a soberania do Senhor Jesus, o Nazareno, sobre todas as coisas. A Ele deveria ser dada toda glória pelo trabalho e por seu avanço.

A mensagem da igreja deveria ser Cristocêntrica, bíblica e de santidade. Essas três características deveriam ocupar o lugar central da pregação nazarena, pois são elas que promovem a identidade da denominação. Não seriam, portanto, a liturgia ou os métodos de evangelismo que fariam que a Igreja do Nazareno se distinguisse das demais denominações evangélicas. No discipulado, deveriam ser enfatizadas as regras gerais e as especiais (do Manual, atualmente intituladas Pacto de Caráter Cristão e Pacto de Conduta Cristã). No dia a dia, as igrejas deveriam ser calorosas de coração, fervorosas na fé e evangelizadoras na sua missão local. Deveria ser enfatizada uma vida de oração pessoal e coletiva, na igreja.

As novas congregações deveriam ser implantadas em boas cidades (médias ou grandes), para avançar a partir delas. A ideia básica era organizar o maior número possível de igrejas no menor espaço de tempo nessas cidades, o que permitiria a cooperação recíproca. Nesse sentido, deveriam ser privilegiadas as cidades com bom nível educacional, na esperança de que, dentre os novos convertidos, surgissem pastores com boa educação secular e em níveis superiores.

O relacionamento interdenominacional deveria ser caloroso como convém a irmãos, mas distante o suficiente para não sermos contaminados com falsas doutrinas que desviassem da santidade.

Quanto às comunicações e ao relacionamento com as instituições, os pastores seriam encorajados a nutrir boas relações com as autoridades e com a imprensa. Nesse caso, visando à divulgação da igreja. Já antevendo o avanço do rádio e da TV como indispensáveis meios de evangelização, o rev. Mosteller encorajava o uso dessas mídias assim que fosse viável, o que foi feito pelo rev. Denton em Brasília, nos primeiros anos da década de 1960, por exemplo.

Quanto às pessoas, era dada ênfase especial no relacionamento com as pessoas-chave da sociedade, isto é, com as autoridades e com os formadores de opinião pública. Esse relacionamento deveria se transformar em boa vontade da sociedade para com a igreja em seu nascedouro no Brasil. Entretanto, essas pessoas-chave não deveriam ser vistas apenas como solucionadoras de problemas, mas deveriam receber a mesma atenção no evangelismo, pois elas também tinham a necessidade de uma entrega de suas vidas ao Salvador Jesus Cristo.

Na verdade, o rev. Mosteller se importava com todos. Sempre que possível (e naquela época havia pouco risco), ele oferecia carona a quem lhe pedisse. Em uma dessas caronas, um jovem viajante se converteu e a fez sua oração de entrega a 60 km/h! Outro, que tinha saído de casa para se suicidar e perambulava perdido (nos dois sentidos), foi salvo durante uma carona do rev. Mosteller. Outro que encontrou a salvação dentro da Kombi foi um policial.

No final das contas, as ofertas que os irmãos do Distrito Illinois, Estados Unidos, deram para comprar a Kombi revelou-se útil também para as conversões, pois muitos, ao entregar suas vidas ao SENHOR, abaixaram suas cabeças e apoiaram seus braços sobre o painel da Kombi, como se estivessem ajoelhados no altar da igreja.

Por fim, no seu melhor estilo de liderança empreendedora e visionária, o rev. Mosteller recomendava aos novos pastores e missionários: “Mordam o maior pedaço que vocês puderem mastigar, e mastiguem; e carreguem o maior peso que puderem carregar, mas peçam ajuda ao SENHOR”.

Desde o culto inaugural, na casa dos Stegemollers em 1958, todo o núcleo missionário estava desafiado com a visão de mil igrejas em trinta anos. Para uma visão desse porte, era preciso também uma estratégia ousada. Foi assim que surgiu a necessidade de publicar a revista *O Arauto da Santidade* para apresentar a doutrina nazarena sobre a segunda obra da graça.

Seguindo princípios básicos de matemática que hoje são usados no marketing, ele pensava em conseguir 5.000 assinaturas para *O Arauto*. Ao final de cinco anos haveria, dentre os interessados, 25 novos pastores. A cada ano, todos os nazarenos deveriam evangelizar e discipular uma nova pessoa; cada igreja deveria gerar uma nova igreja todo ano. Infelizmente, iniciaram a publicação de *O Arauto* apenas depois de doze anos, o que inviabilizou parte dessa estratégia.

Apesar de visionário, o rev. Mosteller não estava sozinho em suas convicções. Naquela época, um evangelista (de outra denominação) mundialmente famoso dizia: “Estou certo de que há uma igreja nos Estados Unidos que pode ganhar para Cristo esta geração. Eles têm as pessoas, a mensagem e a motivação. Se eles se levantarão ou não para fazê-lo, não sei, mas essa igreja é a do Nazareno”. Se podíamos ganhar os Estados Unidos, por que não o Brasil?

Uma das qualidades do casal Mosteller sempre foi a simpatia. Muito carismáticos, logo faziam inúmeras amizades. Todas as oportunidades, porém, eram utilizadas amorosamente pela família Mosteller para evangelizar. A sra. Gladys, querendo corrigir o sotaque lusitano que trouxe de Cabo Verde, resolveu procurar uma professora brasileira. A sra. Maria Luiza Pupo foi quem a ajudou nessa tarefa. Além de professora, ela tornou-se uma amiga querida e discípula.

Na verdade, não apenas ela, mas seu marido se tornou amigo e discípulo do rev. Mosteller. O coronel Pupo, como era mais conhecido, foi um dos pilares para o estabelecimento da Igreja do Nazareno no Brasil. Homem dinâmico e cheio de energia, identificou-se de pronto com o estilo arrojado de liderança do rev. Mosteller. Incansável, consagrou o seu tempo em favor da obra do Reino de Deus. Consciente de que poderia contribuir para o projeto nazareno, empenhou-se decisivamente nessa tarefa. Ele proporcionou o acesso do rev. Mosteller às principais pessoas que poderiam tratar das questões de interesse da igreja em Campinas, São Paulo e Brasília.

Foi assim, por exemplo, que ele elencou para o prefeito de Campinas uma série de argumentos a favor da venda de um terreno da prefeitura, com pagamento parcelado em vários anos, para a igreja construir o seu primeiro templo na cidade. Poucos sabiam, no entanto, que aquela aquisição fora alvo de várias discussões com o Departamento de Missões Mundiais. Originalmente os fundos destinavam-se à construção de um templo e do SIBIN em terrenos mais baratos. Confiando em sua própria visão estratégica e apoiado pelos sempre acertados conselhos do coronel Pupo, que tinha apurado senso de oportunidade, o rev. Mosteller contra-argumentou enfaticamente com os irmãos no escritório central em Kansas City para demonstrar a viabilidade daquela aquisição. Uma informação decidiu a questão. Ao saber que o lote ficava bem próximo a um terminal de ônibus, portanto com fácil acesso para as pessoas, o diretor de Missões Mundiais, dr. Coulter, se animou e disse: “Isso é que é pensar adiante (...) Deus já está abençoando esta congregação”. (De fato, a igreja não teria outra chance de comprar uma propriedade tão bem localizada em condições muito facilitadas de pagamento.) A missão no Brasil recebeu aproximadamente US\$ 100 mil como oferta de alabastro para essa aquisição e a construção do primeiro templo em Campinas.

O casal Pupo foi uma daquelas amizades enriquecedoras em todos os aspectos. Fazendo um trocadilho com o nome dele, Teodoro, foi uma amizade de ouro.

Fato curioso ocorreu por causa das publicações nazarenas nos jornais campineiros. Com a amizade bem consolidada com o dono de um dos principais jornais de Campinas, o rev. Mosteller lhe falou sobre um amigo que havia sido eleito para fazer parte de um dos mais respeitados grupos de literatura mundial, a Sociedade Literária Mark Twain. O dono do jornal verificou alguns artigos e, desejoso de publicar material de alta qualidade em seu jornal, aceitou publicar os textos do dr. James B. Chapman, que foi um dos nossos superinten-

denes-gerais (1928 a 1947). A coluna semanal tinha o título de *Seara do Nazareno*. Não demorou muito e outro jornal, também com grande circulação em Campinas, se ofereceu para publicar os textos nazarenos. Tendo em vista o acordo com o primeiro jornal, foram publicados textos dos demais superintendentes-gerais na coluna semanal *Ecos Nazarenos*. De alguma forma, esses artigos tornavam as doutrinas da igreja conhecidas do grande público. Com isso, algumas barreiras e preconceitos eram vencidos de forma didática durante a semana. Muito bom para a divulgação da igreja e da sua doutrina, mas a sra. Gladys teve um trabalho redobrado com tantas traduções!

Tal qual ocorre hoje em dia, os jornais da época costumavam fazer intercâmbio de material publicado. Assim, os grandes jornais da capital, São Paulo, repassavam os seus artigos para os jornais das médias cidades (Campinas, por exemplo), que, por sua vez, também repassavam seus textos para os jornais das cidades menores. Foi assim que os artigos nazarenos circularam por várias cidades. Isso não estava previsto no plano estratégico, mas foi um benefício extra, que facilitou a entrada da igreja nas cidades circunvizinhas.

Homem de caráter empreendedor, visionário em todos os aspectos, o rev. Mosteller tinha sempre uma ideia que unia tanto o interesse em divulgar a Igreja do Nazareno quanto de retribuir a atenção e o favor que a mídia lhe oferecia. Uma de suas premissas ministeriais era que a igreja deveria ser conhecida pelo grande público.

Em 1963, às vésperas do seu *furlough* nos Estados Unidos, ele foi apresentado pelo coronel Pupo ao governador de São Paulo. Na ocasião, ofereceu-se para fazer contato com alguns dos governadores americanos com quem deveria se avistar. Surpreso por receber alguém que oferecia um favor como quem o faz para um amigo, o governador assinou convites para quatro governadores. O rev. Mosteller fez uma oração pelo governador que quebrantou o coração daquela autoridade.

Em outra ocasião, aproveitando o encontro no aeroporto, o rev. Mosteller apresentou-se para o então vice-presidente e pediu para tirar uma foto com um dos “papas nazarenos”, o dr. Hardy Powers, superintendente-geral (de 1944 a 1968). Isso lhe abriu as portas para que o convidasse para as atividades da igreja. Ele aceitou o convite duas ou três vezes, especialmente em Belo Horizonte.

Durante uma visita às igrejas do estado de Michigan, Estados Unidos, o rev. Mosteller conseguiu uma audiência com o governador. Ele aproveitou para tirar algumas fotos em que o governador de Michigan aparecia “lendo” alguns jornais de Campinas. Naturalmente, o rev. Mosteller escolhia uma página com notícias nazarenas e o nome do jornal em destaque. Outras autoridades civis de outras cidades, e também superintendentes-distritais, posaram para fotos com os tais jornais campineiros, que depois as publicava em destaque.

Ainda em 1963, sob a presidência do rev. Ronald Denton, realizou-se a 3ª Assembleia Distrital do Brasil. Nessa ocasião, em 28 de julho, foi inaugurado o templo próprio da Igreja do Nazareno Central de Campinas na Av. Francisco Glicério. O rev. Denton também era o pastor da igreja na época.

Por falar em assembleia, ainda existem nos arquivos da Igreja Central de Campinas algumas das miniflâmulas (uma espécie de *button* usado na época) que os delegados usavam nas primeiras assembleias distritais brasileiras.

O contato do rev. Mosteller com os jornalistas também produziu muita salvação. Ao longo do seu ministério, vários jornalistas se converteram. Um deles, que fazia cobertura de corridas de cavalos, passou a cobrir outros assuntos e até mesmo publicou matérias sobre a igreja. Outro, chamado por Deus, inscreveu-se no SIBIN e tornou-se pastor. Semelhante fato aconteceu com um ilustre advogado que, tendo retornado de Brasília, foi salvo e passou a atuar em vários ministérios na Igreja Central de Campinas e no Distrito. Outro advoga-

do, após uma experiência extremamente dolorosa com a perda de um filho, encontrou conforto no evangelho. Aceitou o convite dos missionários e foi à igreja com sua família, onde se converteram ao SENHOR. Por intermédio dessa família, muitos outros foram salvos.

Salvação sempre foi o tema principal da família Mosteller, pois até mesmo os acidentes terminavam em salvação. Na véspera do exame para a licença de motorista, a sra. Virgínia, segunda filha do casal Mosteller, enquanto treinava o percurso foi surpreendida por uma pessoa bêbada, que, ao tentar atravessar a rua, chocou-se com a parte traseira da Kombi no exato momento em que ela passava. A cena foi terrível para aquela jovem. A vítima foi socorrida e teve os seus ferimentos tratados. Prontamente alguns advogados da igreja se adiantaram para cuidar dos aspectos legais. Por fim, a vítima e sua família receberam a assistência da igreja e a ministração da Palavra de Deus, por meio da qual vieram a se converter.

Todas as conversões eram comemoradas, inclusive as patrocinadas por seus discípulos. Em certa ocasião, um dos primeiros nazarenos brasileiros, o dr. Peruch, ainda recém-convertido, falou sobre a salvação em Cristo Jesus para um amigo seu, mas não sabia como apresentar o plano da salvação. Ainda inseguro, pois conhecia apenas os rudimentos da fé, ligou para a residência do rev. Mosteller para que ele evangelizasse o seu amigo. Não encontrou ninguém em casa¹⁹. Isso, porém, não o impediu de conduzir o seu amigo em uma oração de entrega. Horas depois, os dois amigos encontram-se com o rev. Mosteller em uma das ruas comerciais de Campinas. Ney estava com uma Bíblia. “Vejo que você está bem acompanhado”, disse o missionário. “Este é o rev. Mosteller, meu pai na fé. Este é o Ney, meu filho na fé”. Pura alegria, pois o Reino de Deus crescia até

¹⁹ Na década de 1960, poucas residências eram servidas por telefones no Brasil. As linhas eram tão caras que constavam como “bens e direitos” nas declarações do Imposto de Renda. Os celulares para uso comum surgiram na década de 1980.

mesmo por meio de um simples testemunho dos novos convertidos. Aquela salvação foi comemorada com um afetuoso abraço entre o avô e o neto espiritual. A salvação traz imensa alegria para quem é salvo, para quem evangeliza e para quem testemunha o fruto do seu trabalho. Glória a Deus!

Longe de Campinas, os interesses da igreja enfrentavam alguns revezes. Em fevereiro de 1960, o coronel Pupo havia colaborado com a burocracia para a compra de um terreno para a Igreja do Nazareno em uma das melhores Superquadras da Asa Sul, bairro nobre de Brasília. Depois, outras propriedades foram adquiridas, visando à expansão futura na nova fronteira de desenvolvimento do Brasil.

No início da construção de Brasília, visando a fixar o quanto antes a população e prover o sistema social de auxílio e conforto espiritual, o governo do concedia lotes mediante pagamento de uma taxa simbólica parcelada em vários anos. No entanto, os missionários foram mal aconselhados por alguns novos crentes da capital. Esses diziam que a igreja não precisaria pagar as taxas, porque as propriedades nunca seriam retomadas (alegando que ninguém pagava e nunca retomaram os lotes residenciais – o que não era o caso –, ou que os que pagavam, pagavam somente as primeiras parcelas).

Ocorreu que esses “conselheiros” estavam errados. As propriedades de Sobradinho e da Asa Sul estavam em situação regular, inclusive com os respectivos templos construídos (definitivo de alvenaria em Sobradinho e provisório de madeira na Asa Sul²⁰). Porém, as taxas relativas à terceira propriedade, que tinha área de 117.000 m², conseguida pelo rev. Denton para a construção de uma futura universidade nazarena em Sobradinho, não foram pagas. Como também nada fora construído, o governo retomou o terreno.

²⁰ A Igreja Metodista utilizou-se deste lote, onde construiu uma capela provisória. Somente em março de 1968 foram iniciados os trabalhos da Igreja do Nazareno em Brasília com o rev. José Zito Oliveira e família.

No afã de reverter a situação, o rev. Mosteller solicitou novamente a ajuda do coronel Pupo, mas todo o processo de retomada de posse já estava concluído. O Termo de Concessão previa essa hipótese em casos de não edificação ou não pagamento das taxas.

A imensa distância entre Campinas e Sobradinho trouxe outros tipos de problemas. Em julho de 1966, o escritório central enviou os Embaixadores Nazarenos, grupo musical de alta qualidade, para apoiar o evangelismo de massa na América do Sul. No Brasil, foram organizadas campanhas em Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Rio e Campinas. Na ocasião, a igreja ainda não tinha se estabelecido em Brasília, pois estava apenas em Sobradinho, distante cerca de 25 km.

Ao levar esse grupo para Brasília, o rev. Mosteller tinha a intenção de privilegiar a novíssima capital, ao mesmo tempo que desejava fazer a igreja conhecida para iniciar os trabalhos ali. Um evento com eles, por sua vez, exigia uma logística própria, além de um local com infraestrutura técnica. Preventivamente, três dias antes da data do evento, o rev. Mosteller dirigiu a famosa Kombi por cerca de 950 km. Ao chegar a Sobradinho, sofreu um verdadeiro choque ao constatar que todo o material de divulgação da campanha estava tal qual havia chegado pelo correio: intacto. Nada fora distribuído. Pior, não havia sido alugado um auditório ou qualquer outro local, além do piano, para a apresentação. Enérgico e destemido, o rev. Mosteller trabalhou incansavelmente durante os dias anteriores ao do evento. Apesar de todo o empenho pessoal, cansado e desapontado com a falta de iniciativa da liderança local, ele ainda foi atingido por um último golpe. O tradutor contratado em São Paulo simplesmente não foi para Brasília. Resultado, o próprio rev. Mosteller, superando todo o cansaço e o desapontamento com os obreiros e profissionais brasileiros, teve de fazer a tradução do evangelista.

Todo esse bombardeio de problemas não derrubou esse líder “fabulaço”. Os irmãos brasileiros ficaram impressionados com o

seu semblante sério e compenetrado. Na realidade, havia poucos discípulos para dividir a carga com competência. A recompensa foi ver que, dentre as duzentas pessoas presentes, cerca de quarenta foram ao altar para aceitar Jesus Cristo, o Salvador.

Apesar desse início conturbado, a campanha dos Embaixadores conseguiu decolar quando chegou a Belo Horizonte. Decolar é força de expressão, porque de Sobradinho a Belo Horizonte, os equipamentos foram levados pelo rev. Hugo de Souza Costa, então seminarista do SIBIN, em seu caminhão. Por sinal, ele fez o transporte de todo o material durante todas as etapas da campanha.

Em Belo Horizonte, o rev. Josué Dornelas, da nascente congregação de Caiçara, com seus inestimáveis dons organizacionais e financeiros, tomou a liderança do evento e chegou a levar os Embaixadores para uma apresentação na TV local. As apresentações tiveram boa repercussão e grande audiência. Muitas vidas foram salvas em três dias de campanha, que também teve a participação das igrejas de Barroca e de Altos de Pinheiros.

Na sequência, levaram os Embaixadores para Mesquita, no Rio de Janeiro, onde a apresentação causou grande impacto na obra. Depois foram para São Paulo, onde havia uma congregação nazarena próxima ao Aeroporto de Congonhas. Não havia espaço suficiente para a multidão se sentar, por isso todo o povo assistiu à apresentação/evangelismo pacientemente em pé. Foi um tumulto santo. Muita gente nas calçadas, rua bloqueada etc. Mas muitas vidas foram salvas. O Exército da Salvação colaborou com esse evento.

Já em Campinas, os Embaixadores Nazarenos trabalharam juntamente com a Associação Ministerial de Campinas nas atividades da campanha intitulada Campinas para Cristo. Esse megaevangelismo uniu várias denominações e impactou decisivamente a vida dos campineiros. Não é preciso dizer o quanto o próprio evangelista e o grupo de estudantes que formavam os Embaixadores foram tocados,

mas aquela campanha significou algo a mais para o irmão Terry Read. Posteriormente, ele se consagrou ao ministério. Passados vinte anos, ele e a sua esposa, sra. Joan, vieram para o Brasil em 1982 na condição de missionários nazarenos.

Por falar em quase mil quilômetros entre Campinas e Sobradinho, por vezes o rev. Mosteller teve por companhia o jovem nazareno dr. Fletcher Tink, que na época trabalhava como voluntário do *Peace Corps* no Brasil. Muito engajado no trabalho pelo Reino de Deus, sempre que possível ele passava alguns dias com os missionários e os ajudava nos trabalhos da igreja. Em uma das viagens até Sobradinho, ele teve a oportunidade de praticar o evangelismo de massa em sua forma mais rudimentar. Ou seja, pela janela da heroica Kombi, enquanto o rev. Mosteller dirigia pelas ruas de Sobradinho e de Brasília, ele entregava folhetos e material de divulgação da igreja para os trabalhadores nos pontos de ônibus. Quando não havia ninguém, ele os lançava nos bancos. Isso foi uma oportunidade ligada a uma necessidade da época, pois muitos brasileiros nada tinham para ler naqueles dias. Por isso, se interessavam por esse tipo de literatura para ocupar o longo tempo de espera até a chegada do coletivo.

Essas viagens, nas condições da época, eram verdadeiras aventuras. Saiba-se, portanto, que as missões tinham um lado nada glamoroso, tal qual dormir em um banco de Kombi. Dá para imaginar o rev. Mosteller, com quase dois metros de altura, deitado em um daqueles bancos? Houve muitas privações, que foram sublimadas pela honra da obra em questão. Grandes homens grandes!

Em seu testemunho, depois de visitar o Brasil há poucos anos, o dr. Fletcher Tink²¹ dá graças a Deus por ter vivido o suficiente para

²¹ O dr. Fletcher L. Tink, enquanto trabalhou com o *The Peace Corps* no Brasil, pastoreou interinamente a igreja de Sobradinho durante breve período. Entre 1976 e 1978, ele serviu como missionário nazareno na Bolívia. Atualmente, dirige o *Breeze Institute for Metro-Ministries* e exerce várias atividades acadêmicas.

se lembrar das grandes lutas que ele presenciou e que os missionários enfrentaram para implantar a denominação no Brasil nos anos 1950 e 1960 e verificar que, nestes dias atuais, os nazarenos brasileiros tomam as iniciativas para a rápida expansão do Reino de Deus.

Enquanto 1966 foi marcado pela grandiosa campanha com os Embaixadores Nazarenos, 1967 recebeu a visita do carismático evangelista nazareno rev. Robert W. Taylor, que pregou em Nilópolis, Campinas, Sobradinho e Belo Horizonte. Milagres de cura foram testemunhados na campanha. Em Belo Horizonte, a sua potente mas graciosa voz ouvida por meio dos alto-falantes. Ele anunciava que Jesus Cristo iria curar, libertar, salvar. Muitos foram à campanha e se converteram, alguém se converteu ainda no caminho, ouvindo as músicas e a pregação, enquanto rumavam para a igreja em busca de uma solução para a sua vida. Famílias foram salvas! Em Campinas ele também participou da consagração de novos pastores.

Aliadas ao seu objetivo maior, estavam três paixões do rev. Mosteller: livros, templos e mídia (rádio e TV). Ele já tinha larga experiência editorial, haja vista o sucesso da Editora Nazarena em Cabo Verde. No Brasil, ele descobriu que até mesmo editoras ligadas a outras denominações gostariam de publicar literatura de santidade. O rev. Mosteller acreditava que bons livros sobre santidade poderiam ajudar decisivamente a missão a alcançar o alvo de mil igrejas em trinta anos. Aproveitando os livros já traduzidos em Cabo Verde e os traduzidos no Brasil, o catálogo nazareno poderia chegar a noventa livros. Alguns já estavam prontos para ser impressos.

Ao longo dos anos de produção literária de santidade, um testemunho soou como um verdadeiro elogio. Um pastor de outra denominação, estudioso e observador, declarou aos missionários que “descobri que a inteira santificação não é somente uma doutrina de vocês; ela é uma experiência. O Espírito Santo não é honrado somente na sua literatura; Ele é honrado em suas vidas”.

Quanto à mídia de alcance de massas, o rev. Mosteller acreditava que programas de rádio, tais qual *A Hora Nazarena*, poderiam alcançar milhares de pessoas e trazê-las aos nossos templos. O uso intensivo e sistemático do rádio poderia, inclusive, quebrar as barreiras que se opunham à presença de cristãos católicos nos templos nazarenos. Fora do alcance do pároco, as pessoas poderiam receber orientação bíblica e conforto espiritual por meio das ondas do rádio. Para isso, o SIBIN deveria treinar os seus alunos para se apresentar na TV e na rádio.

Outra paixão eram os edifícios, templos principalmente. Empreendedor e visionário, conhecedor da realidade financeira da igreja e das dificuldades do povo brasileiro nesse item, recebeu de Deus uma ideia que poderia revolucionar as missões no Brasil. Tratava-se das igrejas e casas pastorais portáteis. Não seriam exatamente trailers, aqueles reboques que servem para viagens, pequenos negócios ou moradia temporária. Seriam capelas e casas pastorais pré-fabricadas que pudessem ser montadas e desmontadas.

O principal problema que o fez buscar uma solução viável foi o custo de imobilização do capital (como diriam os contadores!). Ou seja, no modelo tradicional de templo, primeiramente a igreja deveria despende um considerável montante de dinheiro para comprar um terreno. Em seguida, teria de desembolsar outra quantia ainda maior para construir o templo. No final das contas, muito dinheiro deveria ser investido em um único lugar. Depois de pronto, ninguém poderia garantir que aquele teria sido o melhor investimento, pois a igreja poderia ter crescido muito mais do que o esperado e, nesse caso, o templo já estaria pequeno; ou poderia haver uma mudança nos gabaritos das cidades de tal forma que inviabilizasse as atividades da igreja em áreas residenciais, por exemplo. Por fim, se fosse no centro da cidade, as empresas poderiam procurar outras ruas e as famílias, outros bairros. O centro ficaria vazio nos finais de semana.

Por sua vez, o modelo de templos portáteis permitiria que, depois de montada cada capela, fossem usados apenas os recursos da própria congregação no aluguel de um lote vazio (da mesma forma que se aluga uma casa) que, evidentemente, seria muito mais barato do que alugar uma loja, por exemplo. Conforme o desenvolvimento da congregação, ela poderia comprar uma propriedade e construir o seu templo. Feito isso, a capela portátil poderia ser desmontada e remontada em outro lugar para abrigar uma nova congregação.

Essas capelas seriam feitas com telhas onduladas de fibrocimento (mais conhecidas por seu nome comercial: telhas Eternit) inclusive nas paredes. Baratas e de uso popular, possuem dimensões padrão o que permitiria montar uma estrutura modular. Esse projeto foi levado a efeito na Igreja do Nazareno em Jardim Leonor, bairro de Campinas. Uma dessas capelas serviu à igreja até setembro de 1992, quando a congregação, construiu e inaugurou um novo templo de alvenaria. Outro bom exemplo ocorreu em Americana. Utilizaram uma dessas capelas no início, mas agora preparam-se para inaugurar um megatemplo. Essas e outras experiências comprovaram a viabilidade técnica e financeira desse projeto. Uma ideia fabulosa! Porém, ela não conseguiu ser replicada a contento na velocidade pretendida. Um dos problemas não previstos na ideia inicial, era que esse material não funcionava como isolante térmico. Ou seja, as capelas eram muito quentes no verão e muito frias no inverno.

Tais capelas desmontáveis seriam, juntamente com o SIBIN e o Arauto da Santidade, a espinha dorsal do projeto Mil Igrejas em Trinta Anos. Ainda temos nos arquivos da Igreja do Nazareno Central de Campinas os primeiros esboços desse projeto. As igrejas então estabelecidas, Campinas, Belo Horizonte e Sobradinho deveriam prover a multiplicação das congregações em suas respectivas regiões, avançando sempre pelas melhores cidades das redondezas (não necessariamente somente pelas capitais).

Os primeiros locais de culto nazarenos sempre receberam uma atenção especial, devido, principalmente, à visão empreendedora do rev. Mosteller. Ele sempre buscava locais adequados e que proporcionassem visibilidade para a igreja. Foi assim com a compra do imóvel na Av. Francisco Glicério em Campinas e com a instalação do templo na Av. Amazonas em Belo Horizonte.

Foi justamente por ali que se iniciou a expansão territorial no Brasil. Belo Horizonte transformou-se na “cabeça de ponte”²² para a conquista do Centro-Oeste brasileiro. Ao final de 1959, logo depois de chegarem ao Brasil, o rev. Denton e a sua família foram acomodados em Belo Horizonte, onde dariam início aos seus trabalhos.

O rev. Denton também era um homem visionário e percebeu logo a grande oportunidade que a construção de Brasília estava propiciando, pois um verdadeiro exército de trabalhadores, muitos mineiros, marchava para o planalto central para construir a nova capital.

Diante disso, já em 1960, ele foi sucedido em Belo Horizonte pelo rev. Charles Gates. Os Dentons foram então designados para instalar e organizar a igreja em Sobradinho. Ali eles deram início à primeira escola nazarena no Brasil, oferecendo as primeiras turmas do ensino básico para os filhos dos trabalhadores de Brasília. Essa escola foi implantada em parceria com o Governo do Distrito Federal. A igreja de Sobradinho cedia as salas de aula, enquanto que o governo contratava as professoras e o pessoal de apoio.

Com a chegada do rev. Joaquim Lima em 1960, o rev. Mosteller repassou a ele a liderança da congregação em Osasco, SP. A família do rev. Kratz também chegou em 1960. Ficaram alguns meses em Campinas para aprender o novo idioma. Sua primeira missão foi substituir o rev. Denton em Sobradinho, onde passaram alguns meses em 1961. Tiveram de retornar a Campinas para tratar da doença de

²² “Cabeça de ponte” é como os militares se referem a uma pequena área conquistada, tendo em vista uma ocupação definitiva do território.

Chagas que o rev. Kratz contraiu em Sobradinho. Recuperado, no final de 1961 ele e a sua família foram designados para organizar o trabalho em São Paulo, no bairro de Indianópolis, onde deixaram uma próspera congregação.

À medida que a missão recebia mais verbas e mais missionários, podiam-se comprar novas propriedades e inaugurar novos templos. Foi, por exemplo, o que aconteceu com a chegada do casal Collins. Eles ficaram em Campinas durante o ano de 1962 e 1963 aprendendo o novo idioma e trabalhando na Igreja Central. Depois de breve período em Belo Horizonte, testemunhando que Deus havia lhes dado uma direção clara, em 1964 os Collins iniciaram os trabalhos da igreja em Americana, SP.

Enfim, a obra avançava em diversas frentes, com missionários, com pastores cabo-verdianos e com pastores nacionais. Isso dava aos missionários enorme satisfação, muito embora o rev. Mosteller soubesse que ainda havia bastante a ser feito.

As muitas responsabilidades que repousavam sobre os seus ombros e o grande zelo pela obra do SENHOR faziam que os irmãos brasileiros tivessem uma imagem de homem sisudo e metódico a respeito do rev. Mosteller. Suas pregações, em estilo tradicional e carregadas durante anos com o sotaque cabo-verdiano, eram ouvidas com muita atenção. Da mesma forma, as suas longas, mas profundas orações. Um de seus primeiros discípulos brasileiros diz que o rev. Mosteller destilava doutrinas inclusive enquanto orava!

Mas, por falar em pregação, uma certa ocasião ele quase pôs a sua mensagem a perder, pois, com o seu carregado sotaque lusitano, confundiu calçados com calças ao pregar sobre o encontro de Moisés com Deus no monte Sinai. Enfaticamente ele disse: “Deus falou para Moisés: tire as suas calças, pois você está em local santo”. Ninguém conseguiu se segurar.... Depois da gargalhada geral, os irmãos aos poucos se recompunham. De repente, um ou outro irmão começava a

rir sozinho, com a cena da pregação ainda fresca na memória. Como que contagiados por uma onda irresistível, todos então também caíam na gargalhada imaginando a mesma cena!

Por outro lado, era um prazer renovado reencontrar velhos companheiros de ministério. Foi o caso, por exemplo, quando em 1965 os Mostellers receberam a visita do rev. Eades e sua esposa, sra. Jessie. Nesse mesmo ano, também vieram conhecer o Brasil o rev. Antônio Nobre Leite e sua esposa, sra. Corsínia. Outros amigos fizeram visitas a trabalho ou a passeio no decorrer dos anos.

Na década de 1960 e no início da de 1970, ficou bem marcada a formação de três núcleos de multiplicação da denominação nazarena no Brasil: Campinas, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Sobradinho, por sua vez, só conseguiu se multiplicar em duas igrejas: Asa Sul e posteriormente Asa Norte.

A moderna Belo Horizonte oferecia muitas oportunidades de progresso, pois era um importante polo econômico da região. Essa época também acompanhou o início do trabalho no Rio de Janeiro, principalmente na Baixada Fluminense, onde o rev. Kratz implantou, com seu carisma singular, uma igreja piloto em Nilópolis, em 1966. Essa congregação se multiplicou em várias outras, a ponto de serem necessários dois Distritos para o estado do Rio de Janeiro.

Foi Campinas, porém, que realmente consolidou-se nessas décadas como o verdadeiro dínamo da expansão nazarena no Brasil. Colaborou para isso o acerto na localização e as ações para a implantação da denominação. Outros dois fatores determinantes foram a providencial instalação do SIBIN nos primeiros anos, o que gerou a disponibilidade de obreiros bem preparados e coordenados, além da presença constante de novos missionários nazarenos.

Sentindo que Deus apontava uma nova direção ministerial, depois de uma desgastante campanha para o esclarecimento da doutrina nazarena acerca da manifestação dos dons espirituais entre os demais

missionários, pastores nacionais e pastores oriundos de outras denominações²³, os Mostellers foram designados para um novo campo.

Em uma reunião especial do Conselho Missionário da Igreja do Nazareno no Brasil, em 5 de janeiro de 1973, os Mostellers, reuniram forças e sentimentos para agradecer a compreensão e a cooperação que os demais missionários lhes deram nos quase quinze anos como superintendente e diretor da Missão no Brasil. Apesar das lutas e das dificuldades para implantar um trabalho pioneiro em um país gigantesco, foram certamente anos gratificantes, especialmente pelos milhares de novos discípulos nazarenos no Brasil, ministros ordenados, seminaristas, enfim uma boa equipe ministerial capaz de impulsionar o crescimento do Reino de Deus.

Apesar de terem sido nomeados novamente para dirigir a missão no Brasil²⁴, o rev. Mosteller e a sra. Gladys, empreendedores e visionários, sabiam que estava na hora de responder a outro desafio. Terminaram a reunião de joelhos, pedindo ao SENHOR que abençoasse os Mostellers na nova seara. O grande conforto em seus corações foi saber que em todo tempo trabalharam com o mais profundo senso de missão. Também foi reconfortante saber que, além do apoio dos demais missionários e nazarenos brasileiros, eles também foram apoiados e encorajados por superintendentes-gerais e por diretores do Departamento de Missões Mundiais.

²³ Em 16/9/1971, no ápice das discussões, todos os missionários, pastores e obreiros nazarenos no Brasil foram comunicados sobre o posicionamento oficial da denominação quanto à interpretação da manifestação dos dons espirituais (especialmente o de línguas). Todos assinaram o documento *Posição da Igreja do Nazareno com Respeito a 'Línguas Estranhas' – Interpretação Oficial*. Essa questão, porém, não estava restrita apenas ao Brasil. Em várias partes do campo missionário, e até mesmo dentro das igrejas nos Estados Unidos, essa questão ocupou lugar de destaque entre as prioridades denominacionais. A questão foi debatida na Assembleia Geral de 1972 e só perdeu força depois da Assembleia Geral de 1976 e da interpretação oficial da Junta de superintendentes-gerais publicada no *Arauto de Santidade* (out. 1976).

²⁴ Houve um impasse na eleição para superintendente distrital e diretor da missão no Brasil, em setembro de 1971, pois os Mostellers se recusaram a votar em si próprios para desempatar. Diante disso, o Departamento de Missões Mundiais decidiu reconduzi-los.

Algumas semanas depois, os Mostellers foram confirmados pela diretoria do Departamento de Missão Mundial para organizar o trabalho nazareno em Portugal. Deixaram aos colegas e amados discípulos de todo o Brasil a seguinte carta:

“Quatorze inesquecíveis anos e dez meses atrás pisamos em solo santista pela primeira vez. Viemos para fundar no Brasil a Igreja do Nazareno. Pela graça de Deus deixamos trinta e seis igrejas e congregações. Durante este tempo todo, por satisfação nossa, gozamos duma ‘fabulástica’ convivência com o povo brasileiro. Agora, nas vésperas da nossa partida, sensibilizados, desejamos agradecer essa amizade. Pretendemos fundar a obra nazarena no Portugal continental. Despedindo, fazemos questão duma visita sua no Velho Mundo, e, para tanto, desde já oferecemos a nossa casa em Lisboa. Querendo Deus, partiremos do Aeroporto de Viracopos, na noite do dia 8 de junho, p.f., às 19h40 pela Pan Am, voo 202. Abraços. Mateus 6:33²⁵ e Hebreus 12:14²⁶. Campinas, 30 de maio de 1973.”

Nesse meio tempo (fevereiro e março de 1973), os discípulos brasileiros se mobilizaram com o intuito de reverter essa nomeação. Dirigiram-se ao dr. George Coulter, então superintendente-geral (1964 a 1980) com jurisdição sobre o Brasil, nos seguintes termos, reconhecendo o caráter e a determinação do rev. Mosteller, mas expressando a preocupação e o inconformismo geral: “Não poderia haver época mais imprópria e inoportuna para retirar-se do campo brasileiro o homem que, com amor cristão, firmeza intemerata, humilde grandeza, e ajudado pelas mãos de Deus, conseguiu vencer, quase sozinho, a grave crise doutrinária no Distrito brasileiro no tocante às chamadas ‘línguas estranhas’, doutrina essa que, conforme

²⁵ Mt 6:33: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”.

²⁶ Hb 12:14: “seguí a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o SENHOR”.

entendimento da Junta de Superintendentes-Gerais comunicada a nós pelo dr. V. H. Lewis, é incompatível com os princípios e orientação da Igreja do Nazareno”. Foram ouvidos, mas prevaleceu a decisão de aproveitar toda a experiência e o potencial do casal Mosteller para investir no novo campo missionário.

A partida do casal Mosteller causou verdadeira comoção na comunidade nazarena brasileira, que sempre reconheceu a importância e a grandeza do trabalho que essa família missionária realizou pioneiramente no Brasil.

O carinho transpôs décadas e sempre foi alimentado com os convites para visitar o Brasil periodicamente. Uma dessas visitas ocorreu em 1983, a convite do rev. Joaquim Lima, então superintendente do Distrito. Nessa ocasião, o rev. Mosteller glorificou a Deus pelo que Ele, o SENHOR, estava fazendo por meio de servos nazarenos realmente cheios do Espírito Santo. Eram as comemorações do 25º Aniversário (Bodas de Prata) da Igreja do Nazareno no Brasil. Seus discípulos e amigos providenciaram uma estada digna.

Na ocasião, ele, juntamente com o rev. Louie Bustle, coordenador de missões para a América do Sul, e o dr. V. H. Lewis, superintendente-geral (1960 a 1985) com jurisdição, participaram de uma empolgante Assembleia Distrital na baixada fluminense. Devido ao crescimento da igreja, não havia templo da Igreja do Nazareno capaz de comportar todos os nazarenos do Distrito. Diante disso, a Assembleia foi realizada em um grande galpão comunitário. Uma banda da Marinha, da qual participaram vários nazarenos militares, acompanhou o período de louvor e prestigiou o evento.

Essa visita não foi ocasião apenas para amenidades. Muito pelo contrário. Foram realizadas oito campanhas de santidade, além da formatura do Seminário. Depois de dez anos longe do Brasil, foi inevitável a lembrança da primeira formatura do SIBIN. Lembrança tremenda, pois se cumpria uma das orações da formatura de 1965,

aquela a favor dos leigos e ministros que dariam seus próprios filhos para o ministério nazareno.

Em outras ocasiões, em 1990 e em 1998, Deus usou a Igreja de Campinas e o rev. Aguiar Valvassoura para trazer o rev. Mosteller novamente ao Brasil. Em 1998, aniversário de quarenta anos da Igreja do Nazareno no Brasil, ao fechar os olhos, uma cena se desenrolou em sua mente. Viram-se os anos de trabalho árduo, os primeiros discípulos, os missionários companheiros fiéis, os amigos, as campanhas, os primeiros pastores nacionais. De olhos abertos, viu-se o que Deus fizera a partir da semente plantada pelos missionários. (No culto principal, cerca de 3.500 pessoas, uma orquestra filarmônica e um coral de 200 vozes!) A semente do Evangelho cresceu por meio dos pastores, líderes e leigos nacionais, além dos demais missionários que ainda estavam no campo brasileiro. Lágrimas de alegria.

Na ocasião, os Mostellers foram reconfortados ao receber uma palavra de gratidão do diretor de Missões Mundiais, dr. Bustle nestes termos: “Verdadeiramente vocês fizeram um trabalho maravilhoso ao implantar a Igreja do Nazareno no Brasil naqueles primeiros dias. Deus e a Igreja são gratos por suas vidas e por sua liderança”.

Em 2004, o casal foi homenageado por meio de uma Menção Honrosa no lançamento do projeto da Faculdade Nazarena do Brasil (inaugurada em 2008), pois foram os Mostellers que desafiaram a liderança brasileira a sonhar com uma visão de igreja global e com a primeira universidade nazarena de língua portuguesa.

Recentemente, em outubro de 2008, o rev. Mosteller esteve novamente no Brasil. Dessa vez, acompanhado de suas filhas Kathleen e Elizabeth, e dois netos, ele ficou ainda mais impactado do que há dez anos, pois, ao comemorar os seus cinquenta anos no Brasil e seu centenário denominacional, a Igreja do Nazareno marcou a data com uma grandiosa reunião em um estádio de futebol em Campinas. Após testemunhar a grandiosa multiplicação daqueles primeiros frutos que

os Mostellers ganharam no Brasil para o Reino de Deus, ele declarou: “As festividades ultrapassaram por muito tudo de que eu podia sonhar. Bem, que em tudo Deus seja louvado!” Enfático, ele repetiu várias vezes: “Glória a Deus! Glória, glória a Deus!”

Em 1958, toda a Igreja do Nazareno no Brasil cabia em uma Kombi. Cinquenta anos depois, nem mesmo um grande estádio de futebol poderia comportar os mais de 90 mil nazarenos brasileiros!

Em 11 de outubro de 2008, a Igreja do no Brasil reuniu milhares de nazarenos vindos em caravanas de norte a sul e de leste a oeste do Brasil em uma belíssima celebração realizada em um estádio de futebol lotado. Também fizeram parte das festividades do Jubileu, a inauguração de um novo templo em Campinas (conhecido como a igreja do jubileu), o novo Seminário Teológico Nazareno do Brasil (que manteve o mesmo lema do SIBIN: “Deus chama, o Seminário [SIBIN] prepara”, e a Faculdade Nazarena do Brasil, voltada para o ensino superior de cursos seculares. Atualmente, a Igreja do Nazareno Central de Campinas, organizada há cinquenta anos pelos primeiros missionários, é a número um no ranking das maiores igrejas da denominação no mundo. Glória a Deus!

Por tudo o que pode ser testemunhado, o ministério dos Mostellers no Brasil pode ser definido com uma palavra: “fabulástico”, expressão de alegria e entusiasmo que foi trazida para o nosso repertório pelo próprio rev. Earl Mosteller.

De volta a 1973. O rev. Mosteller e a sra. Gladys não queriam apenas estar bem com Deus, mas queriam se entregar completamente ao SENHOR, de tal forma que nada ocuparia o lugar de Jesus no centro das suas vidas. Eles queriam cumprir toda a vontade de Deus para as suas vidas. Quanto a esse compromisso, eles consagraram ao SENHOR todas as suas decisões, planos e sonhos. Porém, o casal visionário teria outra árdua missão pela frente: conquistar para Jesus a terra e os herdeiros dos grandes conquistadores!

SINERGIA E CONFIANÇA. Essas são as principais qualidades pelas quais podemos descrever a família Mosteller por seus esforços conjuntos e propósitos coesos em seu ministério missionário. Essas também são as características que uma equipe ministerial precisa ter para alcançar bom êxito em sua tarefa no Reino de Deus.

“A coisa mais inteligente que o Earl fez foi se casar com a Gladys”. Essa frase, da época da faculdade em Nampa, marcou a vida deles até hoje, porque simplesmente é a pura verdade. O então Reitor da faculdade, dr. Russel V. DeLong (autor dos livros *O Galileu sem Igual* e *Quando Vier a Tragédia*), não sabia que as suas palavras traduziriam tantas décadas de sucesso matrimonial que ainda estariam por vir.

O próprio rev. Mosteller reconhece que a sra. Gladys tem sido uma fabulosa esposa e companheira (ele diria: fabulástica). Seus dons ministeriais, sua percepção, sua capacidade de ensinar, seu humor elegante, sua ajuda, seu trabalho e, principalmente, seu amor fizeram dela muito mais que uma missionária. Sua saúde, às

vezes frágil, já a colocou diante dos portões da glória algumas vezes, mas o SENHOR preservou a sua vida com um belo propósito. O rev. Mosteller costuma dizer: “o homem sem esposa não é nada!”

Depois de tantos anos, o romantismo ainda está presente. Em abril de 2009, pouco antes da Páscoa, o rev. Mosteller levou a sua amada esposa para um jantar especial. Comemoraram os setenta anos do dia em que começaram a namorar!

Verdade seja dita. As três filhas do casal Mosteller refletiram integralmente o caráter, a resolução e a perseverança de seus pais. Herdeiras de incontáveis bênçãos, testemunhas em primeira mão de inúmeros milagres, cooperadoras de indizíveis obras, elas sempre estiveram ao lado de seus pais na condição de suas maiores admiradoras e incentivadoras. Na verdade, as sras. Kathleen, Virginia e Elizabeth tinham o sentimento missionário tão impregnado em suas próprias vidas que, desde crianças, elas também se apresentavam como missionárias.

Se no Brasil o casal Mosteller contou com o apoio de uma família missionária leiga, os Stegemollers, que, nos primeiros dias em Campinas, os trouxe para a sua casa, por todo o seu tempo missionário, em Cabo Verde e no Brasil eles contaram com uma verdadeira equipe missionária dentro de sua própria casa. Pais e filhas formavam uma equipe forte e comprometida com a causa do Reino de Deus. Não olharam para trás, mas prosseguiram em cada campo missionário rumo ao prêmio da soberana vocação em Cristo Jesus.

Sempre ativas, nunca se negaram a realizar as tarefas eclesiais que as demais meninas também poderiam fazer. Não se intimidaram ao preparar e distribuir folhetos, nem ao organizar acampamentos. Tudo tinha de ser feito. Todas as tarefas eram dignas. Tudo era possível. Tome-se o exemplo dos tempos de internato na cidade serrana de Teresópolis, RJ. Lugar de clima agradavelmente ameno, mas de invernos rigorosos. Porém, não importava a época do

ano, as alunas tinham de praticar natação às seis horas da manhã. Se por um lado esfriava-se o corpo na piscina, esquentava-se o espírito nos cultos realizados no quarto da sra. Kathleen. Certa ocasião, uma das professoras daquele internato lhe perguntou: “Ouvi dizer que você está dirigindo cultos evangélicos em seu quarto; isso é verdade?” Depois de um tímido e temeroso “sim”, ela ouviu: “Posso fazer parte também?” Além dessa professora, várias colegas também foram discipuladas mediante o compartilhar da Palavra de Deus. Algumas se converteram.

Elas também não abafaram os seus dons de liderança, mesmo em meio à sociedade machista do Brasil da década de 1960. Muito atuantes, e contempladas com vários talentos, na igreja de Campinas, por exemplo, as meninas Mostellers sempre foram imbatíveis nas eleições para a presidência da JNI.

O fato, que não se pode recusar, é que os MKs (*missionary kids*, garotos e garotas missionárias) sempre foram alvo de admiração entre os jovens nazarenos. O sonho confesso de alguns rapazes, e inconfesso de muitos outros, era o de se casar com uma MK.

Ensinar, presidir, construíram grandes alianças de amizade com seus irmãos e irmãs nazarenas do Brasil. Da mesma forma que herdaram da sra. Gladys toda elegância, sabedoria e compaixão, também herdaram do rev. Mosteller energia, ímpeto e espírito empreendedor. Assim como receberam dos seus pais, elas foram – e ainda são – exemplos e testemunhas vivas de uma vida consagrada ao Senhor Jesus Cristo. Herança que elas têm deixado também para os seus filhos e filhas (naturais e espirituais).

Porém, a idade de ir para uma universidade trazia consigo também a tristeza de ver uma filha amada partir para muito longe. Seguindo as marcas deixadas por seus pais, uma a uma foram para a Universidade Nazarena em Nampa, Idaho (*Northwest Nazarene University*), onde se formaram e se prepararam para o mercado de traba-

lho. Apesar de viver longe dos Estados Unidos, elas estavam prontas para ingressar na universidade porque a sra. Gladys fez questão de, além dos estudos formais em português, dar a elas a educação formal também em inglês. Assim, durante todo o tempo em que estiveram no campo missionário, elas estudaram por um método de educação a distância (por correspondência) que lhes deu o reconhecimento no sistema educacional americano.

O mais importante, porém, é que as filhas foram conscientizadas desde cedo de que cada uma deveria fazer suas próprias escolhas profissionais e ministeriais, ou seja, elas não foram pressionadas a fazer parte da missão dos seus pais. Essa liberdade de escolha resultou que elas decidiram ser participantes, não apenas observadoras do trabalho missionário dos seus pais. Elas enxergaram a visão deles e viram o propósito e a importância que esse trabalho tinha para o Reino de Deus. Por isso, decidiram tomar parte no privilégio de realizar o que os seus pais estavam fazendo para Deus.

Uma dessas escolhas acertadas foi presenciada por muitos irmãos, durante a Assembleia Distrital de 1965. Ouvido o apelo, ao final de um dos cultos, duas das filhas juntaram-se a uma dezena de jovens brasileiros que se consagravam ao serviço no altar do SENHOR, enquanto a terceira apresentava a Deus a sua adoração tocando o piano.

O dia do embarque era sempre um acontecimento para a comunidade nazarena de Campinas. Dezenas de irmãos acompanhavam a família Mosteller ao aeroporto para a despedida das filhas. De certa forma, era realmente alguém da família que se mudaria para uma terra distante. O rev. Roger Schrage, que foi missionário no Brasil por outra organização, diria que isso era o genuíno sentimento de pertencer a uma mesma família da fé, pois o que acontece com um importa para todos os demais irmãos. Essa era uma forte característica dos cristãos evangélicos brasileiros nos anos 1960.

Mesmo depois de adultas, elas continuaram a acompanhar e ajudar no trabalho missionário dos pais, tanto em Portugal quanto nos Açores. Aproveitavam os períodos de férias para levar seus próprios maridos e filhos para acompanhar as atividades missionárias dos avós.

A sra. Kathleen e seu marido, sr. Larry, depois de trabalharem na área de ensino, trabalham atualmente no ramo de construção e reforma de imóveis.

A sra. Virginia e seu marido, sr. Jim, já se aposentaram do magistério. Enquanto trabalhou como editora de publicações em português, no escritório central em Kansas City, ela heroicamente viabilizou a primeira edição de *O Arauto da Santidade*, em 1972. Há cerca de vinte anos ela é assistente do pastor da Igreja do Nazareno em sua cidade.

A sra. Elizabeth e seu marido, sr. Steve, são profissionais da área de contabilidade. Ela é professora na faculdade de sua cidade, Casper, Wyoming.

Uma questão recorrente diz respeito ao choque cultural dos missionários quando iniciam seu trabalho em outros países. No caso das filhas do casal Mosteller, o choque foi no regresso para os Estados Unidos, já que elas nasceram e se criaram no próprio campo missionário, apesar de reavivarem os laços culturais e familiares com a América de quatro em quatro anos, no período de *furlough* dos seus pais. “Aqui tudo é para já, enquanto que em outros lugares sempre havia tempo de sobra para qualquer coisa”. Também foi marcante a atitude de certa apatia por parte de alguns jovens americanos em relação às suas responsabilidades no Reino de Deus. “Parecia que alguns estavam desligados!” Enfim, a primeira Páscoa nos Estados Unidos. Foi embaraçoso fazer tantos planos para o feriado da Semana Santa e ficar sabendo, na quinta, que a sexta-feira é dia de trabalho normal para os norte-americanos.

Uma de suas filhas, há cerca de dez anos, levou o rev. Mosteller a uma reunião na escola do bairro. Era uma ótima oportunidade para colocar experiência diante de potencial. Ou seja, seu pai diante de centenas de jovens. Ao entrar no auditório, o rev. Mosteller viu um jovem que parecia estar bêbado; chegou perto dele, abraçou os seus ombros, olhou nos seus olhos e perguntou: “Como vai, meu jovem?” Não ouviu resposta, mas, em silêncio, orou por ele. Aquele gesto singelo mudou a vida daquele rapaz totalmente. Ao final da palestra, Adam, aquele jovem, aceitou a Jesus como o seu SENHOR e Salvador. Anos depois, na condição de *Marine* (fuzileiro da marinha dos Estados Unidos), ele lutou na guerra da Bósnia. Voltou para casa condecorado como herói de guerra. Um jovem perdido; um abraço amoroso; uma pregação; um salvo; um herói. Ou melhor, dois!

Uma discípula que brincava com as meninas missionárias, e que anos depois foi uma das pioneiras nazarenas em Portugal, cheia de gratidão pela família Mosteller testemunhou: “Eles pregavam com a vida, não apenas com as palavras”.

O investimento missionário nazareno no Brasil

De 1958 a 2009

MOTIVADORES E ACOLHEDORES. Essas são duas das principais qualidades pelas quais podemos descrever os Mostellers quando o assunto é equipe ministerial. Essas também são as características que todo líder precisa ter para integrar colegas com formações e histórias de vida diversificadas para compor uma equipe de alto desempenho ministerial.

Além dos pastores nacionais que eram formados pelo SIBIN, pouco a pouco a equipe missionária recebia novos companheiros e se renovava. A equipe original, e principal grupo de implantação, era formada pelo rev. Earl e sra. Gladys Mosteller (1958), rev. Charles e sra. Joanne Gates (1958) e rev. Ronald e sra. Sarah Denton (1959), além dos pioneiros sr. Ervin e sra. Marjorie Stegemoller (1956) e rev. José Zito Oliveira (1956). A década dos anos 50 foi concluída com a presença de cinco famílias de missionários e pioneiros.

No intuito de divulgar o trabalho missionário e motivar os novos colegas interessados em trabalhar no Brasil, os revs. Mosteller, Gates

e Denton escreveram o livro *Brazil diary: glimpses into our missionary adventures during beginning days in Brazil* (Diário do Brasil: pequenos flashes das nossas aventuras missionárias nos primeiros dias no Brasil, em tradução livre. Ver referências bibliográficas). Editado em 1961 pela *Nazarene Publishing House* (Casa Nazarena de Publicações, de Kansas City), esse livro traz o relato dos três primeiros casais missionários nos anos iniciais de implantação da nossa denominação no Brasil. Com certeza, muitos nazarenos foram inspirados por esse livro e se lançaram no campo missionário. Outra forma de motivar os irmãos que tinham chamado para missões eram os trabalhos durante os *furloughs*. O próprio rev. Charles e a sra. Joanne Gates foram um dos casais que optaram pelo serviço missionário no Brasil depois de ouvir os testemunhos dos Mostellers durante um dos períodos de *furlough* deles.

Assim que chegavam a Campinas, os novos missionários nazarenos eram encaminhados para a Escola de Línguas, reconhecida no meio evangélico por seus excelentes serviços de ambientação de missionários estrangeiros no Brasil. Essa escola, patrocinada pela Igreja Presbiteriana, foi de extrema importância para os missionários de várias outras denominações, pois era ali onde eles aprendiam sobre os costumes locais, a etiqueta social brasileira, o idioma, etc. As diversas denominações, porém, tinham estratégias próprias para preparar os seus missionários que eram enviados para o Brasil. A maioria das denominações fazia a preparação de seus missionários nos países de origem; outras os preparavam no país de origem, mas deixavam o idioma para ser aprendido no Brasil enquanto trabalhavam no campo missionário; por fim, uma ou outra denominação optava por preparar integralmente os seus missionários em solo brasileiro, numa imersão total e imediata na cultura e eclesiologia locais.

Em 1960, a equipe missionária nazarena foi reforçada com a chegada de dois casais: o rev. Joaquim e sra. Gilhermina Lima, e o

rev. James e sra. Carol Kratz. Os Limas vieram da Argentina, onde já tinham um ministério estabelecido. Por sua vez, os Kratz, que já eram pastores nos Estados Unidos, iriam inicialmente para Cabo Verde, mas eles foram convidados pelo rev. Mosteller para trabalhar no Brasil. Em 1962 chegaram o rev. Robert e sra. Frances Collins. Esses três casais missionários tiveram longevas missões no Brasil. Os Limas trabalharam aqui por 35 anos, os Kratz por 29 anos e os Collins por 36 anos.

Em 1964 começou o processo de renovação. Depois de cinco anos no Brasil, o rev. Ronald e sra. Sarah Denton retornaram para o Uruguai, país onde eles haviam liderado a implantação bem-sucedida da Igreja do Nazareno na década de 1950. Continuaram o seu ministério naquele país de 1965 a 1970 até voltarem para os Estados Unidos. Para suprir o lugar desse casal na equipe missionária, foi enviado ao Brasil o casal rev. Roger e sra. Mary Ann Maze, cujo período missionário foi de nove anos. Depois de um bom intervalo, em 1968 recebemos o reforço do casal rev. Larry e sra. Delores Darlene Clark, que ficaram no país por cinco anos. A década dos anos 60²⁷ terminou com a presença de oito casais missionários e pioneiros.

Os anos 70 presenciaram ministérios de curto, médio e longo prazos. Dois exemplos de períodos curtos, no caso, apenas dois anos, mas nem por isso menos abençoados ou menos produtivos, foram os do rev. Jim e sra. Sara Bond, e do rev. Don e sra. Linda Stamps. Esses dois casais chegaram em 1971 e ficaram até 1972.

Além desses dois casais de missionários americanos, ainda enquanto diretor da missão no Brasil, o rev. Mosteller recebeu três novas famílias pastorais pioneiras: a família do rev. Eudo e sra. Arlinda Tavares de Almeida, no final de 1970, e as famílias do rev.

²⁷ Estamos trabalhando com o conceito de anos 50, 60, 70, etc. Ou seja, os períodos de 1950 a 1959, de 1960 a 1969, de 1970 a 1979, etc.

Antônio e sra. Corsínia Nobre Leite e do rev. Fernando e sra. Maria Tereza de Sá Nogueira em 1972.

Um caso de ministério de médio prazo foi o do rev. Leite, que trabalhou no Brasil sete anos. Sempre arrojado, sentindo que Deus lhe dera uma nova direção ministerial, em 1979 ele decidiu migrar para os Estados Unidos, onde deu continuidade ao seu ministério.

Porém, essa década também testemunhou ministérios de longo prazo. O rev. Eudo pastoreou em Indianópolis e Santo André (SP), principalmente. Aos 65 anos de idade, rejeitando a aposentadoria, foi ministrar nos Estados Unidos, onde fixou ministério e residência a partir de 1990, depois de vinte anos no Brasil. Também trabalhou pelo Reino de Deus na Holanda. Por sua vez, o rev. Sá Nogueira decidiu manter-se no Brasil onde pastoreia a Igreja em Caiçara, Belo Horizonte. Seu ministério aqui soma atualmente 38 anos.

Esses dedicados pastores cabo-verdianos juntaram-se aos missionários norte-americanos para suprir a carência e a pouca experiência dos primeiros pastores nacionais. Com a sua visão voltada para o Reino de Deus, deixaram sua terra natal para ajudar a conquistar o Brasil para Jesus. Juntamente com o rev. José Zito e o rev. Joaquim Lima, formaram a valorosa esquadra cabo-verdiana no Brasil.

O ano de 1973 marcou o final da primeira fase de implantação da denominação nazarena no Brasil. Essa marca se deu justamente no momento em que os Mostellers foram enviados para organizar o trabalho nazareno em Portugal.

Nesse mesmo ano, já sob a liderança do rev. Robert Collins, a equipe missionária recebeu o casal rev. Stephen e sra. Brenda Heap, que estão trabalhando no Brasil há 37 anos, e o casal rev. Rex e sra. Edith Ludwig, que permaneceram no Brasil por 27 anos. Esses dois casais missionários assumiram o lugar dos casais Maze e Clark na equipe missionária e deram prosseguimento à expansão da igreja ainda na década de 70. O casal Heap, por exemplo, iniciou os traba-

lhós na região Nordeste, enquanto que o casal Ludwig organizou a obra no Distrito pioneiro na Região Sul. Os casais Maze e Clark, voltaram para os Estados Unidos também em 1973.

O casal Stamps teve um segundo período missionário no Brasil, de 1980 a 1989, porém, por intermédio da Igreja Assembleia de Deus. No desenvolver do seu ministério, o rev. Don Stamps verificou que “os obreiros necessitavam de uma Bíblia com estudos que os auxiliasse na orientação de seus pensamentos e nas suas pregações”. Tendo em vista suprir esses obreiros brasileiros com material para seus estudos e pregações, a partir de 1981, conforme a orientação do SENHOR, ele elaborou e organizou os comentários de quase toda a Bíblia, começando pelo Novo Testamento. Porém Deus tinha um objetivo mais elevado para esses comentários. Quando o casal retornou definitivamente aos Estados Unidos, eles foram encorajados a concluir as anotações e publicar uma Bíblia completa de estudos com o objetivo de “conduzir o leitor a uma fé perseverante nas Sagradas Escrituras”. Essas anotações fazem parte da Bíblia de Estudo Pentecostal, editada no Brasil desde 1995 pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Sua versão internacional mais famosa é a *NIV Life in the Spirit Study Bible*, editada pela Zondervan nos Estados Unidos. Essa Bíblia já foi traduzida em dezenas de idiomas! Infelizmente, depois de uma árdua batalha contra um câncer muito agressivo, o rev. Don Stamp faleceu, em 7 de novembro de 1991, poucos meses antes da publicação da primeira edição dessa obra.

A equipe missionária nazarena recebeu mais reforços nos anos seguintes. Em 1976 chegaram o rev. Elton e sra. Margaret Wood, cujo tempo ministerial foi de quinze anos à frente do SIBIN. Os Woods já haviam sido companheiros de ministério dos Mostellers em Cabo Verde. Sempre muito identificado com o ministério de ensino e de preparação de novos pastores, o rev. Wood foi o reitor do Seminário Nazareno em Cabo Verde por 28 anos.

A propósito, o casal Wood veio substituir o rev. Floyd e sra. Mary Elizabeth Perkins que chegaram ao Brasil em 1975 vindos da África do Sul. Porém, em 1976 eles tiveram de seguir para os Estados Unidos para tratar da saúde da sra. Mary Elizabeth. Obreiro apaixonado por Deus e por Sua obra, bem como por sua família, seus amigos, as igrejas e os alunos, o rev. Perkins investiu nessas prioridades o seu tempo, o seu dinheiro e a sua energia com grande amor e notória generosidade. Teve a sua experiência de salvação aos cinco anos de idade. Anos mais tarde sentiu o chamado missionário, que foi prioridade em sua vida. Depois de servir à Marinha norte-americana na II Guerra Mundial, casou-se com sra. Mary Elizabeth. Formou-se pela *Northwest Nazarene University*, em Nampa, Idaho, na sequência graduou-se pelo Seminário Teológico Nazareno em Kansas City, Missouri, em 1952, ano em que também foi consagrado reverendo. Ainda nesse mesmo ano, os Perkins iniciaram sua carreira missionária em Moçambique, onde ficaram por três anos. Em 1955 eles foram transferidos para a África do Sul, país que foi seu campo de trabalho até 1967. Depois de doze anos na África do Sul, onde ele dirigiu o Seminário Bíblico Nazareno e obteve o título de doutor pela Universidade de Johannesburg, os Perkins retornaram para pastorear uma igreja e dirigir o Seminário Nazareno de Moçambique, país em que eles ficaram por mais sete anos, até o fim de 1974. Depois do curto período no Brasil (1975-1976) e do restabelecimento da saúde da sra. Mary Elizabeth, os Perkins foram lecionar teologia no Seminário Bíblico Nazareno de Colorado Springs, Colorado. A sra. Mary Elizabeth faleceu em 1983. O rev. Perkins, aposentado desde 1998, morou alguns anos na Casa Robles, na Califórnia, até mudar-se definitivamente para Nampa, em 2005. Foi levado para a glória de Deus pelo nosso Senhor Jesus, em 14 de novembro de 2008, aos 84 anos. Deixou muitos discípulos saudosos em Moçambique, no Brasil e nos Estados Unidos.

O ano de 1979 marcou a chegada de mais dois casais missionários: a do rev. Carl e sra. Shirley Romey, que trabalharam no Brasil por doze anos, e a do rev. Gary e sra. Harriet Bunch, que ficaram por treze anos. Os Bunchs, antes de virem para o Brasil, haviam sido companheiros dos Mostellers em Portugal por quatro anos. A década dos anos 70 terminou com onze famílias pioneiras e missionárias Nazarenas no Brasil.

Por sua vez, os anos 80 testemunharam o declínio no fluxo de missionários nazarenos para o Brasil, pois vieram apenas quatro novos casais missionários. Desses quatro, o rev. Eldon e sra. Lela Kratz, herdeiros do rev. James Kratz, chegaram em 1981 e ficaram por 21 anos. Cumprida a sua missão, retornaram aos Estados Unidos em 2002. Da mesma forma, o rev. Brian e sra. Beryl Adams, que chegaram no mesmo ano, voltaram em 2003 para os Estados Unidos depois de 22 anos no campo missionário brasileiro. O último casal missionário da década foram o rev. Steven e sra. Deborah Hofferbert, que chegaram em 1985. Além de pastorearem, eles serviram no Seminário Teológico Nazareno do Brasil (antigo SIBIN), dirigiram o programa de extensão do Seminário e programas de evangelismo. Depois de oito anos, em 1993 eles retornaram aos Estados Unidos onde, de 1997 a 2003, serviram no Departamento de Missão Mundial. Eles retornariam mais tarde ao Brasil.

Houve também a renovação da equipe por ocasião do retorno da família Gates para os Estados Unidos, em 1982, para assumir uma função no escritório central, depois de 24 anos servindo no Brasil. Para suprir o seu lugar na equipe missionária, vieram o rev. Terry e sra. Donna Read, que anteriormente haviam sido missionários no Haiti por dez anos (de 1972 a 1982). No entanto, os Reads ficaram por apenas cinco anos no Brasil e retornaram para os Estados Unidos em 1987. Essa década também marcou a despedida do querido casal rev. James e Carol Kratz que retornaram aos Estados Unidos em

1989, depois de 29 anos de missões no Brasil. O rev. James Kratz faleceu em 3 de março de 1990 nos Estados Unidos. A década dos anos 80 terminou com treze casais missionários e pioneiros.

Os anos 90 acompanharam a chegada de apenas dois casais missionários. O rev. Jim e a sra. Betty Cooper vieram para complementar a equipe missionária. Porém os Coopers trabalharam pelo curto período de quatro anos e retornaram para dar continuidade ao seu ministério nos Estados Unidos. Por sua vez, o rev. Alfredo e sra. Rute Mulieri, que chegaram em 1999, trabalharam no Brasil até 2007. Um verdadeiro casal binacional, ele argentino e ela brasileira, eles também detêm em seu currículo períodos ministeriais na Venezuela e na Argentina.

Nesses anos 90, retornaram para os Estados Unidos as famílias Romey, Wood, Bunch, Cooper e Collins. Também ocorreu a transferência do rev. Eudo Tavares de Almeida e do rev. Joaquim Lima para os Estados Unidos, onde iniciaram novos ministérios na comunidade de língua portuguesa, em 1990 e 1995, respectivamente. O rev. Denton faleceu em Nashville, Estados Unidos, em 8 de dezembro de 1991. Em 1992 tivemos a aposentadoria do rev. José Zito Oliveira. Por sua vez, o rev. Joaquim Lima, depois de aposentar-se no Brasil em 1995, decidiu morar nos Estados Unidos, onde residia sua filha, Maria Ester. Desejoso em ver o avanço do Reino de Deus, organizou duas igrejas em Framingham e Cambridge, duas cidades próximas a Boston, Massachusetts. O rev. Joaquim Lima faleceu em 1999. A década dos anos 90 terminou com seis casais missionários e pioneiros no campo brasileiro.

Seguindo a tendência de redução de novos missionários, nos anos 2000, a Igreja do Nazareno enviou apenas três casais missionários para o Brasil. O primeiro casal, rev. Will e sra. Cathy Haworth, chegou em 2002. Depois de seis anos de ministério no Nordeste, eles retornaram aos Estados Unidos em junho de 2008. O segundo casal

já era um veterano em terras brasileiras. Em 2004 os Hofferbert foram designados novamente para o campo brasileiro. Desta vez, para trabalhar na implantação da Faculdade Nazarena Brasileira, em Campinas. A redução do contingente de missionários foi marcada mais pelas despedidas do que pelo reduzido número de novos missionários, pois esta década marcou a despedida de cinco famílias: os Ludwig em 2000, os Kratz jr. em 2002, os Adams em 2003, os Mulieri em 2007 e os Haworth em 2008. O rev. Eudo Tavares de Almeida faleceu em Fall River, Massachusetts, em 20 de julho de 2009.

Antes de concluir esses anos 2000, foi nomeado o primeiro casal de missionários globais brasileiros. Trata-se do rev. Manuel e sra. Lídia Lima, que foram designados em 2009 para servir na Amazônia. A exemplo do rev. Eldon Kratz, o rev. Manuel Lima também seguiu os passos de seu pai, rev. Joaquim Lima, ao se consagrar ao ministério missionário no Brasil. Nesse mesmo ano, os Mulieris retornaram para um novo período missionário no Brasil.

Portanto, atualmente há somente cinco casais missionários e pioneiros em atividade no campo brasileiro. Destacam-se o casal Sá Nogueira e o casal Heap com 38 e 37 anos de ministérios ininterruptos no Brasil, respectivamente.

Todo esse conjunto de missionários e pioneiros nazarenos que vieram servir ao Senhor Jesus no Brasil contribuiu com a sua enorme variedade de dons e estilos, além da própria bagagem ministerial e cultural que trouxeram. Observar, interagir e aprender com esses casais e as suas famílias foi decisivo para que a nossa denominação pudesse ser flexível e proativa no evangelismo e no discipulado de homens e mulheres semelhantes a Cristo no Brasil, assim como nas demais nações.

Por sua vez, o atual quadro de missionários nazarenos no Brasil retrata o grau de maturidade da igreja brasileira. Aos 52 anos, já atingiu um ritmo de formação de pastores, evangelistas, líderes e

demais ministros que atendem às suas principais frentes de crescimento local, regional e nacional. Isso permite à Igreja do Nazareno no Brasil abrir mão de missionários globais enviados pelo departamento de Missões Mundiais, de tal forma que esses possam desbravar novas áreas e consolidar o trabalho em áreas mundiais com menos recursos. É o momento oportuno para o Brasil colaborar com os seus próprios missionários globais no esforço de evangelismo mundial da Igreja. “De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10:8b).

Conforme podemos concluir observando o ministério dos Mottellers, ninguém faz nada sozinho. O bom êxito de um líder depende do bom êxito da sua equipe. Os missionários sempre encontraram outras pessoas para formar as suas equipes. Ou eram os nazarenos pioneiros, ou os demais missionários, ou pastores internacionais, ou os pastores e discípulos nacionais, ou os familiares dos missionários. Houve situações em que não havia uma equipe propriamente dita, mas havia ao menos uma dupla: marido e esposa missionários. Cumpria-se, no entanto, a Palavra do SENHOR: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18:20). E onde Jesus está presente, é certo que ocorrem milagres, curas, salvação e santificação.

PERSEVERANÇA. Esta é a principal qualidade pela qual podemos descrever o início deste novo período missionário do casal Mosteller, desta vez para a implantação da denominação nazarena em Portugal. Nessa altura, eles já contavam com 32 anos de ministério. Essa é também a atitude que um líder precisa ter para manter a automotivação, especialmente depois de vários anos de ministério.

Depois do processo de conclusão de seu período missionário no Brasil, por meio do qual eles tiveram a oportunidade de crescer na graça, com um apertado nó na garganta, por deixar o país e o povo que tanto amavam, em 1º de setembro de 1973, os Mostellers chegaram a Lisboa para iniciar oficialmente o trabalho missionário nazareno em Portugal. Convém destacar que eles já estavam com 55 anos de idade, mas o ímpeto era o de jovens!

Lisboa, a capital dos grandes navegadores, é, para os Mostellers, a cidade mais bela do mundo, depois do Rio de Janeiro. A capital portuguesa mantém todo o charme das cidades cen-

tenárias da Europa, algo que naturalmente os Mostellers não conheciam no Novo Mundo, ou seja, nem nos Estados Unidos nem no Brasil. Ruas estreitas e sinuosas nas partes altas da cidade contrastam com a organização das ruas do centro, entre a Praça Dom Pedro IV e a Praça do Comércio, área onde se podem conhecer os principais marcos arquitetônicos e urbanísticos que marcaram a reconstrução da cidade após o avassalador terremoto de 1755. Da Praça do Comércio, a realeza portuguesa costumava embarcar para as suas viagens ou os passeios a barco pelo Rio Tejo. Por falar em passeio pelo Tejo, na margem do outro lado do rio, no cais de Almada, tem-se uma belíssima vista da graciosa Lisboa ao pôr do sol.

Realmente pareciam muitos anos desde a primeira vez que pisaram em Lisboa a caminho de Cabo Verde. A lembrança também trazia algumas histórias. Nos idos da década de 1940, todos os viajantes americanos notavam que era impossível encontrar uma garrafa de Coca-Cola em Portugal. O motivo, que tem um toque de lenda, é que o então ditador português Antonio Salazar impediu por muitos anos a entrada dessa fábrica em Portugal. Alguns saudosistas dizem que nem mesmo os franceses conseguiram igual façanha de resistência ao capitalismo norte-americano!

O primeiro-ministro Antonio Salazar governou Portugal no longo período entre 1932 e 1968. Porém, sua herança política, a ditadura do Estado Novo, perdurou até 1974. Como consequência desse Estado autoritário, ainda no início da década de 1970, quando os missionários chegaram a Lisboa para organizar o trabalho nazareno, eram proibidas quaisquer reuniões com mais de 25 pessoas sem a permissão das autoridades. Podemos dizer então que, até se fixarem definitivamente em Portugal, os Mostellers tiveram de conviver, de alguma forma, com governos ditatoriais. Não seria nada demais, depois de doze anos de ditadura em Cabo Verde e de quase nove anos de ditadura também no Brasil.

O fato de ser um país costeiro do Atlântico Norte favoreceu as expedições comerciais e exploratórias portuguesas. Isso proporcionou a transformação daquele pequeno país em uma grande potência naval e comercial. Durante o período dos grandes descobrimentos nos séculos XV e XVI, capitaneados principalmente pelos intrépidos navegadores Bartolomeu Dias, Fernando de Magalhães, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama, Lisboa tornou-se uma das principais metrópoles europeias. O território conquistado por Portugal, na África e na Ásia, portanto sem contar o Brasil, correspondia a 23 vezes o seu próprio território! A riqueza do comércio marítimo e das colônias permitiu o seu florescimento cultural. Inúmeras obras arquitetônicas foram implementadas e ainda hoje testificam desse tempo glorioso. Portugal tornou-se uma nação presença mundial. Suas vozes podiam ser ouvidas nos confins da América, da África e da Ásia.

Os portugueses haviam convivido por séculos com o regime autoritário do Império até que em 1910 houve a proclamação da República. Essa, por sua vez, sofreu de grave instabilidade política, inclusive em decorrência da I Guerra Mundial, que assolou a Europa entre 1914 e 1918. Apesar de tumultuado pela sucessão de vários governantes em tão pouco tempo, esse período permitiu o surgimento de inovações legislativas no campo do ensino e na inclusão do povo nas discussões políticas. O Governo Provisório da República Parlamentar Portuguesa perdurou até maio de 1926, quando, por intermédio de um golpe de Estado, instalou-se a Ditadura Nacional (mais tarde chamada de Estado Novo). Portanto, antes da ditadura, Portugal havia desfrutado de um brevíssimo e muito conturbado período de apenas dezesseis anos de democracia. Portugal também não escapou ileso da II Guerra Mundial, que arrasou todo o continente europeu entre 1939 e 1945. Por todas as nações europeias, a imagem das suas principais cidades era de miséria e desolação. As pessoas estavam desesperançadas; as nações, exauridas.

Além de tudo isso, durante o Estado Novo, Portugal foi arrastado por seus políticos para uma situação de profundo subdesenvolvimento. Agravou a situação portuguesa a veemente, porém infrutífera, defesa da posse das suas colônias, herança dos áureos tempos dos grandes descobrimentos ultramarinos.

Salazar resistiu o quanto pôde para não emancipar essas colônias. O principal motivo era o econômico. Desde a sua fundação, e especialmente sob a influência dos fenícios por volta de 1200 a.C., Lisboa se especializou em ser um posto comercial, portanto, sem vocação para a economia industrial de larga escala. No decorrer dos séculos, seu incipiente parque industrial, pouco competitivo no cenário europeu, contava com as suas colônias para atuarem ao mesmo tempo tanto como fornecedoras de matérias-primas de baixo custo, que eram reexportadas para a Europa, quanto de mercado consumidor dos seus poucos produtos industrializados. Isso favoreceu a concentração da riqueza nas mãos da elite e aumentou a desigualdade material dentro da nação portuguesa. O empobrecimento da população²⁸ foi um terrível legado do governo Salazar. Outro problema sério era o índice de 32% de analfabetos (na década de 1960).

Na virada da década de 1960 para a de 1970, Portugal enfrentou o seu próprio “Vietnam”. O Estado gastava boa parte do seu orçamento para financiar as guerras contra as rebeliões em suas colônias africanas. A defesa desses territórios foi muito dispendiosa e sangrenta. Cerca de onze mil soldados portugueses tombaram no campo por uma batalha (considerada pelos estudiosos como) inútil. Para piorar a situação, em 1973, Portugal foi atingido pela primeira crise do petróleo, que elevou consideravelmente os preços dos combustíveis e que foi repassada para toda a cadeia produtiva mundial. Essa crise apenou com mais rigor as nações mais pobres.

²⁸ Em 1960, a renda *per capita* portuguesa era de apenas 160 dólares [a americana era de 1.450 dólares].

Até o fim, o governo do Estado Novo foi caracterizado por um rigoroso clericalismo (mais de 90% da população era católica), corporativismo, subdesenvolvimento rural, censura da imprensa e forte atuação da polícia secreta.

Porém, em 25 de abril de 1974, os militares tomaram o poder com o intuito de democratizar, descolonizar e promover a reforma agrária em Portugal. Parece que era esse justamente o anseio do povo, pois uma semana depois do golpe, um milhão de pessoas reuniram-se em Lisboa no dia do trabalhador para celebrar jubilosamente sua adesão ao movimento. A nação via que a esperança por paz, mudanças políticas e liberdade estava se concretizando. Em 1975 elegeu-se uma Assembleia Constituinte e iniciaram-se as emancipações das colônias. O ano de 1976 marcou a passagem do governo dos militares para os civis, além da promulgação da nova Constituição Portuguesa que, de certa forma, trouxe alguma liberdade religiosa. Alguns governos de ex-colônias, reconhecendo a importância da sua população evangélica, determinaram que haveria igualdade de tratamento entre a Igreja Católica e as denominações protestantes, principalmente quanto ao pagamento de tributos e isenções de taxas. Felizmente, os Mostellers chegaram a Lisboa no ocaso da ditadura e no início de uma nova fase para a nação portuguesa.

Por outro lado, essa reviravolta política, mais conhecida como a Revolução dos Cravos, propiciou uma imigração em massa das colônias, o que provocou sérios problemas socioeconômicos em Portugal. Seguiram-se anos de alta taxa de desemprego e baixo nível de consumo. Somente a partir de 1985, quando foi admitido na União Europeia²⁹ e passou a receber maciços investimentos externos, Portugal iniciou a sua jornada para deixar de ser uma nação essencialmente agrícola para se aproximar do padrão econômico dos seus vizinhos

²⁹ À época, era chamada de Comunidade Europeia.

continentais. Dizem que, definitivamente, Portugal havia saído da África e entrado na Europa. Portugal, Itália (em certa medida), Grécia e Espanha formavam o bloco de países pobres e agrícolas da Comunidade Europeia, o que exigiu, além dos investimentos, a concessão de subsídios para viabilizar a exportação de seus produtos agrícolas durante anos.

Do ponto de vista religioso, Portugal ainda era muito dependente do catolicismo que durante séculos foi o principal agente difusor de educação e de cultura no país, tanto para as populações rurais quanto para as elites urbanas. O catolicismo, ao direcionar e disciplinar os estudos acadêmicos dos vocacionados para o clero, também instituiu, ao lado dos grandes mosteiros e catedrais, escolas que beneficiaram a sociedade como um todo. Alguns historiadores creditam ao catolicismo o principal fator de coesão que colaborou decisivamente para o estabelecimento do Estado português e para a identidade nacional.

Na década de 1970, havia uma forte presença clerical ao norte de Portugal, região montanhosa de perfil agrário e com pequenas cidades, onde havia um sacerdote para cada grupo de 500 pessoas, em média. Por outro lado, no sul do país, região com cidades mais cosmopolitas e clima mediterrâneo, a densidade populacional fazia que a razão fosse de um sacerdote para 4.500 pessoas. Isso implica dizer que na região norte havia forte resistência à entrada das denominações evangélicas. (Até os sindicatos e os camponeses enfrentavam oposição, quando suas propostas não estavam alinhadas ao interesse do clero local.) Por outro lado, na região sul eram encontradas condições mais favoráveis ao evangelismo.

Por ser a metrópole de suas colônias, Portugal recebia constantemente imigrantes que buscavam melhores condições de vida em Lisboa. Aos poucos vieram também irmãos nazarenos. Eles se encontravam constantemente para manter os laços com a família da fé.

Sob a liderança do Pastor João Filipe Gonçalves, esse grupo, autointitulado “embaixadores nazarenos”, solicitou ao escritório central em Kansas City o envio de missionários para organizar o trabalho.

Visando a prover o cuidado pastoral para esses nazarenos, em janeiro de 1973 a Junta Geral decidiu definitivamente organizar o trabalho em Portugal. Ao analisar os possíveis missionários, logo o casal Mosteller, com 32 anos de ministério, dos quais 27 em missões em países de língua portuguesa, foi lembrado para mais uma tarefa pioneira. Havia experiência e sabedoria mais do que suficiente nesse casal. De fato, não havia outro casal missionário tão bem-qualificado para essa missão!

Portanto, o estabelecimento da denominação nazarena em Portugal, sem prejuízo da principal motivação evangelística de ganhar as nações para Cristo, deveu-se principalmente à necessidade de prover pastoreio aos irmãos oriundos de diversas igrejas nazarenas de países de língua portuguesa que, tendo emigrado de seus países de origem, àquela altura, residiam em Lisboa.

Sem uma explicação que os anos trataram de velar definitivamente, as missões nazarenas privilegiaram as colônias portuguesas em detrimento da pátria mãe. A bem da verdade, desde as décadas de 1920 e 1930 alguns missionários foram enviados a Portugal, porém no intuito de somente aprender o idioma, tendo em vista missões subsequentes nas colônias portuguesas. Porém, mais do que aprender um novo idioma, os missionários aprenderam a conquistar os portugueses, gente amável, de largo coração e fé genuína. Assim, muitos contatos foram feitos e se tornaram um verdadeiro acervo evangelístico. (Até antes do reconhecimento oficial, havia cerca de 3.000 pessoas contatadas simpáticas ao evangelho, indicadas em sua maioria por nazarenos oriundos de Cabo Verde, Moçambique e de outras ex-colônias que moravam em Lisboa.) Os missionários se perguntavam: quando o escritório central iniciará a obra em Portugal?

O uso de Portugal apenas como meio de aprendizagem linguística pode ser exemplificado por vários casais missionários que passaram por Portugal com destino às suas colônias. Foi o caso do casal rev. Charles e sra. Pearl Mae Jenkins, que serviram em Moçambique (de 1922 a 1943) e em Cabo Verde (de 1944 a 1948), além de servir também em Suazilândia, Barbados e África do Sul; também foi o caso do casal rev. Everette e sra. Garnet Howard, que serviram em Cabo Verde (de 1935 a 1951); também foi o caso do casal rev. Willian e sra. Juanita Moon, que serviram em Moçambique (de 1956 a 1963, e novamente a partir de 1986) e Suazilândia. Quanto ao casal Mosteller, eles já haviam aprendido o idioma em New Bedford, ainda nos Estados Unidos, e fizeram apenas uma escala rumo a Cabo Verde. Também estudaram em Lisboa os casais missionários: Stroud, Srader, Friberg, Henck, Wood, Eades, Gay, Doll, Schultz, Thorpe, Benedict (um ou outro ainda solteiro, na época).

Em 1º de setembro de 1973, dezoito daqueles “embaixadores nazarenos” promoveram uma calorosa recepção ao casal Mosteller no aeroporto de Lisboa. Era chegada o casal missionário que, enfim, organizaria a denominação naquele País. Não haveria mais o risco de perderem os irmãos nazarenos para outras denominações ou, pior, para o mundo por falta de pastores. Para os Mostellers, tal demonstração de amor e carinho reforçou a certeza de que o Senhor Jesus efetivamente estava abençoando esta obra. Essa certeza foi logo reforçada, pois no dia seguinte ocorreu um culto na casa de uma das irmãs embaixadoras nazarenas. A casa estava superlotada!

Logo, porém, os Mostellers se lembraram que há poucos anos, na verdade no verão de 1970, durante uma breve escala em Lisboa, eles visitaram a irmã Idalina Ferreira, que estava hospitalizada. Ao recebê-los, ela lhes perguntou imediatamente: “Quando nossa igreja virá para Portugal?”. Durante aquela escala, há poucos minutos antes de zarpar, eles receberam a visita de mais três nazarenos que lhes

fizeram a mesma pergunta. Na ocasião, o rev. Mosteller disse à sra. Gladys: “A Igreja do Nazareno não pode demorar mais para vir para Portugal!”. Seus corações missionários foram tocados por Deus de uma forma especial quanto à necessidade de os nazarenos receberem o adequado cuidado pastoral em Portugal.

Também se lembraram como Deus os surpreendeu com algumas ironias da vida missionária. Ocorreu que, logo que chegaram de volta ao Brasil em 1970, os Mostellers, sentindo certa responsabilidade por fazer algo em resposta à pergunta da irmã Idalina, escreveram ao superintendente-geral com jurisdição sobre o Brasil relatando a urgente necessidade de envio de missionários para Portugal, não apenas para aprender o idioma, mas para organizar a igreja. Eles tomaram essa providência não apenas por obrigação, mas por amor; não apenas formalmente, mas calorosamente.

Os Mostellers chegaram a sugerir ao superintendente-geral, dr. George Coulter, que por muitos anos fora secretário executivo do Departamento de Missões Mundiais e com quem desfrutavam de longa amizade, que outros missionários que também falavam o português pudessem ser enviados para Portugal. Evidentemente, naquela altura, a mente e o coração dos Mostellers estavam no Brasil. Jamais poderiam imaginar que eles seriam justamente os escolhidos!

O dr. George Coulter, com o seu elegante humor irlandês, lhes respondeu alguns meses mais tarde: “Parece que os advogados de Portugal [os Mostellers] beijaram a pedra de Blarney”. Isso foi uma alusão a um ditado popular irlandês que se refere a uma certa pedra do Castelo Blarney, na Irlanda, que – segundo a lenda – concede singular capacidade de eloquência e persuasão àquele que a beijar. De certo, alguma coisa estava acontecendo no escritório central com relação ao estabelecimento da denominação em Portugal, como de fato acontecia então, pois os Mostellers foram a primeira e a melhor opção de missionários para essa tarefa.

Ainda nos últimos meses de 1973, os “embaixadores nazarenos” e os missionários formaram uma comunidade itinerante que se reunia nas casas uns dos outros. Por isso, os cultos mudavam de local a cada semana, o que dificultava a divulgação e limitava o número de convidados. Sem tempo a perder, fixaram as reuniões no apartamento dos Mostellers, que ficava próximo ao belíssimo Parque Eduardo VII, de onde se tem uma maravilhosa vista de Lisboa. Aos cultos de domingo à tarde, seguiram-se as reuniões de oração às quartas-feiras à noite. Antes do final do ano, chegaram a reunir mais de cinquenta pessoas no apartamento. Porém, de acordo com as leis ditatoriais vigentes, isso era totalmente ilegal!

Sentindo-se tal qual um sapinho numa grande piscina, o rev. Mosteller se perguntava: “Como poderemos atrair a atenção dos portugueses para o Evangelho?” Não vai adiantar muita coisa cantar, no caso, pregar, sozinho! Subitamente os Mostellers viram-se diante de dois grandes desafios para deixar de ser um sapinho. O primeiro era providenciar um local de reuniões para os nazarenos; e o segundo, legalizar a Igreja do Nazareno em Portugal, pois a igreja não poderia comprar (ou mesmo alugar) qualquer propriedade sem estar legalizada. Quanto a essa questão, registre-se que, para ser reconhecida, a denominação deveria ter centenas de adeptos. Como conseguir isso, se qualquer reunião com mais de 25 pessoas seria ilegal?

Pela graça abundante do Senhor Jesus, o primeiro problema foi logo solucionado, o que viabilizou alcançar a membresia mínima para a legalização. Tratou-se, na verdade, de uma das graciosas provas de amor e providência que Deus apresentou aos Mostellers para confirmar o ministério deles em Portugal. No afã de iniciar as reuniões da igreja, procuraram por um local adequado, mas tudo era ou muito pequeno, ou muito caro, ou muito mal localizado. O primeiro templo deveria ter capacidade para acomodar entre cem e duzentas pessoas, sob pena de as pessoas julgarem que a Igreja do Nazareno

não pretenderia nada de muito significativo naquela terra. Alguns dos irmãos originários de Cabo Verde converteram-se em grandes igrejas com a presença de duzentas, quinhentas ou mais pessoas nos seus cultos regulares. Por fim, encontraram um galpão em forma de “L”, com dois andares, que poderia ser útil. Porém, custaria toda a verba missionária. Além disso, para comprá-lo a Igreja do Nazareno já deveria estar legalizada, nos termos da legislação portuguesa. Frustrado com essa busca estéril e com tantas dificuldades, o rev. Mosteller ouviu de sua sábia esposa um conselho que mudaria o rumo do trabalho em Lisboa: “por que você não compartilha seu problema com o pr. José Ilídio Freire?”

Esse servo de Deus tornara-se amigo dos Mostellers há 27 anos, ocasião em que eles ficaram por algumas semanas em Lisboa, enquanto aguardavam o navio que os levaria a Cabo Verde. O pr. Freire, além de organizar várias igrejas, era o presidente da Junta de Anciãos da Igreja dos Irmãos (que também é conhecida como Igreja Cristã Evangélica em Portugal). Essa denominação evangélica era reconhecida oficialmente há muito pelo governo português. Um de seus templos ficava no famoso Largo do Rato, próximo ao verdejante Jardim das Amoreiras. Depois de relatar seu drama, o rev. Mosteller perguntou-lhe se seria possível os nazarenos usarem o templo da Igreja dos Irmãos nos horários vagos.

Na reunião administrativa da Igreja dos Irmãos, ao deliberar sobre esse assunto, um dos anciãos, após saber que o pedido fora feito pelo rev. Mosteller, testemunhou com grata alegria que, anos antes, o rev. Mosteller foi convidado para pregar naquela Igreja. Em decorrência da mensagem, várias pessoas se converteram, inclusive dois jovens que se tornariam seus genros anos depois. Sentindo que em tudo Deus estava conduzindo as tratativas entre as duas denominações, de imediato ele propôs aos demais anciãos que fosse atendido o pedido do missionário nazareno e fez a moção para que a

Igreja dos Irmãos permitisse que a Igreja do Nazareno utilizasse o seu templo, nos horários vagos, até que a denominação fosse legalizada. Os Irmãos cederam alguns horários para os nazarenos aos sábados e domingos à tarde, às terças ao meio-dia e às quintas à noite. Com um bom local para as suas reuniões e trabalho árduo, os nazarenos alcançaram a média de 100 pessoas nos cultos dominicais em pouco tempo. Essa parceria, uma verdadeira bênção para os nazarenos, durou por mais de três anos. Como retribuição, os nazarenos pagavam apenas os custos de energia e limpeza do templo. Também fizeram serviços de pintura e troca de carpetes antes de deixarem o local. Esse é um claro exemplo de como Deus trabalha a favor de sua obra com muito tempo de antecedência!

Enquanto estavam ocupados com os problemas de local e de legalização, outra questão estratégica lhes exigia constante atenção: como tornar a Igreja do Nazareno conhecida em Lisboa? Logo vieram à mente as estratégias bem-sucedidas em Cabo Verde e no Brasil, tais quais o campeonato de futebol em Cabo Verde e o uso de anúncios e artigos nos jornais no Brasil. Porém, a estratégia que realmente teve viabilidade foi a dos cartões postais, por meio dos quais as pessoas eram convidadas a baixo custo. Ao longo dos anos, a lista de contatos do rev. Mosteller chegou aos cinco mil nomes!

O rev. Mosteller ainda achava que teria mais repercussão utilizando-se a mídia impressa. Ele chegou a traçar um plano estratégico para angariar a simpatia dos editores dos jornais, mostrando a eles fotos de autoridades brasileiras lendo os respectivos jornais, numa cortesia nazarena. Entretanto, esses e outros planos não puderam ser postos em prática. Logo ele entendeu que o propósito de Deus era outro, pois a estratégia que dá certo em uma cidade ou em um país pode não ser tão eficiente em outra ou, ainda, o que dá certo em uma época pode não render frutos em outra época; quanto mais em se tratando de países e culturas tão diferentes. Outras razões, só o tempo

nos ajuda a compreender. Com a eclosão da Revolução dos Cravos em abril 1974, os americanos passaram a ser rejeitados pelas novas autoridades portuguesas, da mesma forma que foram tratadas as pessoas ligadas às antigas autoridades ou à ditadura do Estado Novo. Algumas empresas americanas e estrangeiras, tais quais a Mobil Oil e a Reader's Digest, foram hostilizadas e tiveram as suas instalações depredadas. Se os missionários fossem fotografados juntamente com as autoridades depostas, certamente sua naturalidade americana seria conhecida e eles seriam contados como colaboradores dos que foram depostos. De uma maneira sutil, o nosso Senhor Jesus livrou os Mostellers de ser perseguidos ou enredados pela revolução.

É importante notar que os Mostellers eram frequentemente confundidos com europeus de outros países. A simpática sra. Gladys era considerada por muitos vizinhos uma francesa ou italiana. O rev. Mosteller, por causa da sua altura e porte aristocrático, era tido como alemão ou inglês. Por sua vez, o sotaque e o linguajar cabo-verdiano faziam que passassem despercebidos no dia a dia, tal a facilidade com que se tornavam iguais aos lusitanos imediatamente. Nem mesmo o eventual sotaque e vocabulário brasileiros lhes causavam problemas, pois era comum a presença de brasileiros no ambiente cosmopolita de Lisboa. Considera-se que essas características também foram cruciais na escolha deles (por Deus) para esse trabalho em Portugal justamente nessa época, pois isso os protegeu de sofrer retaliações por ser norte-americanos. Mais uma evidência do trabalho antecipado que Deus faz em favor de sua obra.

Todos os civis foram surpreendidos no dia 25 de abril de 1974. Não havia água nas torneiras, nem energia elétrica, nem telefones funcionando; da mesma forma, não havia ônibus, trens ou bondes circulando pelas ruas. Imaginando que alguma notícia que explicaria tal situação inusitada poderia ter sido publicada nos jornais, o rev. Mosteller desceu do seu apartamento com a intenção de comprar o

jornal do dia. Ao abrir a portaria do edifício, foi recepcionado por um soldado fortemente armado que lhe ordenou que voltasse para a sua residência e ficasse lá até que fosse permitido sair. De volta ao apartamento, foi possível ver toda a região tomada por soldados. Algumas ruas estavam bloqueadas com carros comuns tombados pelos soldados. Intensas ações militares estavam acontecendo justamente no bairro onde eles moravam! Na verdade, os militares haviam dado o golpe de Estado durante a madrugada. Várias autoridades políticas do Estado Novo foram presas. Noticiaram grande número de invasões a casas, empresas e universidades.

Em uma certa madrugada, por volta das três horas, o som da campanha acordou os Mostellers com um grande susto. Era o verão de 1975, praticamente um ano depois da revolução, mas ainda permanecia todo aquele clima de apreensão político-militar. Com inúmeras notícias de pessoas sendo surpreendidas em suas casas e presas pelo exército, o susto logo se transformou em temor. Seriam os revolucionários? A polícia? Alguém estaria passando mal, seria uma emergência médica? Estariam perseguindo os americanos? Enfim, muitos pensamentos passaram pela mente deles. Porém, a firme certeza da salvação e do serviço cumprido lhes trouxe paz imediata.

Como a campanha insistia em soar, o rev. Mosteller, desceu até a portaria do edifício e, percebendo que a luz do lado de fora estava acesa, aproximou-se silenciosamente da porta para observar pelo olho-mágico. Novo susto, desta vez por perceber que eram várias pessoas; nenhuma conhecida. Outra olhada, mais cuidadosa, não identificou uniformes ou armas, mas também não lhe deu nenhuma certeza de ser amigos. E agora? Apreensivo de que aquela movimentação diante da portaria poderia acordar os demais vizinhos ou gerar confusão no edifício, ele decidiu arriscar.

Aberta a porta, uma surpresa. Alguém perguntou: “O senhor é o rev. Mosteller? Desculpe acordá-lo a esta hora, mas acabamos de

chegar de Moçambique. Somos irmãos em Cristo. Depois que os irmãos Armand Doll e Hugh Friberg [missionários nazarenos] foram presos, assumimos o trabalho³⁰. Agora estamos aqui!”

Os Mostellers os acolheram fraternalmente e ouviram as suas histórias. Na verdade, o grupo já havia comprado as respectivas passagens para Lisboa há um bom tempo, exceto o pr. Eduardo Mexieira, que também havia servido como enfermeiro militar. Avisado por um amigo que havia frequentado a igreja, ele embarcou às pressas no avião junto com aqueles irmãos, que fugiam da longa guerra civil em Moçambique. Não sabia do quê, mas agora ele também estava fugindo. A batalha dele, porém, era outra. Durante seu tempo de serviço militar, na enfermaria, ele levou cerca de setenta oficiais e soldados a Cristo. Alguns tiveram apenas poucas horas de vida após a salvação. Deus o trouxera para um campo de batalha pacífica, Lisboa, para continuar com a mesma missão: levar a salvação aos perdidos.

O rev. Mosteller, então, alistou-o em sua equipe ministerial e cuidou do seu desenvolvimento. Posteriormente, ele se graduou pelo Seminário Bíblico Nazareno da Europa, onde era conhecido não apenas por sua elegância, mas por sua habilidade com pinturas de quadros. De volta a Lisboa, ele e a sua esposa, sra. Ana Maria, foram designados para iniciar os trabalhos em Paço d’Arcos, cidade próxima a Lisboa.

Assim que o ambiente político se acalmou, meses depois, foi possível contar com a ajuda de grupos de jovens missionários. Por incrível que pareça, ao contrário das empresas multinacionais, os jovens americanos eram bem-vindos. Os irmãos da Missão Estudantil Internacional foram tremendamente usados por Deus para cooperar

³⁰ Os missionários Hugh Friberg e Armand Doll foram presos sob acusações falsas de serem agentes da CIA atuando em Moçambique. Debaxo de muita oração e da intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU), eles foram libertados depois de oito meses e depois de um ano, respectivamente.

com o nascente trabalho nazareno em Lisboa por três verões. Pregando, cantando e testemunhando eles cooperaram com o avanço do Reino de Deus em Lisboa. Um desses grupos chegou a ser afrontado por estudantes comunistas, mas por fim não foi nada além de uma discussão de estudantes. Na comemoração do Ano Internacional da Criança, os irmãos da Missão Estudantil desenvolveram seu trabalho missionário com foco nas crianças. O resultado foi maravilhoso.

Nessa época, começou mais um período de bênçãos para os Mostellers. No final de 1974, nasceu o primeiro neto, Lincoln. A sra. Gladys não resistiu e viajou aos Estados Unidos para ajudar a sua filha Kathleen nas tarefas que a maternidade impõe às mães de primeira viagem. Os demais netos nasceram nos seguintes anos: Krystal em 1978, Peter em 1984, Stephanie em 1986 e Seth em 1988.

Ainda contando com a colaboração de estudantes, os Mostellers receberam em 1975 o jovem Paul R. Phillips. Durante várias semanas, ele foi o braço direito dos Mostellers em Lisboa. Atualmente, o rev. Paul R. Phillips é o pastor titular da Igreja do Nazareno em Sobradinho.

Quanto à legalização da denominação, foram necessários mais de dois anos até que em 5 de janeiro de 1976 ela foi oficialmente reconhecida pelo governo português nestes termos, publicados na imprensa oficial: “comunico a todos que, ao quinto dia de janeiro de 1976, por ordem de Sua Excelência o senhor Ministro da Justiça, foi autorizado o reconhecimento da Igreja do Nazareno, sendo anotado nos registros do Ministério da Justiça”. Esse reconhecimento governamental era indispensável para que a denominação pudesse adquirir suas propriedades, fazer anúncios públicos, distribuir literatura e transmitir programas de rádio, por exemplo. Esse reconhecimento também poderia ser estendido para as ex-colônias, que estavam em fase de emancipação. Fato histórico, essa foi a primeira legalização de uma denominação evangélica em Portugal após a revolução!

Fundamental para essa legalização foi o trabalho do pr. João Felipe Gonçalves e dos “embaixadores nazarenos” que conseguiram mais de 500 assinaturas de apoio de amigos, parentes e irmãos de outras denominações para formalizar o pedido de legalização.

Já tendo a autorização e o reconhecimento oficiais, foi organizada a primeira igreja em Lisboa. Seu primeiro pastor nacional foi o rev. José Delgado, natural de Cabo Verde, onde fora batizado ainda na sua adolescência pelo próprio rev. Mosteller. Naquela altura, a igreja contava com dezenas de pessoas listadas como membresia prospectiva e ainda se reunia no templo da Igreja dos Irmãos. Mas logo estaria de mudança.

Em gratidão à Igreja dos Irmãos, a primeira Assembleia Distrital de Portugal foi realizada no templo daquela Igreja, em 10 de maio de 1976. Na ocasião foi feita uma menção honrosa à Igreja dos Irmãos e foram apresentados os agradecimentos oficiais da Igreja do Nazareno aos Irmãos. Com essa Assembleia, concluiu-se a frutífera parceria para a instalação da denominação nazarena em Lisboa. O rev. Mosteller foi nomeado superintendente e diretor da Missão em Portugal. Algumas semanas depois da Assembleia, teve início o primeiro *furlough* para os Mostellers depois de estabelecidos em Portugal.

Apesar de contar com bom número de nazarenos e de alguns pastores vindos das colônias portuguesas, logo o rev. Mosteller constatou a necessidade de formar pastores portugueses imediatamente.

Tendo em vista que não dispunha de condições para implementar, naquele momento, um seminário em Lisboa, o rev. Mosteller, aconselhado por alguns líderes do escritório central, enviou os irmãos que manifestaram o chamado pastoral para estudar no Seminário Bíblico Nazareno da Europa (*European Nazarene Bible College*), que fica na Suíça. Não foi uma opção barata, pois estudar naquele país implicava altos custos para uma igreja que apenas começava a se organizar em Portugal.

Ocorre, porém, que não seria prudente encaminhar esses irmãos para o SIBIN, em Campinas, uma das alternativas para a preparação dos novos pastores portugueses, o que também não seria barato. Considerou-se que esse convívio poderia colocar a incipiente liderança pastoral nazarena portuguesa em contato com alguns nazarenos no Brasil que porventura ainda estivessem se envolvendo com a questão dos dons espirituais (especialmente o de línguas) e de sua forma heterodoxa de manifestação. Prevaleceu a questão lógica da necessidade de integração dos nazarenos portugueses na comunidade nazarena europeia.

Diante disso, no início de 1977, os cinco primeiros seminaristas portugueses foram enviados para a Suíça, dois casais e um jovem solteiro. Em 1978, mais um casal e uma seminarista foram encaminhados para a Suíça. As contribuições para o Seminário Bíblico Nazareno da Europa na Suíça passaram de 2% para 5% da arrecadação mensal de cada igreja do Distrito, a partir de 1978. Somente em 1981 esse percentual foi reduzido para 3%. Em 1979 e 1980 foram estudar na Suíça mais um e três irmãos, respectivamente.

Além do custo, outro problema era mais difícil de ser superado. Tratava-se da falta de prática ministerial por parte desses irmãos durante o período de estudos. A decisão de ter um seminário próximo ao campo evangelístico já havia provado, em Cabo Verde e no Brasil, que era uma estratégia de sucesso. Os seminaristas portugueses que foram enviados à Suíça receberam uma excelente educação teológica, mas, devido à distância de Portugal, ao idioma local (alemão, com aulas em inglês) e à cultura do povo suíço (mais introspectivo que o povo latino), ficou uma lacuna na prática ministerial.

O envio dos seminaristas para a Suíça também provocou outro tipo de lacuna, desta vez nas próprias igrejas e congregações, pois esses seminaristas eram justamente os irmãos com chamado ministerial e que estavam no auge da motivação para o serviço cristão.

Ademais, esses irmãos já eram líderes naturais em suas respectivas congregações. Ciente da necessidade de complementar a formação pastoral dos seminaristas, sempre que eles voltavam a Portugal nos seus períodos de férias acadêmicas, o rev. Mosteller os envolvia totalmente nas tarefas eclesiais e de evangelismo. Uma das estratégias adotadas foi a pesquisa “O que você pensa sobre Jesus?” Essa pesquisa era feita nas ruas próximas às nossas igrejas.

Enquanto os seminaristas pesquisavam, o próprio rev. Mosteller saía a campo. Perdeu-se a conta de quantos motoristas de táxi foram evangelizados e salvos, ainda que as viagens de táxi fossem um pouco mais longas e demoradas do que o necessário. Era custoso para o bolso, mas agradável para Deus.

Não obstante, o Senhor Jesus enviava obreiros já preparados e experientes para ajudar os missionários. Foi assim com o rev. Gabriel Rosário. Ele fora batizado pelo rev. Mosteller há poucos dias antes de sua partida para a missão no Brasil, ou seja, em 1958, em Cabo Verde. Na época, Gabriel era apenas um jovem recém-convertido. Ele era considerado um rapaz bom e religioso, mas a sua melhor experiência espiritual antes de se converter foram os anos em que ele ajudou na paróquia na função de coroinha³¹. Porém, ele fora evangelizado e havia entregado a sua vida ao SENHOR, decidindo servi-lo genuinamente. Ele começou o seu ministério logo nos primeiros meses de convertido. Uma de suas primeiras tarefas foi carregar o pesado acordeão da equipe de evangelismo nos seus trabalhos pela ilha do Sal. Todo esse esforço não foi em vão, pois, além de carregar, ele aprendeu a tocar o acordeão e outros instrumentos musicais. Dez anos depois do seu batismo, ele formou-se pelo Seminário Nazareno de Cabo Verde juntamente com a sua esposa, sra. Elisete (em 1968), e assumiu o pastorado de uma igreja.

³¹ A função de coroinha geralmente é realizada por garotos que auxiliam o sacerdote durante as celebrações das missas.

Quinze anos depois daquele batismo, houve um reencontro em Lisboa. O rev. Mosteller estava ali para abrir uma nova fase ministerial e o rev. Gabriel Rosário, para abrir uma nova carreira, pois desejava se tornar advogado. Depois da ministração pastoral, eles oraram e pediram a direção de Deus. O rev. Gabriel Rosário, então, reafirmou a sua consagração ao SENHOR e se dispôs a juntar forças para estabelecer o ministério nazareno em Portugal, o que ele fez de forma resoluta e muito produtiva.

Com a ajuda rev. Gabriel Rosário e de sua família, além do trabalho árduo, aos poucos, a congregação de Lisboa equilibrava o número de nazarenos cabo-verdianos e de nazarenos europeus. Posteriormente a família Rosário também foi enviada para o Seminário Nazareno Europeu na Suíça e, na sequência, para o Seminário Britânico (*Nazarene Theological College*) em Manchester, Inglaterra, para aprimorar seus conhecimentos teológicos e o domínio do idioma inglês. Novamente estabelecidos em Portugal, o rev. Gabriel Rosário e a sua família foram enviados diretamente para Coimbra, para assumir o pastorado. Tão perto de uma das melhores universidades da Europa, mas longe do seu grande sonho acadêmico! O rev. Gabriel Rosário adiantou seu curso de Direito, mas não o concluiu, aguardando tempo mais oportuno. Ocorreu que a sua prioridade foram os trabalhos da igreja. Sem o diploma, não se envolveu na carreira de advogado, mas sempre utilizou os seus conhecimentos jurídicos para ajudar os irmãos, a igreja e os amigos.

Uma de suas primeiras ações pastorais foi uma campanha evangelística. Logo na primeira semana de campanha em Coimbra, mais de sessenta pessoas entregaram suas vidas ao Senhor Jesus depois de ouvirem as ungidas pregações do rev. Gabriel Rosário. Esse começo alvissareiro animou os missionários. De fato, Deus estava preparando os pastores nacionais (e os quase nacionais) para assumir a obra em Portugal. O rev. Mosteller costuma dizer que é preciso contar desde

cedo com os obreiros nacionais e permitir, delegando tarefas e responsabilidades, que eles façam a obra, até mesmo o “trabalho pesado”. Depois de consolidado o trabalho em Coimbra, onde pastorearam por treze anos, o rev. Gabriel Rosário e a sua família mudaram-se no final de 1989 para a cidade do Porto, para assumir a igreja nessa cidade. O rev. Gabriel Rosário teve o seu trabalho e a sua liderança reconhecidos ao ser o primeiro pastor nacional nomeado como superintendente do Distrito Portugal.

Na verdade, juntamente com o rev. Gabriel Rosário, outro jovem de quatorze anos também fora batizado. Era José Delgado. Quinze anos depois, ele estava entre os “embaixadores nazarenos” quando da chegada dos Mostellers a Lisboa, em 1973. Um ano depois, o rev. José Delgado, excelente pregador, depois de ter regressado a Cabo Verde por alguns meses, estava de volta a Lisboa definitivamente. Dessa vez, com a esposa e os três filhos. A esposa do rev. José Delgado, sra. Maria Celeste, havia crescido junto com a sra. Kathleen, filha mais velha dos Mostellers. Além disso, ela era filha do irmão Humberto Pires Ferreira, que mencionamos no capítulo sobre o ministério em Cabo Verde. A sua mãe, Idalina, foi aquela irmã que, em 1970, perguntou sobre quando seria o início da igreja em Portugal. Perguntado para onde iria, o rev. José Delgado respondeu: “Para onde o SENHOR mandar, pois estou disposto a trabalhar na obra de Deus”. O rev. José Delgado e a sra. Maria Celeste foram colegas de seminário e se formaram na mesma turma do casal rev. Gabriel Rosário e sra. Elisete. Quem poderia dizer que aqueles dois adolescentes seriam companheiros de ministério do seu primeiro pastor em terras tão distantes?

Além de excelente pregador, o rev. José Delgado mostrou-se também um excelente negociador. Durante as buscas por um local para a igreja, era sempre ele quem conduzia todas as negociações. O rev. Mosteller só entraria em cena no caso de concluir a compra.

Naquela época, para os vendedores, os estrangeiros sempre pareciam ter mais dinheiro e estar dispostos a pagar um preço mais elevado. Não era o caso dos missionários americanos. Por sua vez, os pastores cabo-verdianos não eram vistos pelos vendedores como possuidores de muitos recursos. Daí porque era tão importante a negociação ser feita pelo rev. José Delgado. Em várias ocasiões, ele era tido como um negociador muito inflexível quando o assunto era o preço. Diante das incertezas decorrentes da revolução, havia poucos interessados em comprar qualquer coisa, quanto mais um grande imóvel. Essa era a situação oportuna para brigar por uma redução de preços. Porém, a igreja não tinha muitos recursos financeiros.

Isso se passou por ocasião da compra do imóvel que ainda hoje serve à Igreja do Nazareno em Lisboa (Av. Oscar Monteiro Torres). O edifício fora construído para servir como um cinema, mas, por causa da revolução, os proprietários não quiseram arriscar um empreendimento e resolveram vender a loja e o subsolo. Localizado perto do Campo Pequeno, praça dedicada às touradas, é de fácil acesso devido às duas avenidas próximas. No meio da negociação, iniciou-se o período de *furlough* dos Mostellers.

Nos Estados Unidos, ao pedir ajuda financeira ao secretário de Missões Mundiais recebeu a seguinte resposta: “Faça os arbustos se mexerem, se é que vocês querem comprar aquele cinema!” Com isso, ele queria dizer que o rev. Mosteller deveria se empenhar com as igrejas e irmãos nazarenos nos Estados Unidos para conseguir mais recursos por meio de ofertas.

Porém, nunca foi fácil conseguir recursos financeiros nos Estados Unidos, o que nem sempre foi compreendido pelos irmãos de outros países. O rev. Mosteller então levou o rev. José Delgado à Assembleia Geral de 1976, em Dallas, Texas. O rev. José Delgado já tinha mostrado toda a sua capacidade quando o assunto era negociar preços, mas agora a situação era outra: levantar fundos.

Com o seu vívido testemunho e o seu entusiasmo pela obra em Portugal, o rev. José Delgado também apresentava um calhamaço de 400 cartas (de nazarenos e amigos) que pediam ajuda para a aquisição de um local de culto em Lisboa. Ele conseguiu levantar uma boa soma de recursos, suficiente, porém, apenas para a primeira parte (entrada) do negócio. Esperava-se mais, mas esse “choque de realidade” mostrou para os irmãos de Lisboa que a igreja em Portugal precisaria encontrar meios próprios para o seu desenvolvimento, tal qual ocorre em todas as outras áreas missionárias.

De volta a Lisboa e às negociações, sempre exigindo um custo menor, o rev. José Delgado conseguiu que os proprietários abajassem o preço final. Por fim, os proprietários, exauridos com a negociação inflexível do rev. José Delgado, incluíram um pequeno apartamento no centro da cidade para fechar o negócio, o que se tornou muito bom para a igreja, pois serviria de residência pastoral. Diante disso, foi autorizado pelo escritório central o pagamento da entrada e a assinatura de um financiamento para pagar o restante.

Quanto ao pagamento do financiamento, a igreja de Lisboa foi ajudada pela Primeira Igreja do Nazareno em Eugene, Oregon, e pelo Distrito Oregon-Pacífico com recursos financeiros (ofertas voluntárias e de alabastro) e Grupos de Trabalho e Testemunho. Louvado seja o SENHOR pelos irmãos do Oregon, que foram bênçãos para o ministério no Brasil e em Portugal!

O primeiro templo próprio da Igreja do Nazareno em Portugal, adquirido com fundos internacionais, ofertas de alabastro e ofertas locais, foi inaugurado no final de 1976. É o mesmo imóvel que ainda hoje serve à igreja de Lisboa. Construído para ser um cinema, foi adaptado para servir de templo. Essa adaptação, porém, requereu que os irmãos colocassem a mão na massa, ou melhor, no esfregão, no rodo, no material de limpeza. Esse mutirão, no entanto, foi usado por Deus para consolidar a união dos irmãos daquela igreja nascente.

Um enorme crédito pelo sucesso da missão nazarena em Portugal deve ser dado aos irmãos e pastores cabo-verdianos. Dispostos a transmitir o pouco que sabiam, falavam para todos sobre o Grande que conheciam, Jesus, o Salvador e Senhor. Faziam em tudo o seu melhor, pois estavam conscientes de que o faziam para a glória de Deus. O rev. Mosteller sempre destacou a coragem e a disposição dos nazarenos cabo-verdianos, tanto no Brasil, quanto em Portugal.

Nesse meio tempo, os casais rev. Gary e sra. Fern Bunch e rev. Jon e sra. Margaret Scott³² chegaram em 1974 para os seus estudos linguísticos e culturais em Portugal. Inicialmente, eles foram nomeados para servir em Moçambique, mas foram impedidos de entrar naquele país por causa da revolução marxista que assolou os países do sudoeste africano e que fechou o campo missionário em Moçambique. Diante disso, eles foram orientados a aguardar em Lisboa. Em 1976, após as fortes considerações do rev. Mosteller ao Departamento de Missões Mundiais, eles foram designados definitivamente para Portugal, onde deveriam ficar até completar o período padrão de quatro anos. Com isso, a equipe missionária recebeu excelentes reforços. A família Scott foi deslocada para Coimbra, enquanto que a família Bunch ficou em Lisboa até 1979, quando foram transferidos para o Brasil (onde ficaram até 1992 servindo no SIBIN).

Os Scotts conheceram e acompanharam o trabalho dos Mostellers primeiramente no Brasil. No período de 1969 a 1971, os Scotts trabalharam no Brasil por intermédio do grupo *The Peace Corps*. Tendo em vista que ficaram baseados em Vitória, ES, encontravam-se apenas ocasionalmente. Porém, ficou gravado na memória o vívido entusiasmo dos Mostellers com o trabalho no Brasil e as histórias de salvação de inúmeros discípulos nazarenos. Nesse tempo,

³² O rev. Scott é herdeiro de uma das pioneiras nazarenas, revda. Elsie Glein, sua avó. Caracterizada por um dinâmico ministério de santidade, ela pastoreou igrejas em cidades dos estados do Oregon e Washington, na costa oeste dos Estados Unidos.

Deus já havia plantado a semente de missões no coração dessa família. Voltaram aos Estados Unidos e, posteriormente, foram comissionados para o ministério missionário. Ao chegar a Portugal, eles foram mentoreados pelo rev. Mosteller. Logo chamou-lhes a atenção o evangelismo ousado do seu mentor, então com 57 anos.

Os Scotts foram “presenteados” com um apartamento alugado no mesmo edifício onde moravam os Mostellers. A convivência permitiu que os dois primeiros filhos dos Scotts tivessem um “vovô” e uma “vovó” sempre por perto. (As crianças tinham nos Mostellers as figuras dos avós naturais que moravam distantes.) Muito carinhosa e atenciosa, a sra. Gladys sempre se preocupava com os aniversários das crianças e outros cuidados.

Os bebês são sempre lindos e atraem a atenção e o carinho de todos. Imaginem dois bebês loirinhos em uma terra de morenos! Pois bem, os Scotts logo entenderam o estilo de trabalho do rev. Mosteller e fizeram uma bela proposta: que tal distribuir os folhetos da EBD que não haviam sido utilizados para as crianças e os adultos no parque? Aprovado na hora! Carimbaram o endereço da igreja nos folhetos e foram passear com as crianças no parque.

Não foram apenas as crianças que se envolveram no evangelismo desde cedo. Quando o primeiro grupo de jovens nazarenos chegou para trabalhar no evangelismo de Lisboa, ganharam logo um sanduíche como presente. Sucesso absoluto! Na verdade, era um *sandwich board*, um cartaz do tipo “homem-placa” em que duas placas de papelão vestem uma pessoa e dão suporte a cartazes com dizeres evangelísticos. Agora imagine-se um grupo de vinte jovens desfilando com os *sandwich boards* pelas ruas de Lisboa!

Antes da chegada do rev. Gabriel Rosário e do rev. Scott a Coimbra, o rev. Mosteller se empenhou em desbravar o território Português e seguiu rumo ao norte. Mesmo tendo de dar assistência à igreja de Lisboa aos domingos, os Mostellers, com a ajuda da irmã

Julieta Santos, nazarena cabo-verdiana proeminente na vida acadêmica lusitana, começaram os trabalhos em Coimbra, em janeiro de 1975, realizando cultos aos sábados na casa dela. Esta é a terceira maior cidade de Portugal e é a sede da mais importante universidade portuguesa.

Depois da legalização, a igreja foi oficialmente organizada em Coimbra em março de 1976. Em pouco tempo encontraram um bom imóvel que serve à igreja até hoje. Ele fica no alto de uma colina, às margens do Rio Mondego, de onde se tem uma belíssima vista da universidade e do casario do centro histórico da cidade.

Uma das famílias locais que compuseram a membresia inicial foi a de um empresário que já tinha contato com a Igreja do Nazareno desde Cabo Verde e Guiné Bissau. Nessa altura, ele havia se estabelecido em Coimbra com uma fábrica de papéis. Ao saber que o seu genro e a sua filha receberam o chamado de Deus para o ministério, o pai tratou de esvaziar o galpão onde armazenava centenas de garrafas de vinho e transformou o local em um ambiente de lazer para os jovens nazarenos de Coimbra. Porém, Deus tinha algo mais para essa família, pois o outro genro também foi chamado para o ministério, assim como o próprio filho do sr. Ligeiro. Com tantos familiares engajados, nada mais natural que ele próprio aumentar a sua cota de colaboração e se tornar professor da escola dominical.

Uma das filhas do sr. Ligeiro testemunhou que ela fora batizada pelo rev. Mosteller ainda em Cabo Verde. Surpreso com aquela afirmação da jovem sra. Rosa, esposa do rev. Antonio Simões, ele ficou sabendo que na verdade, naquela altura, há 25 anos, ela era apenas um bebê em gestação. Mas quando a sua mãe foi batizada grávida, ela já existia!

No primeiro ano da Igreja do Nazareno em Coimbra, o rev. Mosteller tinha de enfrentar uma longa viagem de trem (duas horas para ir e outras duas para voltar a partir de Lisboa) todos os sábados.

Ao longo das viagens, quando não estava evangelizando ou fazendo amizades, ele observava atentamente a paisagem campestre do interior de Portugal e aproveitava para ter os seus momentos de reflexão. As férteis planícies em direção ao Rio Tejo propiciavam todo tipo de cultura agrícola. Em outras áreas, viam-se os campos com muitos sobreiros, uma árvore que não passa despercebida, pois mantém as suas folhas verdes em todas as estações do ano. De grandes troncos, produz uma espessa casca exterior que se refaz de anos em anos. Caracterizada por ser impermeável e ter excelente capacidade de isolamento térmico, essa casca é a cortiça, de onde se produzem há séculos as renomadas rolhas portuguesas e outros produtos. Outra cultura também muito importante para a economia portuguesa era a de oliveiras, a partir das quais eram (e ainda são) produzidos os excelentes azeites portugueses.

Aqueles campos de oliveiras traziam à mente justamente a passagem do monte das oliveiras, onde ficava o jardim do Getsêmani (que significa presença de óleo de oliva). Nesse pequeno monte nos arredores de Jerusalém, Jesus costumava se reunir com seus discípulos para orar. De tempos em tempos o combóio³³ – digo, o trem – parava em cidades menores, mas nem por isso menos importantes. Em cada cidade, uma oração. “Senhor Jesus, salva o povo desta cidade!” À noite, durante a viagem de volta, sempre agradecia por ter sido chamado para fazer a obra de Deus e por ter o suporte de cristãos comprometidos com a obra do SENHOR, tais quais a irmã Julieta Santos e a sua família. Ele também aproveitava essas viagens para rever suas anotações, pregações, etc., pois no domingo tinha de estar pronto logo cedo para as atividades da igreja em Lisboa.

Depois de um ano, tendo os missionários rev. Jon Scott e sra. Margaret dominado o idioma, eles foram transferidos para Coimbra

³³ Em Portugal os trens são chamados de combóios.

para ampliar as frentes de expansão da igreja em conjunto com o casal Rosário. Trabalhadores comprometidos, que amam as pessoas e estão sempre prontos a ajudar, focados no ministério com os jovens, os Scotts auxiliaram o trabalho a crescer rapidamente com o apoio das famílias da igreja. Depois de um breve intervalo para concluir seus estudos na América, entre 1980 e 1982, eles continuaram o seu trabalho em Portugal (1983 a 1988), nos Açores (1988 a 1991) e na Romênia (1992 a 2000). Depois de oito anos trabalhando nesse país do leste europeu, eles foram transferidos para Moçambique, o seu primeiro alvo missionário, onde ficaram até 2006. Desde 2007, os Scotts servem ao SENHOR na República de Malawi, país do sudoeste da África.

Os Rosários e os Scotts trabalharam arduamente em conjunto durante anos. Um dos trabalhos mais expressivos desse período foi a congregação nazarena na casa prisional. Também contaram com grupos de trabalho e testemunho da igreja de Eugene (Oregon, Estados Unidos), que trabalharam com as crianças de Coimbra e também com as de Lisboa por dois verões.

A exemplo de Charles Wesley (1703-1791), já que as pessoas ainda não entravam nos templos da Igreja do Nazareno (por certo por não a conhecerem), então o rev. Mosteller e seus colaboradores saíram para as ruas e praças ao encontro delas.

Na primavera de 1978, o rev. Mosteller organizou uma grande campanha com a presença dos *Northwesterners*. Esse renomado coral formado por dezesseis alunos da *Northwest Nazarene University* (Nampa, Idaho, Estados Unidos) evangelizava por meio da música. Em sua primeira campanha em Portugal, esse coral teve um programa veiculado na principal TV portuguesa, além de matérias nos principais jornais de Lisboa, com destaque em matéria de primeira página. Também fizeram apresentações em diversos locais públicos de Lisboa, incluindo a Universidade e a Assembleia Nacional. De-

pois de trinta apresentações públicas, em que até quatro mil pessoas estiveram presentes no maior evento, contabilizaram-se várias conversões e muitas respostas positivas por parte da comunidade lisboeta. Com a sua brilhante performance, reconhecida pelos críticos e estudantes de música, os *Northwesterners* pregaram, testemunharam e ajudaram a denominação a ser divulgada em Portugal, o que possibilitou abrir portas.

Aquela foi uma campanha intensa. Para se ter uma ideia, assim que chegaram e receberam as boas-vindas, foram concedidas apenas duas horas para se prepararem para o primeiro concerto. O rev. Mosteller havia comunicado à Rede de Televisão Portuguesa (RTP) que o renomado coral universitário nazareno cantaria em homenagem à emissora em frente à sua sede. Mesmo sem ter uma autorização ou resposta formal, eles estavam no horário marcado em frente ao imponente edifício da RTP. Começaram a cantar e logo os funcionários da emissora apareceram nas janelas do edifício de cinco andares para ouvir melhor e agradecer a homenagem. Por sua vez, a diretoria os convidou para gravar uma música no estúdio. Isso lhes abriu as portas da RTP que, no dia seguinte, gravou várias horas de apresentações nos melhores cenários de Lisboa.

Esses concertos foram divulgados pela RTP em cadeia nacional! Essa estratégia rendeu mais publicidade para a igreja do que os anúncios que se pretendia publicar nos jornais locais (o que não foi possível porque vetaram os anúncios com o nome da igreja). Na verdade, como o coral nazareno recebeu atenção da TV e também se apresentou em diversos locais e instituições de Lisboa, todos os jornais fizeram entrevistas e publicaram matérias noticiando os concertos do coral e, conseqüentemente, o trabalho da igreja. Mais publicidade gratuita. Quanto custaria a publicação de uma foto na primeira página de um dos principais jornais de Lisboa, que também tinha circulação nacional?

Em gratidão pela apresentação diante do Congresso Nacional, o presidente dessa instituição agradeceu por ofício e comparou o jovem coral à melhor representação da juventude americana. Devemos dizer que esses irmãos representavam mais do que isso, pois eles, com seu trabalho e testemunho, demonstraram os elevados valores cristãos que os nazarenos são desafiados a praticar na sua vida diária.

Em Coimbra, berço da intelectualidade e da cultura portuguesas, os concertos no auditório da universidade foram recebidos com grande entusiasmo, da mesma forma, o que foi apresentado dentro do refeitório da própria universidade. Cerca de 2.000 alunos aplaudiram entusiasmados. Uma grande mensagem merece uma belíssima performance! Na principal praça da cidade, porém, havia mais interesse por política do que por cultura ou pelo evangelho. Ao chegar à Praça da República, o coral encontrou um grupo de estudantes que, em plena apologia política, encenavam uma peça teatral de cunho comunista. Depois de orar, e tendo a permissão das autoridades em mãos, decidiram cantar em um dos cantos opostos da praça, para não perturbar o outro grupo, mas honrando o horário e o local que foram divulgados. Começaram, à meia voz, com uma suave canção. À medida que o repertório se transformava em celestial melodia, várias pessoas deixavam o comício para assistir ao testemunho cantado pelos jovens nazarenos. No final do concerto, foram contadas centenas de pessoas que se tornaram mais receptivas ao evangelho.

Sem sombra de dúvida, o concerto mais emocionante ainda estava por vir. Depois da última apresentação em uma praça de Coimbra, a diretora de um hospital infantil os procurou e disse: “Minhas crianças nunca ouviram nada igual. Vocês poderiam entrar no hospital e cantar para elas?” Ela não sabia, mas o grupo dispunha de apenas duas horas livres para compras e descanso antes de voltar ao hotel e embarcar no trem com destino à Itália. O dr. D. E. Hill, professor responsável pelo coral, querendo preservar o descanso do gru-

po, explicou os motivos, agradeceu o convite e disse que não seria possível. A diretora do hospital insistiu. Com isso, ficou evidente para aqueles jovens nazarenos, que haviam consagrado suas vidas ao Senhor Jesus, que aquele era um pedido sincero e com forte apelo emocional. Ao ser informados sobre o pedido, eles prontamente disseram em uníssono: “Sim, cantaremos, pois foi para isso que viemos até aqui: para servir!” Aquele concerto de amor soou como um harmonioso sacrifício em favor daquelas crianças por quem Cristo também havia se sacrificado. Os *Northwesterners* demonstraram um elevado sentimento missionário, pois fizeram seu trabalho sem murmuração ou exigências.

Um irmão disse para o rev. Mosteller: “Dê esta experiência para eles! O grupo vai achar meio difícil e até desagradável em alguns momentos, mas no final eles vão amar o que estiverem fazendo [as apresentações e o evangelismo] e vão falar sobre isso com orgulho por toda a vida”. De fato, aquela campanha marcou a vida dos jovens do coral. Porém, mais do que isso, foi o meio de transformação de muitas outras vidas.

Um grande exemplo disso foi a salvação do irmão Joaquim João Lima, de Lisboa (não confundir com o rev. Joaquim Lima de Cabo Verde/Argentina/Brasil/Estados Unidos). Enquanto se decidia entre se suicidar ou se alistar como mercenário, entre um gole e outro de bebida, ele ouviu uma música suave, quase celestial. A bela Praça do Rossio estava repleta de pessoas que eram atraídas e se aglomeravam ao redor de um grupo de jovens americanos. Curioso, juntou-se à multidão. As melodias aos poucos o afastaram das suas batalhas pessoais; os testemunhos o conduziram por um caminho que ele não conhecia, o da graça que liberta. Ouvido o apelo, com o seu coração quebrantado, ele decidiu experimentar o Deus daqueles jovens, já que tudo o mais em sua vida não havia valido a pena. Na hora do apelo, ele logo ergueu a sua mão, sinalizando sua decisão de aceitar

Jesus em sua vida; orou e recebeu a Jesus Cristo como o seu Salvador pessoal e o seu Senhor. Ele foi aceito, amado e discipulado pelos nazarenos. Posteriormente, ele casou-se com a sra. Fernanda e ambos graduaram-se pelo Seminário Bíblico Nazareno da Europa e entraram para o ministério, pois sua primeira decisão, depois de convertido, foi: “Eu cumprirei todas as palavras que Jesus falou”.

Em pouco tempo, o rev. Mosteller e a sua equipe ministerial abriram vários pontos de pregação, no intuito de identificar as áreas de Lisboa mais promissoras para futura implantação de mais igrejas. Comunistas e ciganos, senhoras e jovens, trabalhadores e pequenos empresários, muitos foram salvos.

Entretanto, a obra não era feita apenas de grandes eventos. Na verdade, o Senhor Jesus usava várias formas de alcançar mais pessoas para o seu Reino. O rev. Mosteller não perdia nenhuma oportunidade. Em Lisboa, durante a visita a um museu com outros nazarenos norte-americanos, ele colocou os seus braços por sobre o ombro do guia turístico e lhe perguntou amorosamente: “Não gostaria de entregar a sua vida a Jesus hoje mesmo?” Mais um salvo!

Uma família foi salva por causa de uma máquina de escrever. (O microcomputador, ou PC, somente tornou-se um equipamento acessível ao grande público na década de 1990. Portanto, há trinta anos, usavam-se máquinas de escrever manuais.) A sra. Gladys, nos seus profícuos trabalhos de tradução de artigos, livros e outros materiais evangélicos do inglês para o português, valia-se de uma dessas interessantes. Porém, já desgastada pelas décadas de uso, a sua merecia uma aposentadoria (oops! Essa palavra não é bem-vinda quando se trata do ministério dos Mostellers), então, digo, merecia um *upgrade* (substituição por outra máquina nova e mais moderna).

Em um de seus períodos de *furlough* nos Estados Unidos, ao visitar a sua filha caçula, Elizabeth, a sra. Gladys ficou maravilhada com a máquina que ela usava. De volta a Lisboa, não sossegou en-

quanto não conseguiu fazer contato com algum revendedor daquela marca, uma vez que nas lojas não a encontrou. Recorrendo às famosas páginas amarelas do catálogo telefônico, fizeram contato com um vendedor que se dispôs a levar uma máquina de escrever até a casa dos Mostellers para uma semana de testes. Na segunda visita, concretizada a venda, aos poucos os Mostellers retomaram a apresentação do evangelho para aquele vendedor, cujo coração transpirava sede por comunhão plena com Deus. Iniciaram uma longa amizade e conheceram algo sobre a família dele.

Duas semanas depois, a filha do sr. Santos, o vendedor, recebeu uma ligação logo cedo. Do outro lado, alguém lhe desejava feliz aniversário de quinze anos. O carinho e genuíno cuidado dos Mostellers pela família Santos frutificaram para o Reino de Deus. (O Rev. Mosteller costuma dizer que há muitas pessoas esperando por uma palavra de carinho, por um pouco de reconhecimento ou por saber que alguém se importa com ela.) Por intermédio dos Santos, que logo encontraram a alegria da salvação e se consagraram ao SENHOR, vários familiares, amigos, colegas e vizinhos foram salvos numa sequência de bênçãos. Os Santos também contribuíram de outras formas, pois a sra. Fernanda Santos, além de tesoureira do ministério de senhoras, se tornou professora da escola dominical, enquanto que o sr. Santos ajudava no ministério de recepção. Por fim, a irmã Teresa, a jovem filha do casal Santos, recebeu de Deus o chamado para o ministério. Ela se graduou pelo Seminário Bíblico Nazareno Europeu e tornou-se ministra de jovens na igreja de Coimbra.

Dando continuidade às campanhas evangelísticas, em 1979 o Ministério Estudantil Internacional trabalhou em Lisboa e Coimbra de forma semelhante à dos *Northwesterners*. Uma de suas conquistas foi o início de um trabalho evangelístico entre os ciganos em Portugal. Outro marco da época foi o lançamento do programa de rádio *A Hora Nazarena*.

Essas campanhas eram realizadas geralmente no período do verão do Hemisfério Norte (julho/agosto). Em um desses verões os irmãos do Ministério Estudantil Internacional fizeram o evangelismo de rua utilizando o testemunho impresso do pr. Lima, aquele que se converteu em um trabalho evangelístico do grupo *Northwesterners*. Em outra ocasião, os jovens da Missão Estudantil Internacional organizaram uma caravana que percorreu várias ruas e bairros lisboetas. Em cada um dos 22 táxis, jovens nazarenos seguravam uma bandeira pela janela. Faixas convidavam para os concertos e para a apresentação do grupo Discovery. Para os jovens, esse belo cortejo ficou marcado especialmente porque o grupo de táxis foi escoltado por policiais em suas possantes motocicletas.

Por essa época, o rev. Luís Pereira e sua esposa, sra. Ilda, começaram o trabalho em Almada com o apoio do rev. Mosteller. (Antes de trabalharem em Portugal, o casal Pereira pastoreou em Moçambique e na África do Sul. Depois de Almada, eles também pastorearam em Queluz. O rev. Luís Pereira faleceu há cerca de cinco anos.) Almada é uma agradável cidade localizada em frente a Lisboa, na outra margem do Rio Tejo. Inicialmente, usando seu notório talento musical, o pr. Luís Pereira realizava os cultos em praças ou em áreas próximas ao cais do *ferry boat*³⁴, às margens do Rio Tejo. Tendo em vista o bom grupo e as possibilidades de crescimento daquela congregação, o rev. Mosteller convenceu, depois de árdua busca por um local apropriado, o novo diretor de Missões Mundiais a liberar a compra de uma garagem para servir de templo.

Com a ajuda das ofertas mundiais de alabastro, há cerca de 29 anos, a Igreja do Nazareno em Almada louva e glorifica ao Senhor Jesus naquele local. Depois da aquisição, passados alguns meses, a igreja de Almada recebeu um grupo de Trabalho e Testemunho de

³⁴ *Ferry boat*: barco especializado no transporte de veículos e passageiros entre as margens de rios, lagos, baías, etc.

Washington, Estados Unidos. Trouxeram na bagagem um projeto arquitetônico que remodelou aquela garagem e a transformou em um santuário. A família Pereira tinha um chamado especial para o ministério. O filho do rev. Luís Pereira, rev. João Pedro Pereira, é o atual superintendente do Distrito Portugal continental. Por um bom tempo, a igreja em Almada foi frequentada por grupos de ciganos.

O rev. Mosteller costuma dizer que nós devemos nos cercar de pessoas melhores e mais competentes do que nós próprios. Na primavera de 1980 teve início o trabalho na cidade do Porto, a segunda mais importante de Portugal, com o casal rev. Duane e sra. Linda Srader, e seus dois filhos. Naturais do Texas, nos Estados Unidos, inicialmente eles serviram em Cabo Verde entre 1971 a 1980. Porém, a família enfrentou muitos problemas de saúde em decorrência das doenças tropicais, razão por que foram transferidos para Portugal. A sra. Linda, braço direito do rev. Duane Srader, não é conhecida por suas habilidades musicais ou artísticas, mas sim por sua amorosa presença nos momentos em que as pessoas mais precisam de palavras de conforto e orientação cristã.

A cidade do Porto (também chamada pelos portugueses de Oporto) é muito conhecida por sua produção vinícola e por sua culinária, mas é em sua história que encontramos o seu real motivo de orgulho: a sua decisiva contribuição para a formação da nação portuguesa. Com trabalho árduo, os Sraders também contribuíram para estabelecer o trabalho evangelístico e formar os primeiros discípulos na dinâmica e multicultural, porém desafiadora, Porto.

A primeira estratégia, tendo em vista que não tinham sequer uma família ou amigos em Porto, foi publicar um pequeno anúncio no jornal local: “Paz, gozo, felicidade em Cristo Jesus. Igreja do Nazareno, telefone ...” Surpreendentemente a resposta foi imediata, pois muitos leitores do Porto e de outras cidades vizinhas tinham grande apetite espiritual. As suas mentes estavam fartas de filosofia, política

e religião, mas as suas almas estavam famintas pela libertadora Palavra de Deus.

Em 1981 eles contaram com a presença do coral *Northwesterners*, que impulsionou o trabalho evangelístico em Porto, onde chegaram a ter trezentas pessoas reunidas. Em outra ocasião, em 1982, o proprietário de um grande restaurante os reconheceu. Generosos, os irmãos do coral fizeram uma rápida apresentação, que foi seguida por testemunhos e conversas com alguns dos outros clientes. Os Sraders também foram os responsáveis por organizar um congresso da JNI Europeia, que reuniu trezentos jovens na cidade de Troia, ao norte de Portugal. Esse congresso também teve a participação especial de um grupo de alunos da *MidAmerica Nazarene University* (Olathe, Kansas, Estados Unidos). Em Troia também realizaram um congresso de pastores nazarenos em 1981.

A despeito de todas as ações evangelísticas, o lento crescimento da quantidade de igrejas, que no início da década de 1980 contava com apenas cinco igrejas autossustentadas, além das congregações, refletia o ritmo do crescimento gradual da membresia das igrejas. Naquela altura, Portugal já oferecia maior liberdade religiosa e era possível distribuir folhetos e demais literaturas evangélicas livremente, além de poder ser feitas reuniões em locais públicos. Porém, em alguns lugares não se verificou grande crescimento numérico. Muitos respondiam positivamente aos apelos evangelísticos, mas era preciso paciência e trabalho constante para consolidar cada decisão e discipular os novos irmãos um a um.

Desde o início, a igreja mãe em Lisboa suportou o nascimento de novas congregações em cidades vizinhas, que vieram a se tornar também igrejas autossustentadas. Foi o caso de Almada, de Costa do Sol e de Queluz. Esse suporte foi tanto financeiro quanto de pessoas, incluindo os irmãos maduros e dizimistas. O motivo principal era que alguns nazarenos residiam nessas cidades e trabalhavam em Lisboa.

Cansados de viajar todos os dias para a capital, sentiam-se desanimados para fazerem nova viagem também aos domingos. Por esse mesmo motivo, também era difícil levar visitantes (seus vizinhos e amigos) para a igreja em Lisboa.

Por exemplo, o trabalho em Costa do Sol somente começou a ganhar corpo depois da conversão de uma senhora durante um dos evangelismos ao ar livre em 1980. Ela gentilmente cedeu aos evangelistas nazarenos a sala de sua pensão para as reuniões da congregação. Durante alguns anos os irmãos se reuniram em locais provisórios, inclusive a casa do rev. Antonio Simões. Finalmente em abril de 1983, a igreja pode se estabelecer em um templo próprio. Nos anos seguintes, outro grupo de Trabalho e Testemunho de Washington, Estados Unidos, contribuiu para o aparelhamento e mobiliário do templo.

Em 1982, o rev. Duane Srader assumiu a superintendência do Distrito, tendo em vista que o incansável casal rev. Earl e sra. Gladys Mosteller havia recebido a incumbência de organizar o trabalho nazareno nos Açores. Nesse mesmo ano, o rev. José Delgado e sua esposa, irmã Maria Celeste, sucederam ao rev. Ilídio Silva e assumiram o pastorado na *Bethany Church of the Nazarene* em Rumford (Rhode Island, Estados Unidos). Em 1998 ele assumiu o pastorado da *Providence First Church of the Nazarene* (também em Rhode Island). Foi esta igreja que encaminhou o jovem João José Dias para evangelizar o seu povo em Cabo Verde. Cem anos depois, essa igreja era pastoreada por um cabo-verdiano!

Ainda no Brasil, antes de ser nomeados missionários para Portugal, os Mostellers imaginavam que, depois de 32 anos de ministério, teria chegado a hora da aposentadoria. Pensaram que passariam os próximos anos na Casa Robles, na verdade um agradável conjunto de casas mantidas pela Igreja do Nazareno em Temple City, Califórnia, e que serve como centro de recepção e readaptação para os mis-

sionários aposentados que voltam aos Estados Unidos. Mesmo durante os produtivos anos em Portugal, o Departamento de Missões Mundiais ofereceu aos Mostellers a aposentadoria novamente. Mais uma vez, em 1982, depois de nove anos em Portugal, quinze no Brasil, doze em Cabo Verde e cinco nos Estados Unidos, ou seja, 41 anos de ministério, o Departamento de Missões Mundiais pensou em aposentá-los. Mas essa não era a hora, não para os Mostellers.

Incansáveis, sabendo da grande necessidade espiritual dos Açores, ofereceram-se para organizar o trabalho também nesse arquipélago. Não seria novidade para eles, que haviam trabalhado por 36 anos somente com povos de língua portuguesa, além de organizar o trabalho em dois países.

Relembrando aquele momento de despedida, os Mostellers deram louvores ao SENHOR, pois foram quase nove anos de grande alegria ao realizar o trabalho do Reino de Deus em Portugal; além disso, o SENHOR manteve as suas vidas e os seus corações limpos; por fim, porque o SENHOR levantou sucessores (missionários, pastores nacionais e pastores das ex-colônias) melhores e mais competentes do que eles. “Louvado seja o SENHOR!”, disse ele. Amém.

INCANSÁVEIS. É assim que podemos falar sobre a disposição de um casal com mais de sessenta anos de idade que se lança para abrir um novo campo missionário. Essa também é a característica necessária para enfrentar as lutas ministeriais que parecem ser sempre as mesmas, mudando apenas o local e a época.

Aos 64 anos, restava ainda um ano de serviço missionário antes da aposentadoria. O escritório central apresentou duas alternativas aos Mostellers: um ano de campanhas nos países de língua oficial portuguesa ou mais um ano em Portugal. Incansáveis, entre as duas alternativas, decidiram ir pregar nos Açores! Apesar de ser pressionados a se aposentar, os Mostellers disseram aos irmãos do escritório central que ainda estariam disponíveis para iniciar um novo trabalho em algum país com idioma oficial português.

Uma de suas filhas caracterizou assim o ministério do rev. Mosteller desde o início: “Para ele, saber qual era o plano de Deus para a sua vida, lhe deu confiança para seguir com toda

potência à frente! É assim que ele sempre viveu no campo missionário”. Portanto, não seria diferente nos Açores. Diante do quadro promissor e desafiador que havia nos Açores, os Mostellers foram enviados para “espionar aquela terra” em outubro de 1982.

O arquipélago dos Açores³⁵ foi escolhido pelo Departamento de Missões como um dos cinco novos campos missionários a ser abertos por ocasião das comemorações dos 75 anos da Igreja do Nazareno, em 1984. Havia um bom potencial de sucesso, pois alguns nazarenos oriundos de Portugal e de ex-colônias moravam nas ilhas. Além disso, o programa de rádio *A Hora Nazarena* era transmitido por rádio nas ilhas (mesmo sem termos igrejas por lá!). Esse programa foi ao ar porque um discípulo cabo-verdiano mudou-se para os Açores e empregou-se em uma rádio. Ele ofereceu o programa para os diretores que concordaram com a transmissão. Por causa desse programa, algumas pessoas assinaram *O Arauto da Santidade*.

Quanto ao trabalho nos Açores, diante da determinação do casal Mosteller, o Departamento de Missões concluiu que seria perda de tempo procurar por outros candidatos ou ensinar um idioma bastante diferente do inglês para os novos missionários. Os Mostellers eram as pessoas certas para mais esta tarefa. Com a experiência à frente de três campos missionários diferentes, Cabo Verde, Brasil e Portugal, dominavam o idioma comum.

Da mesma forma que ocorrera em Portugal, mas em escala diminuta, os missionários seriam enviados principalmente para pastorear os próprios nazarenos, ao mesmo tempo que implantariam a denominação por meio de ações evangelísticas. Isso, no entanto, não seria fácil, pois o catolicismo era, e ainda é, a religião dominante.

³⁵ O Brasil ainda hoje preserva a importante colaboração dos açoreanos para a formação da nação. Em meados dos anos de 1700, milhares de famílias foram deslocadas pela Coroa Portuguesa dos Açores para Santa Catarina e daí para o Rio Grande do Sul. A presença da cultura açoreana se faz presente no litoral da Região Sul por meio da arquitetura, da culinária e do folclore, principalmente.

As nove ilhas do arquipélago dos Açores, descobertas pelos navegadores portugueses em 1497, ficam localizadas no Atlântico Norte, praticamente a meio caminho entre Portugal e os Estados Unidos. Tal qual Cabo Verde, os Açores têm origem vulcânica. A verdejante capital, Ponta Delgada, fica na parte mais desenvolvida da ilha de São Miguel, que é a principal e a mais populosa do arquipélago. Numa área de 16 x 65 km, vivem cerca de 125.000 pessoas (hoje em dia). Suas ruas e avenidas são indicadas por charmosos letreiros pintados na cor azul sobre azulejos brancos. A arte da azulejaria nos Açores foi refinada durante séculos e está presente também em grandes painéis artísticos expostos em locais públicos. Nesta ilha, também são famosas as (pequenas) crateras que se transformaram em imensas lagoas de água doce.

1982. Logo na chegada um susto! Ao se aproximar do aeroporto, os passageiros perceberam que o avião “voava meio torto”. Para os experientes pilotos, porém, estava tudo dentro da normalidade. Ocorre que as ilhas dos Açores são grandes amigas dos fortes ventos do Atlântico Norte. Vivem se encontrando! Vez ou outra, uma lufada do vento pegava o avião e o “empurrava de lado”. Com as muitas viagens, os missionários também se acostumaram com essa recepção.

O primeiro passeio pela ilha revelou o estilo de vida pacato da comunidade e a grande cordialidade das pessoas. Também marcou o profundo envolvimento das pessoas com a herança católica. Inúmeras capelas centenárias marcavam o roteiro de várias procissões que terminavam nas imponentes igrejas do centro de Ponta Delgada.

As cidades e vilarejos das ilhas eram cercadas por interessantes áreas de gramas viçosas demarcadas por muros de pedra ou por cercas floridas para a criação de gado solto. Esses campos geométricos, que se iniciavam ao redor das cidades e subiam as encostas dos montes, ainda são usados até hoje. Mais ou menos nessa época foi proibida a lucrativa (mas cruel) caça às baleias. A economia dos

Açores teve de se adaptar a outras atividades. Duas que já estavam estabelecidas e receberam novo impulso foi a pecuária (derivados de leite) e a agricultura (exportação de frutas). Destaque para o ananás (abacaxi) e as suas interessantes variações locais. A outra atividade que tem sido bem explorada ultimamente é o turismo, pois além dos recursos em terra, o arquipélago atrai muitas pessoas interessadas na vida marinha e até surfistas.

Ao subir as encostas dos três maiores cones vulcânicos de São Miguel e avistar várias cidades e vilarejos, era impossível para os missionários esquecerem-se das elevadas necessidades espirituais daquelas pessoas. O ar fresco do alto da montanha, por sua vez, lhes inspirava a pedir ao SENHOR uma nova unção para tão grandiosa tarefa. Ali, envolvidos por uma e outra nuvem que abraçavam os picos, as orações ganhavam maior intimidade com Deus. O vento poderia estar gelado, mas o coração permanecia aquecido com a paixão pela salvação dos açorianos.

Durante as visitas às ilhas, eles aproveitaram para iniciar contatos com autoridades locais e reavivar a amizade com os discípulos nazarenos. De fato, o irmão Sérgio Tavares Ramos lembra que o rev. Mosteller tinha uma grande habilidade em fazer amizade com pessoas dos mais diferentes níveis sociais. Desde políticos até os trabalhadores das ruas, incluindo os mestres universitários, ele cativava a todos. Com a sua maneira dócil e franca, desde os primeiros encontros ele inculcia nas mentes dessas pessoas a premente necessidade de entrega ao único Salvador pessoal, Jesus Cristo, o Nazareno.

Uma das constatações iniciais foi que somente em quatro ilhas havia igrejas evangélicas. Além disso, elas eram na totalidade pouco expressivas, pois a membresia nunca era superior a quarenta pessoas. O mais importante, porém, foi constatar que o povo açoriano era (e ainda é) muito amigável e generosamente hospitaleiro. Para um casal de evangelistas, isso era tal como uma porta aberta!

O clima fazia o seu gracejo: havia dias em que os missionários visitantes experimentaram as quatro estações em poucas horas: inverno, outono, verão e primavera, tamanha a variação das condições do tempo em Ponta Delgada.

Já na primeira viagem de prospecção do campo missionário, os Mostellers deixaram um grupo de discípulos em Ponta Delgada. Ocorre que o fértil campo já estava pronto há anos. Uma senhora açoriana, depois de ouvir vários programas de *A Hora Nazarena*, telefonou para Lisboa e pediu para assinar a revista *O Arauto da Santidade*. Sem perder a oportunidade, o rev. Mosteller conduziu-a, durante aquele telefonema, à mais importante das decisões da vida dela: receber a Jesus Cristo como o seu Salvador pessoal. Cheia do Espírito Santo, ela, mesmo sem o discipulado mínimo, logo começou a evangelizar a sua família. Depois de sua conversão, ela ganhou a sua irmã para Cristo.

Um dos melhores instrumentos de auxílio missionário foi o programa de rádio *A Hora Nazarena*. Enquanto o rádio perdia audiência para a TV na Europa continental e na América do Norte, nas décadas de 1970 e de 1980, ele ainda era um poderoso instrumento de divulgação para atingir as massas na África, na Ásia e na América do Sul. Em algumas novas áreas (ou países), os programas de rádio eram utilizados para preparar o início das atividades da igreja. Quando os missionários chegavam a uma área onde previamente houvera algum tempo de transmissão, muitas pessoas reconheciam a igreja; outros já sabiam que a doutrina da Igreja do Nazareno é a santidade. Os programas por rádio também serviam para levar o evangelho até as pessoas que não estavam no campo missionário de um país, mas poderiam ser alcançadas pelas ondas de rádio, que não têm barreiras e chegam a longas distâncias (rádios AM, etc.). O rádio também poderia ser usado para divulgar estudos bíblicos para os discípulos que não tinham como frequentar a escola dominical.

Ao conhecer esses primeiros discípulos açorianos, durante a visita de avaliação, os Mostellers foram regiadamente bem-recebidos. No domingo seguinte, realizaram um culto na beira de uma agradável praia, onde algumas pessoas (cinco adultos e algumas crianças) se converteram. Isso soou como um sinal positivo de Deus.

Depois dessa viagem exploratória, porém, os Mostellers tiveram um período de *furlough* nos Estados Unidos. Nesse *furlough* eles apresentaram aos líderes do escritório central um farto material fotográfico acompanhado de relatórios mostrando a necessidade espiritual do povo açoriano e a potencialidade daquela região para o Evangelho de santidade. O Departamento de Missões autorizou tanto o início do trabalho nos Açores quanto o envio do casal Mosteller, com a consequente manutenção deles no quadro de missionários ativos.

De volta definitivamente a Ponta Delgada, em julho 1984, uma das primeiras ações foi providenciar o registro civil para legalizar a igreja, pois os Açores são um Território Autônomo da República de Portugal. Havia em Portugal um tratamento privilegiado à Igreja Católica, decorrente de séculos de relacionamento entre os governantes e o clero católico. Porém, inconformados com essa situação, o rev. Mosteller e um jovem pastor presbiteriano reuniram-se os demais pastores do arquipélago para discutirem como poderiam mudar aquela situação. Organizados, fizeram extensiva pressão sobre o governo. O resultado, depois de longa luta, foi a concessão de direitos iguais para as denominações protestantes em relação à Igreja Católica, não somente nos Açores, mas em todo o território lusitano.

Isso foi um triunfo espiritual de enormes proporções para o evangelismo em terras portuguesas, principalmente quanto à publicidade em jornais e à transmissão de programas evangélicos por rádio e TV, além das questões relativas às propriedades. Contribuiu para essa mudança, além da união de algumas denominações protestantes locais, as pressões diplomáticas e da imprensa canadense.

Ao mesmo tempo que lutavam para vencer as barreiras burocráticas, os Mostellers tinham de providenciar um local de moradia e de realização de cultos. Eles, ajudados pelo marido de uma das primeiras irmãs convertidas, encontraram uma boa casa onde puderam iniciar os cultos nazarenos em Ponta Delgada. Logo no primeiro culto oficial, havia mais de quarenta pessoas!

Incansável e com sua visão empreendedora renovada, o Rev. Mosteller contatou alguns líderes de grupos nazarenos de trabalho e testemunho que poderiam ir para os Açores. Diante disso, providenciou a compra e a adaptação de um imóvel que serviria como dormitório para essas equipes que faziam as suas missões durante o verão do Hemisfério Norte (julho/agosto). Dentre os primeiros colaboradores, os Mostellers tiveram a visita do jovem Greg Gates, um dos MKs (*missionary kids*) no Brasil, além das visitas constantes de suas filhas, genros e netos. Nesses meses, as igrejas nos Açores organizavam os evangelismos em praças. Utilizavam filmes evangélicos e grupos de louvor para atrair as pessoas.

A herança do romanismo continua muito forte, o que acaba por inibir os açorianos quanto à abertura para o Evangelho. Essa linha do cristianismo ainda é muito atuante nos Açores e o clero possui muita influência sobre as questões administrativas. Esse é sempre um entrave quando uma denominação decide se instalar em Ponta Delgada, pois muitos proprietários não alugam seus imóveis para igrejas evangélicas por temer as reações negativas da comunidade católica. Não foi diferente com a missão nazarena há dezessete anos. O rev. Mosteller se empenhou em convencer os vizinhos no sentido de concordarem com a instalação do templo numa das ruas mais tradicionais (e estreitas) do centro de Ponta Delgada. Uma vitória, glória a Deus!

O principal templo fica em Ponta Delgada, capital do arquipélago, melhor lugar para a instalação da sede do Distrito. O imóvel originalmente eram três casas tradicionais contíguas situadas em uma

das mais antigas ruas da cidade³⁶. Cada uma delas construída em dois andares na parte da frente e com um bom quintal aos fundos. Na fachada estreita, há apenas uma porta e uma janela para cada “casa”. Reformados internamente, os seus ambientes ganharam vários arcos. Reorganizado o espaço interno, foi possível contar no térreo com bom auditório com capacidade para 120 pessoas para os cultos (com janelas em arcos para as áreas laterais internas descobertas. De um lado, há um pequeno jardim interno, que separa o templo do muro vizinho), e, na maior área descoberta (quintal) um batistério cercado por um belo jardim, ao lado do templo. Próximo ao *hall* de entrada, há uma pequena capela de oração, que também serve à escola dominical. No andar superior, o templo dispõe de outro salão para os jovens, cozinha, salas da EBD para crianças e também duas casas de banho – como são chamados os banheiros e os toaletes em Portugal.

Por ser localizado na parte histórica de Ponta Delgada, não se pode sequer alterar a sua fachada tradicional, por questões de preservação do patrimônio histórico. O edifício do templo foi construído há mais de cem anos! Até mesmo para mudar a cor do imóvel é preciso autorização da prefeitura. Por isso, passando-se pela estreita rua de calçamento (cabem apenas dois carros lado a lado. Há uma calçada apertada de cada lado para os pedestres), dificilmente se imaginaria que ali funciona uma igreja evangélica, a não ser pela charmosa “vitrine”, que ocupa o vão de uma das janelas originais. Até mesmo o letreiro da igreja teve de ser feito em tamanho muito reduzido para não destoar da vizinhança (esse letreiro, com o escudo circular da Igreja do Nazareno, mede menos de um metro de diâmetro).

No *hall* do andar superior foi instalado um belíssimo painel de cerâmicas típicas dos Açores (brancas com desenhos azuis) em homenagem aos Mostellers. Em dimensões muito generosas (2m x 3m),

³⁶ Uma informação (não confirmada, mas de fonte fidedigna) diz que essa propriedade foi comprada com a herança que certo missionário havia recebido dos seus pais.

retrata uma cena bíblica ao redor de um poço em que Jesus diz a certa mulher: “*Aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede*” (Jo 4:14). Ao lado desse painel consta a seguinte inscrição: “Para a glória de Deus em homenagem a Earl e Gladys Mosteller, fundadores desta Igreja do Nazareno dos Açores em 1983”³⁷.

De sorriso largo e contagiante, o rev. Mosteller marcava presença em qualquer lugar em que estivesse. Houve uma época, inclusive, que ele também era reconhecido de longe por seu estiloso chapéu. A sra. Gladys, por sua vez, com sua elegância cristã e amorosas atitudes, era sempre muito bem-vinda. Essa elegância era presenciada também quando algum discípulo precisava ser corrigido ou orientado. Sempre de forma branda, mas firme, ela orientava com toda a discrição para não expor ou constranger os irmãos em público.

As estreitas e centenárias ruas de paralelepípedo de Ponta Delgada não eram empecilho para as tarefas pastorais. Ao volante de seu carro, ele manobrava com maestria nas apertadas esquinas e deixava os jovens literalmente à porta de casa (em algumas ruas, não há sequer calçadas na frente das casas). As ruas antigas não foram planejadas para carros, por isso, em muitas delas, as portas das casas se abrem diretamente para a rua.

Os irmãos contam que muitos vizinhos e comerciantes da redondeza não se converteram, mas se tornaram grandes amigos e admiradores dos Mostellers. Ainda hoje, lembram com carinho e saudade daquele “grande homem de Deus”. O seu testemunho firme, avaliado tanto nos grandes negócios quanto nas pequenas ações do dia a dia, conquistou o coração de muitos. “Ele sabia transmitir o amor de Deus para todos, e cada palavra da sua boca era pura bênção”.

Era preciso avançar, sair à rua, mas os ceifeiros eram poucos.

³⁷ Além dos Mostellers, outros dois casais foram homenageados em Ponta Delgada: o rev. e sra. J. A. Phillips (a capela de oração foi dedicada à memória deles) e os irmãos John e Mary Andree (memorial dedicado em honra a esses servos de Deus, em 1990).

Incansável, o próprio rev. Mosteller “colocava ao serviço de Deus os seus recursos, a sua pessoa” e se empenhava no evangelismo carregando cartazes com versículos³⁸ (homem-placa, ou os *sandwich boards*, como eram conhecidos em inglês) e distribuindo folhetos na principal avenida da cidade. Apesar de parecer ridículo um reve-rendo, aos 66 anos, fazer a divulgação do evangelho dessa forma, tudo isso era válido para ganhar alguns para Cristo. Muito concentrada ao redor da área do píer, nos finais de semana, Ponta Delgada reunia quase toda a sua população ao longo dessa avenida que é emoldurada por belos edifícios comerciais, restaurantes e hotéis.

À medida que a obra ganhava destaque, os obstáculos ficavam maiores e as retaliações se avolumavam. Um verdadeiro amigo do evangelho, dono de um pequeno quiosque no melhor ponto da rua principal, deixava que os missionários e evangelistas nazarenos usassem a tomada elétrica para fazer funcionar o projetor de filmes, alto-falantes, microfones, guitarras, etc. Subitamente proibiram os cultos ao ar livre. Com isso, não podiam nem colocar as caixas de som no chão. O jeito foi desafiar a lei da gravidade. Os irmãos se revezavam para segurar os alto-falantes no braço! Por fim, expulsaram o quiosque da rua. Com pressa, as autoridades pagaram todas as despesas para o comerciante se instalar bem longe daquele lugar.

Incansável em toda a sua maneira de viver em prol do Evangelho, parecia que quanto mais obstáculos houvesse, maior era o seu sorriso e confiança no Deus provedor de toda a suficiência. Cortaram a energia, removeram o quiosque do amigo... Era o desafio para a criatividade. Sem um ponto de apoio, os irmãos começaram a usar a carroceria de uma caminhonete! Um testemunho diz tudo: “Só Deus sabe o fruto eterno que foi produzido pelo semeio feito a centenas ao ar livre em [Ponta Delgada] São Miguel, Açores”.

³⁸ Versículos e dizeres: “Jesus te ama” e “Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e Eu os aliviarei” (Mt 11:28).

Já em 1985, a missão em Açores tinha duas congregações, uma em Ponta Delgada e outra na ilha Terceira, na cidade de Angra do Heroísmo. Foi adquirido um edifício de quatro andares, cada um utilizado para um propósito, depois de reformados: auditório, escola dominical, casa pastoral e área de recreação com ponto de observação da cidade (terraço).

Na ilha Terceira existe uma base militar americana desde os anos de 1940, como herança dos acordos da II Guerra Mundial, ratificados pela OTAN. Essa base tem recebido dezenas de irmãos nazarenos americanos em seus períodos de serviço militar. Eles, além de irmãos de outras denominações evangélicas, têm colaborado amorosamente com o trabalho em Angra do Heroísmo. O seu abnegado trabalho e as suas generosas ofertas têm frutificado constantemente.

Outras estratégias evangelísticas contavam com o apoio de jovens atletas nazarenos. Alguns universitários fizeram suas missões jogando futebol ou basquete com times estudantis nos Açores. Nos intervalos dos jogos, aproveitava-se para apresentá-los e, depois de falar sobre as suas universidades nazarenas, eles também davam os seus testemunhos e convidavam as pessoas para receber Jesus como o seu Salvador pessoal. Sempre havia pessoas que se dispunham a visitar a igreja após esses eventos. Alguns se converteram. Enquanto os jogos aconteciam, o rev. Mosteller e outros voluntários aproximavam-se e evangelizavam os torcedores também.

Nem tudo, porém era alegria na vida pastoral. Certa ocasião, em uma visita semanal ao presídio local, onde o rev. Mosteller e alguns jovens da igreja de Ponta Delgada ministravam aos presos, um sério problema entre os reclusos causou-lhe profunda tristeza. Ministrou uma palavra de esperança para aqueles homens, mas, de semblante abatido, seus discípulos o viram chorar. Logo depois que saíram do presídio, já recompostos, se depararam com uma carreata nupcial. Os noivos, os parentes, os amigos, todos faziam festa pelas ruas em uma

explosão de alegria típica dos açorianos. Bem ao seu estilo, sorriu e acenou para o jovem casal desejando-lhes as bênçãos de Deus. Uma das jovens da equipe, a irmã Ana Paula, surpresa por presenciar em poucos minutos tanto as lágrimas quanto o riso, ouviu do seu pastor a seguinte frase: “Chorai com os que choram e alegrai-vos com os que se alegram”.

Por essa época, iniciaram-se as primeiras ações estratégicas para identificar os irmãos que tinham chamado ministerial e prepará-los academicamente. Enviá-los para a Suíça seria inviável naquela altura, por causa do custo e do tempo que a igreja ficaria sem os principais obreiros (lições aprendidas em Portugal). Sabendo que outro missionário, companheiro dos tempos de Cabo Verde, não estava conformado com a sua própria aposentadoria, o rev. Mosteller convidou o rev. Ernest Eades e a sua esposa para abandonar a aposentadoria e ir para os Açores com a missão de implantar um seminário local. “Passa à Macedônia e ajuda-nos!”, disse ao amigo e companheiro de missões. O convite foi aceito prontamente.

Um dos militares que serviam naquela base de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, foi criado em Cabo Verde. Enquanto garoto, ele conhecia a fama dos missionários rev. Mosteller e rev. Eades, zelosos pelo evangelismo. Na memória infantil, eles ficaram registrados como “Paulo e Silas”. Outros os chamavam em Cabo Verde de “o grande e o pequeno” missionários, por causa de suas respectivas estatutas. Durante seu serviço militar nos Açores, já bem instalado em uma casa na base militar, ele ouviu alguém bater à porta. Qual não foi a quase assustadora surpresa quando o irmão abriu a porta e viu à sua frente justamente “Paulo e Silas”! Ele e a sua esposa tornaram-se nazarenos fiéis nos Açores por causa dessa visita.

Os jovens precisavam crescer na fé e ganhar maturidade na obra. Como parte da formação prática, o rev. Mosteller costumava lhes delegar algumas tarefas evangelísticas: “Hoje você prega; você dará seu

testemunho de conversão; os outros vão cantar e tocar; quem não canta nem toca vai distribuir os folhetos”. Todos eram envolvidos.

Uma das missões no extremo nordeste da ilha marcou a vida de todos pela genuína alegria de compartilhar as coisas simples e boas da vida com os irmãos em Cristo. Foi só pegar a estrada que logo surgiu uma reclamação. (Adolescentes vivem com fome!) Ele parou o carro num vilarejo e comprou uma melancia. Viajaram um pouco mais e quiseram comer a melancia. Evidentemente ninguém tinha levado consigo talheres ou facas para evangelizar. Sem outra opção, o rev. Mosteller ergueu a imensa melancia sobre a sua cabeça e a deixou cair sobre uma pedra. Alguns perderam a fome e não conseguiram comer nada, pois a cena provocou gargalhadas infundáveis!

Uma das maiores colaboradoras do ministério dos Mostellers nos Açores foi a pequena irmã Nélia. No dia em que se converteu, chegou à sua casa e disse a todos que tinha acabado de aceitar o Senhor Jesus como o seu Salvador pessoal. Imagine-se o impacto de uma notícia dessas para uma família tradicionalmente católica e, por isso, com uma mentalidade muito fechada para outro tipo de vida religiosa! O seu pai diz que foi uma revolução em sua família. Não foi sem questionamentos e até certa dose de reprovação que ela teve de enfrentar os seus primeiros dias de nova convertida. Porém, vibrante e alegre, Nélia, ainda com doze ou treze anos, não parava de falar sobre o seu Salvador. A diferença positiva fez seu pai procurar o responsável por isso. Era um certo missionário.

“Quando conheci aquele grande americano, percebi que estava em frente a um homem diferente de tudo o que já tinha visto em minha vida. A sua simpatia, a sua convicção espiritual, a sua humildade e extrema sensibilidade pela necessidade de outros, principalmente, a sua dor pelas almas perdidas deste lugar, levou a que eu, sem que me apercebesse muito bem, levasse a aceitar ‘aquele Jesus’ no meu coração de forma viva e pessoal”. Com esse relato, o irmão Jaime, pai da

Nélia, resumiu como Deus usou o rev. Mosteller para levar a salvação para a sua família.

“Eu nasci de novo! Agora sou feliz porque Jesus está no meu coração”. Não é pouco dizer que todos eram tomados por um grande quebrantamento quando ouviam esse testemunho da pequena Nélia.

A mãe, que tinha enviado o pai para verificar que história era aquela da filha ir para uma igreja de crentes, quando os dois chegaram, foi logo perguntando: “E então, que se passa com esta menina que diz que é crente?” Com amor e compaixão, mas resoluto, ele respondeu: “Agora são dois crentes nesta casa!”. É bom que se diga que, pouco a pouco, a família foi se convertendo.

Ainda em sua tenra idade, Nélia destacou-se entre todas as crianças da igreja como a que mais orava, mais lia a Bíblia e mais evangelizava. Durante a semana, ela, nas brincadeiras infantis, costumava falar sobre o que aprendera na escola dominical para as suas amigas e para os seus colegas de escola.

Em breve período de tempo, com seu jeito meigo de criança, sua certeza da salvação de adulto e suas palavras de anjo, ela levou muitas outras crianças e jovens ao Senhor Jesus. Além disso, alguns adultos também se tornaram bebês espirituais ao se converter por meio do seu testemunho e da sua pregação. Em certa ocasião, dezoito adultos se converteram de uma só vez com o seu testemunho. Sua vida breve, mas de intensa comunhão com o SENHOR, ficou marcada na memória de todos os nazarenos dos Açores. Um acidente de carro interrompeu a sua vida aqui aos dezessete anos. Andou Nélia com Deus e já não era, porque Deus a tomou para si.

Aos 74 anos de idade, dos quais 49 de ministério com dedicação integral e exclusiva, os Mostellers ainda tiveram de travar uma última e inevitável batalha no campo missionário: a aposentadoria.

Conforme havia sido acertado com o Departamento de Missões Mundiais, eles ficariam por quatro anos nos Açores, tirariam um

último *furlough* (vale lembrar que era um período de trabalho entre as igrejas nos Estados Unidos, fazendo a divulgação das missões) e se aposentariam. O rev. Mosteller foi responsável pela direção da obra nos Açores de 1983 a 1987. (De 1989 ao início de 1990, os Mostellers realizaram as tarefas finais no campo açoriano e prepararam a mudança de volta para os Estados Unidos.) Sucederam-no o rev. Eades e sra. Kay (de 1988 a julho de 1991). Nesse mesmo período, o rev. Jon Scott e a sra. Margaret também trabalharam no arquipélago açoriano. A partir de agosto de 1991, o rev. Daniel Barros e a sra. Milu assumiram a direção dos trabalhos nos Açores.

Antes de voltar para casa, os Mostellers receberam uma graciosa lembrança dos irmãos da ilha Terceira em gratidão e reconhecimento pela implantação do trabalho. O artesanato possui as ilhas e um relógio sobre base de madeira no formato da própria ilha.

Um testemunho dos Açores resume bem o caráter e o compromisso cristão do casal Mosteller: “Ele foi um exemplo de submissão, de humildade inigualável. A alegria que ele transmitia e a maneira como ele falava preenchiavam muitos vazios de corações que andavam vagueando sem rumo nem direção [...] Praticamente do nada nasceu uma igreja com poucas pessoas, mas pessoas que tiveram um grande impacto com o Evangelho nas suas vidas através deste grande homem de Deus [...] O Espírito Santo era tão visível na vida do pastor Mosteller que, sempre que ele pregava, cada palavra que proferia era ungida. Creio que nem ele mesmo sabia o impacto que causava nas pessoas através das suas pregações. Ele era um homem de luta e de visão. Era um exemplo a seguir [...] Percebíamos as dificuldades deles, os sonhos, a visão que tinham de deixar uma igreja aqui nos Açores e o quanto eles se esforçavam para isso [...] Hoje recordo e me orgulho desse homem de Deus. Foi com ele que dei meus primeiros passos na fé”.

Outro testemunho de um colaborador da primeira hora nos

Açores complementa: “Mais tarde compreendi porque o classificavam de ‘grande homem de Deus’. Na verdade, além de ser grande em estatura física, o era também em estatura moral e espiritual. A sua dimensão como pessoa humana, como obreiro de Cristo e como cristão impressionou-me fortemente ao longo dos anos em que colaborei com ele na implantação e construção da primeira Igreja do Nazareno nos Açores. A sua dedicação, sua entrega e seu empenho para com a causa missionária marcaram a minha vida cristã [...] O dr. Mosteller possuía um grande coração [...] um coração compassivo, cheio de amor pelos perdidos. [...] Ele cativava a todos com a sua forma dócil e franca, incutindo em suas almas a necessidade dum Salvador pessoal e presente em suas vidas [...] Uma outra característica do dr. Mosteller era de uma pessoa preocupada com o bem estar dos outros. Ele não escondia a mão na hora de ajudar [...] Tudo o que ensinava aos outros, fazia também. O seu testemunho era tão fidedigno e sincero que causava forte impacto nos que o ouviam. Ele ensinava uma vida de santidade, como a Bíblia ensina, na prática do cotidiano”.

Incansável, ele era o verdadeiro sr. Evangelismo: “Dr. Mosteller fazia por dois, ou três ou quatro! De todos os missionários com quem temos trabalhado através de mais de trinta anos, ele sobressai a todos pelo seu zelo pelo evangelismo. Evangelizava de um a um, em campanhas, nas praças, nas festas – sempre e em todo lugar”.

Ainda outro testemunho de gratidão: “Agradeço a Deus por tudo o que Ele tem feito na minha vida, na minha família, na minha igreja, mas devo tudo isso a um homem que um dia se ‘despiu’ de si mesmo para se ‘vestir’ de uma vestimenta gloriosa de compaixão pelas almas e de visão espiritual por oportunidade e pessoas que Deus colocou aos seus pés. Não tenho palavras para dizer, a não ser ‘obrigado’, pastor Mosteller por ter tido a visão de parar nas ilhas dos Açores e ter compartilhado conosco o Evangelho. Que Deus o recompense de todo o seu esforço humano”. Amém!

RESOLUTOS, DESTEMIDOS, EMPREENDEDORES, VISIONÁRIOS, MOTIVADORES E ACOLHEDORES, PERSEVERANTES, INCANSÁVEIS. Simplesmente não é possível resumir o ministério e a vida dos Mostellers em uma única definição. Também não podemos resumir o ministério do casal Earl e Gladys com essas poucas definições acima. Eles “transbordam” em todas as direções!

“As coisas ficavam cada vez menores à medida em que nós nos afastávamos da terra. Primeiro os carros, depois os edifícios, as avenidas, as estradas, o rio Tejo. Em menos de um minuto já era possível enxergar os limites de Lisboa. É incrível como ‘a visão do alto’ nos faz entender melhor as coisas. Podemos identificar as estradas que conduzem os motoristas de uma cidade para outra, as pontes que transpõem rios e vales. Será que o trabalho missionário pode ser comparado a uma ponte, que conduz as pessoas a Jesus? De repente, não foi o som das turbinas, algo bem diferente dos motores dos aviões da década de 1940, mas foi a sensação de

voar por causa da obra de Deus que me fez lembrar de nossa jornada missionária. Há 45 anos fizemos nossa primeira travessia aérea do Atlântico. Parecia uma aventura. Voávamos pouco acima das nuvens. Hoje, a bordo deste enorme Boeing a jato, estou voando a 10 mil metros da terra sem qualquer solavanco. Será que a carreira missionária é mesmo assim: no começo, muitas dificuldades, e no final, o regresso para casa com tranquilidade? Gladys, antes de pousarmos, quero fazer uma oração nos ares: “SENHOR, obrigado por nos honrar com o chamado para o campo missionário!”³⁹

Temida por muitos, e adiada pelo casal Mosteller o quanto foi possível, a aposentadoria foi inevitável. Eles jubilaram-se após 49 anos – meio século! – de ministério (44 anos nos campos da África, da América do Sul e da Europa, e cinco anos pastoreando nos Estados Unidos). O tempo de ministério missionário dos Mostellers, 45 anos, só é inferior ao de pouquíssimos outros missionários, tais quais o casal rev. Bronell e sra. Paula Greer (46 anos).

Ao fazer uma pausa e olhar para trás, sentiram uma indescritível alegria por ter feito parte do desenvolvimento do Reino de Deus. Eles viram países se abrirem para o Evangelho, igrejas e Distritos se organizarem, pessoas sendo salvas e, o mais importante, o nome de Deus sendo glorificado em vários lugares do mundo e por dezenas de milhares de pessoas! O sentimento deles, porém, é de uma humildade santa. Numa paráfrase de João: não temos maior alegria do que esta: a de ouvir que os nossos filhos na fé andam na verdade ensinada pela Palavra de Deus! (3 Jo 4).

Ainda um olhar para o passado revelará a incrível versatilidade do rev. Mosteller. Evangelista, pregador, pastor, professor da EBD e do Seminário, “plantador” e construtor de igrejas, superintendente

³⁹ Os diálogos e os pensamentos das páginas 15, 181 e 182 são fictícios, mas foram baseados nos fatos narrados.

distrital, fundador de seminários, tradutor, editor, autor de livros, “repórter”, relações públicas com governos, etc. Registre-se que ele exerceu a função de superintendente e diretor da missão a maior parte do tempo de seu ministério. Observe-se que os outros ministérios foram desempenhados concomitantemente à função de superintendente ou até que a função pudesse ser delegada a outro missionário ou à liderança nacional. Evangelizar, porém, era mais do que uma tarefa pessoal, era – e ainda é – uma paixão realizada no dia a dia.

Aposentaram-se oficialmente em maio de 1990. Desde então, residem em Seattle (estado de Washington) e congregam na *Aurora Church of the Nazarene*. Nessa belíssima igreja, o casal Mosteller exerce atualmente o ministério de visitação, pois a aposentadoria não lhes tirou o ímpeto pela obra de Deus. A sra. Gladys, via telefone (usando um simples telefone, muitas pessoas podem ser missionários, pastores e evangelistas também, ela diz); ele, quando a situação exige uma visita pastoral, em pessoa. Eles sempre dizem que era – e ainda é – um privilégio fazer a obra de Deus de qualquer forma.

Tempo de parar? Não! Um exemplo ilustra a importância do ministério de visitação.

Certa ocasião, ao visitar um homem com câncer em fase terminal, o rev. Mosteller recitou alguns versículos (Jo 3:16 e outros) tornando-os pessoais para o seu novo amigo que, incrédulo, apenas agradeceu a visita. Antes de sair, uma pergunta: “Posso fazer uma oração por você?” Sempre atencioso, dois dias depois o rev. Mosteller fez nova visita. Nem bem havia aberto a porta do quarto, ele foi saudado de uma forma diferente por Ed. Logo então perguntou: “creio que essa alegria toda é porque você aceitou Jesus como o seu Salvador, não é?” “Sim, Ele está em meu coração agora!”, foi a triunfante resposta. A semente da Palavra de Deus germinou, enraizou e produziu o seu fruto no coração desiludido daquele homem. Poucos dias depois Ed foi levado para a glória de Deus.

Durante a cerimônia em homenagem a ele, muitos amigos e parentes falaram a respeito de Ed, o “velho” Ed. Ao retomar a palavra, o rev. Mosteller relatou os dois encontros que teve com Ed e concluiu evangelisticamente dizendo que não é preciso esperar pelo leito de morte para receber a Jesus como o seu Salvador pessoal. Alguém pediu a palavra. Steve relatou que visitou Ed justamente antes do falecimento. Ele disse que não reconheceu o seu velho amigo Ed, pois ele estava tão alegre e vibrante que nem parecia seu último dia de vida. Steve testemunhou poderosamente sobre a salvação do seu amigo Ed. Por fim, Steve apresentou a neta que havia orado com fervor pela salvação do seu querido avô. Seus olhos cheios de lágrimas testificavam a alegria de saber sobre o que aconteceu nos últimos dias de vida dele. Houve um quebrantamento geral. Era muita emoção até mesmo para um evangelista experiente. Oração atendida; glória a Deus! Muito pode pela sua eficácia a súplica do justo e o trabalho do evangelista.

A propósito, somos imensamente gratos a essa igreja, pois os irmãos de *Aurora* têm provido todo o cuidado que os nossos heróis da fé precisam. Cuidam da saúde, da moradia, da alimentação, da manutenção da casa, do jardim, do carro e de outras coisas mais que se fazem necessárias para um casal nonagenário. Essa igreja investe amor e carinho em pessoas que investiram seus talentos, seus recursos, sua vida – tudo – no ministério missionário. A SNMM local, ao homenageá-los, batizou um dos seus grupos com o nome deles: *Mostellers Missionary Chapter*.

Uma frase de um dos ministros da *Aurora Church of the Nazarene* a respeito dos Mostellers resume tudo: “Eles são um ícone!”, pois são pessoas que personificam o ministério missionário nazareno da segunda metade do século XX. Ficam o elevado padrão de santidade e o comprometimento do casal Mosteller como exemplos e desafios para as novas gerações. Porém, mais do que missionários e

pastores, são verdadeiros homem e mulher de Deus.

Aqueles primeiros colegas e os discípulos nazarenos que tiveram a oportunidade de conviver com esses missionários em Cabo Verde, no Brasil, em Portugal e nos Açores sempre se referem a eles da forma mais respeitosa e elevada que se pode mencionar. Para esses irmãos, a convivência com pessoas tão exemplares gerou neles o desejo de também buscar em suas próprias vidas o mais elevado padrão de santidade. Aliás, padrão de santidade foi uma definição recorrente ao se referirem ao casal Mosteller.

No editorial *Chegando aos 100 Mil* do *Boletim Informativo do Jubileu Nazareno*, de julho de 2008, o rev. Aguiar Valvassoura, diretor da Subregião Brasil e pastor titular da Igreja do Nazareno Central de Campinas, justamente a primeira organizada por esses missionários no Brasil, afirmou:

“Em outubro de 1958 éramos uma dúzia! [O rev. Charles] ‘Chuck’ Gates dizia que toda a Igreja do Nazareno no Brasil cabia em uma van! Agora, com a chegada do nosso Jubileu de Ouro, estamos batendo na casa dos 100 mil! Qual a causa de tão fantástico milagre?

“Dedicação – os primeiros missionários eram pessoas dedicadas à Causa e trabalharam sacrificialmente. Distâncias longas, poucas igrejas e pequena quantidade de membros não eram empecilhos para eles. Por duas décadas esses fantásticos pioneiros desbravaram o campo e implantaram as primeiras igrejas do Nazareno no Brasil.

“Visão – a visão é o combustível da alma. Éramos cheios de sonhos e visões. Falávamos em mil igrejas em poucos anos e, mesmo que isso não tenha acontecido, tínhamos a utopia que motiva a ver o invisível, crer no impossível e tocar no intangível. E aos poucos fomos construindo nossos caminhos em meio a toda a nação.

“Motivação – lembro-me, como jovem recém-convertido, dos sermões intermináveis do nosso líder dr. Mosteller, dando a motiva-

ção que precisávamos. Pregar santidade, viver santidade, anunciar santidade é a nossa motivação. Éramos desafiados a deixar os nossos empregos. O que fiz quando fui desafiado a ir a outra área do país e seguir os passos do meu mentor [rev.] Jaime Kratz.

“Sacrifício – sim, a palavra usada na época. Sacrifício. Não era para dar do que sobrava, mas tudo. Aprendemos a dar tudo. Primeiro, nós mesmos e, depois, naturalmente nossas coisas. Sinto falta desse espírito em nossos dias.

“Obediência – a voz de Deus era ouvida. Sim, era ouvida. Orávamos e perguntávamos a vontade de Deus para nossas escolhas e decisões. Sempre, a soberana vontade do SENHOR da Igreja está em primeiro lugar. Não buscávamos nossos interesses, mas sim a vontade de Deus.

Chegamos ao tempo da celebração. Não somos mais uma dúzia de nazarenos, somos milhares. Cem mil! Entraremos pelas portas de um grande estádio, onde reuniremos 25 mil pessoas para celebrar a nossa fé, a nossa missão e a nossa herança. Sim, somos nazarenos! Temos orgulho disto!”

Obrigado rev. Earl e sra. Gladys Mosteller. Obrigado sras. Kathleen, Virginia e Elizabeth. Nós, os nazarenos de Cabo Verde, do Brasil, de Portugal e dos Açores amamos vocês! Glória a Deus pela grande e relevante obra que vocês fizeram pelo Reino de Deus. Que o SENHOR continue a abençoá-los abundante e poderosamente.

PREZADA(O) IRMÃ(O) que recebeu o chamado de Deus,

Estou muito contente por você sentir em seu coração que a vontade de Deus para você é que você O sirva como um missionário. Graças a Deus, pois Ele honrou você com um chamado!

A primeira e mais importante qualidade necessária para ser um missionário bem-sucedido é amar a Deus com todo o seu coração, mente, alma, corpo e força; e a seu próximo como a você mesmo (Lucas 10:27).

Pode ser uma surpresa para você, mas o maior problema para os missionários é o relacionamento interpessoal. Essa questão, porém, pode ser superada com a aplicação do princípio de fazer aos outros aquilo que você gostaria que eles fizessem a você (Lucas 6:31).

O seu bom trabalho será percebido pelas pessoas e Deus será glorificado (Mateus 5:16). Mas, cuidado, pois sem a presença contínua de Deus em sua vida, você será apenas uma pessoa

falsa, orgulhosa e jactanciosa fazendo um show religioso ou chamando a atenção para você mesmo e para as coisas que você tem feito.

Uma vida santa fará que as pessoas queiram conhecer Quem você conhece. O Espírito Santo ministrará a você todos os ensinamentos de Jesus. Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo virá morar continuamente com você. A Trindade será vista – Deus presente – fazendo a sua morada em você (João 14:23-26). Glória a Deus! Que vida incrivelmente atrativa você vai viver!

No seu dia a dia, a partir da hora em que você se levantar pela manhã, deixe o SENHOR saber que a sua agenda está totalmente submissa às alterações que Ele quiser fazer.

Aprenda e guarde os nomes das pessoas. Ao conhecer as pessoas, procure criar amizade com elas de uma forma que elas façam perguntas a seu respeito.

Ore, ore e ore sem cessar. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, Deus realmente responde às orações. Literalmente. Leia João 14:13-14. Glória, glória, glória a Deus!

Tenho certeza de que você cumprirá bem a sua missão, pois você tem a ajuda do poderoso Consolador (Jo 14:15-17).

Amo você, mas o melhor de tudo é saber que Deus o ama, e Ele o ajudará a ser bem-sucedido.

Earl e Gladys Mosteller

Breves reflexões e conselhos aos líderes

Sempre atento às questões pastorais, o rev. Mosteller elencou alguns conselhos aos novos ministros. Entre um e outro podemos identificar, a seguir, o seu estilo de liderança enérgica, mas amorosa.

Hoje, temos de nos aperfeiçoar quanto ao que alcançamos ontem; e assim infinitamente. Para isso, devemos buscar o autodesenvolvimento, o crescimento na graça de Deus e o aprofundamento na intimidade com o Senhor Jesus, além da memorização da Palavra. Há uma urgência em cumprir os propósitos de Jesus Cristo em nossas vidas, mas, devido à sua urgência, a prioridade é a Grande Comissão.

Devemos fazer “todo esforço” para não cair em desobediência ou servir ao SENHOR apenas de palavras, sem compromisso. Essas duas atitudes nos levariam ao pecado, pois “nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21). Por outro lado, é a completa e verdadeira entrega e consagração ao SENHOR que nos levará a uma vida cristã autêntica e plena com o Espírito Santo.

No ministério, sempre surgirão questões legítimas, mas paralelas, demandando mudança de foco. Um exemplo: após receberem o chamado de Jesus, alguns discípulos disseram “mas deixa-me primeiro...”. O rev. Mosteller nos adverte que todos seremos tentados a deixar o trabalho do Reino de Deus em segundo plano, ou preencher o tempo apenas com lazer ou coisas agradáveis, mesmo na igreja. É prudente decidir antecipadamente para não cair em tentação.

Outro perigo para o ministério é o sincretismo entre a fé cristã e a cultura secular. Essa fusão de valores religiosos com elementos culturais, apesar de parecer um caminho fácil para evangelizar, revela-se geralmente como uma terrível armadilha. Via de regra, os elementos culturais apelam ora para um falso raciocínio lógico, ora para questões sentimentais; são amarras que se interpõem entre Deus e o

homem. Por outro lado, os princípios da fé cristã são inegociáveis.

Uma grande alegria para qualquer servo do Senhor Jesus é ver os discípulos formando novos discípulos. Porém, entre um indivíduo confiante e extremamente talentoso e alguém menos dotado de habilidades, mas que ama a Deus e ao próximo de todo o coração, o rev. Mosteller escolheria o menos talentoso, tendo em mente quem seria o melhor colaborador para o Reino de Deus. Quanto à próxima geração, devemos aproveitar cada oportunidade para “plantar” os valores bíblicos no coração das crianças. A colheita será abundante.

Ao lembrar que os primeiros cristãos viviam dispersos pelo Império Romano e, portanto, longe do pastoreio dos apóstolos, e mesmo assim eles se multiplicavam, usando apenas os seus testemunhos e a manifestação do poder de Deus para evangelizar. O rev. Mosteller ressalta que “são as ovelhas que geram as ovelhas”, mas ainda nos compete a tarefa de pregar, fazer discípulos e cuidar do rebanho.

Ao ressaltar a importância das pessoas, especialmente daquelas que conseguem transformar o ambiente da igreja em um lugar caloroso, atrativo e ganhador de vidas, o rev. Mosteller faz um desafio. Ele propõe lermos os versos 4 a 8 de I Co 13, a passagem clássica do amor, e colocar os nomes dessas pessoas no lugar da palavra amor. Ficaria assim: *a Gladys é paciente, é benigna; a Gladys não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.*

Por fim, o rev. Mosteller chama a atenção para o dilema do crescimento das igrejas. A ênfase cultural invariavelmente ressaltará o esforço humano em prover o crescimento numérico da membresia. Porém, é o crescimento na graça e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo que irá gerar o maior de todos os crescimentos, a segunda obra da graça, a santificação.

Principais referências bibliográficas⁴⁰

- GUERREIRO, Maria João. **Portugal**: a place of refuge. Kansas City: Nazarene Publishing House: 1999 (1999-2000 NWMS Reading books); 78p.
- IGREJA DO NAZARENO (Church of the Nazarene). **Good morning! Church of the Nazarene**: 100 years of snapshots and memories, 1908-2008. Kansas City: Nazarene Publishing House, 2009. 192p.
- INGERSON, Stan; RASER, Harold E.; WHITELOW, David P. **Our watchword and song**: the centennial history of the Church or the Nazarene. Kansas City: Beacon Hill Press, 2009. 733p. Editor: Floyd Cunningham.
- JUDT, Tony. **Pós-guerra**: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 847p.
- KENNEDY, Robert Francis. **O desafio da América Latina**. [São Paulo]: Laudes, [s.d.]. 190p.
- LEITE, António Jaime Nobre. **Encontros Memoráveis**. Tauton, MA (USA): [s.n.], 2008. 206p.
- LOEBER, Kathleen Mosteller. Sold out in sagebrush. In: NELSON, Dean. **They saw only feet**: more life lessons from missionary kids. Kansas City: Nazarene Publishing House, 2007. -- (2007-8 NMI Mission education resources); p. 61-68.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES Filho, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 279p.

⁴⁰ As demais referências e as outras fontes da pesquisa estão disponíveis em: www.missionariosnazarenos.pro.br.

- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 682p.
- MOSTELLER, Earl Elwood. **Cape Verde travelogue**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1958. 80p.
- _____. **Excerpts of the Brazil Story from January 10, 1958 to June 8, 1973**. Seattle: [s.n.], 2007. Notas pessoais.
- _____. **Portugal and Azores**. Seattle: [s.n.], 2007. Notas pessoais.
- _____. Earl and Gladys. Brazil: my heart was telling me. In: GISH, Carol. **Here am I: the story of young people God called to the foreign mission field**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1960. p. 32-35.
- _____; GATES, Charles Wise e DENTON, William Ronald. **Brazil diary: glimpses into our missionary adventures during beginning days in Brazil**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1961. 95p.
- PARKER, J. Fred. **Mission to the world: a history of missions in the Church of the Nazarene through 1985**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1988. 681p.
- PEREIRA, Raquel Alves Espinhal. **The history of the Church of the Nazarene in Portugal**. European Nazarene College. Büsingen, Switzerland: 1982; 7p. Monografia apresentada na disciplina History and Development of the Church of the Nazarene.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 24. ed. Mem Martins, Portugal: Europa-América: 2007. 375p.
- SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 356p.
- TINK, Fletcher L. **Under the ombu tree**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 2009 (2009-10 NMI Mission education resources); 96p.
- TRACY, Olive G. **The nations and the isles**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1958.